UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação

Melissa Maria de Freitas Andrade

**NEGRITUDE EM REDE: DISCURSOS DE IDENTIDADE, CONHECIMENTO E
MILITÂNCIA – *Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011)***

VERSÃO CORRIGIDA

SÃO PAULO
2012

Melissa Maria de Freitas Andrade

**NEGRITUDE EM REDE: DISCURSOS DE IDENTIDADE, CONHECIMENTO E
MILITÂNCIA – *Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011)***

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação e
Historiografia

Orientadora: Prof^a Dr^a Paula Perin Vicentini

SÃO PAULO

2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

572
A553n

Andrade, Melissa Maria de Freitas

Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância – Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011). Melissa Maria de Freitas Andrade; orientação Paula Perin Vicentini. São Paulo: s.n.; 2012.
139 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Identidade Negra 2. Redes Sociais 3. Inteligência Coletiva 4. Ciberativismo 5. Orkut 6. NEGROS I. Vicentini, Paula Perin, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

MELISSA MARIA DE FREITAS ANDRADE

**NEGRITUDE EM REDE: DISCURSOS DE IDENTIDADE, CONHECIMENTO E
MILITÂNCIA – *Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011)***

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação e
Historiografia

Orientadora: Profª Drª Paula Perin Vicentini

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profª Drª Paula Perin Vicentini – FE/USP

Prof. Dr. Kabengele Munanga – FFLCH/USP

Prof. Dr. Rafael dos Santos – FE/UERJ

**A o meu pai,
Onde quer que esteja.**

AGRADECIMENTOS

A minha mãe que, ao seu modo, se fez presente.

À Márcia, Mércia, Miriam e Marcelo, irmãs e irmão, por tanta coisa que não caberia aqui.

À Professora Paula Perin Vicentini pela companhia no percurso da tentativa de compreensão de um fenômeno novo. Pela atenção em todos os momentos da pesquisa e pelo equilíbrio inspirador entre seriedade e serenidade.

Aos professores Kabengele Munanga, Jose Carlos Sebe Bom Meihy, Denice Catani e Roseli Fischmann por tudo que aprendi em suas aulas, nas disciplinas da pós-graduação. Aos professores Antonio Sergio Alfredo Guimarães e Rafael dos Santos pelas valiosas críticas ao texto apresentado no exame de qualificação.

Ao William, por acompanhar tão de perto essa jornada. Muito mais de perto do que creio que gostaria, inclusive. Obrigada por encontrar, dentro da sua rotina, momentos para me ouvir e para me ler.

Às amizades feitas no correr e em virtude da pesquisa empreendida nas redes sociais. Em especial aos colaboradores desse trabalho: Luzia, Francisco e Dojival, por aceitarem ser entrevistados.

Aos meus amigos Sheila, Renata, Grazielle, Panthro, Neto, Marcos e Aline. Por ser quem são.

À Valéria, eterna “chefe”, pela ajuda com os horários na época das aulas do mestrado. À Cris Inácio, Cida e Luciene pela torcida e encorajamento.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Aspiro ao ensino que decorrerá do encontro dos nossos aprendizados (...). Talvez do nosso diálogo possa emergir um ensino capaz de nos reconciliar a ambos no interior daquela indivisibilidade humana, onde nada que seja humano nos é estranho.

Sueli Carneiro

RESUMO

ANDRADE, Melissa Maria de Freitas. **Negritude em rede: discursos de identidade, conhecimento e militância - Um estudo de caso da comunidade NEGROS do Orkut (2004-2011)**. 2012. 139 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Mediante o estudo das atividades relacionadas à comunidade NEGROS – presente no Orkut desde 2004 e que, atualmente, reúne 36.000 membros -, este trabalho busca contribuir para identificar o papel das redes sociais no que diz respeito à construção de conhecimentos e ao desenvolvimento de iniciativas destinadas a combater o racismo no Brasil. As novas tecnologias ampliaram significativamente os veículos de comunicação e de informação existentes e permitiram que as redes sociais ganhassem grande expressão nos últimos anos, de maneira que não é possível ignorar o potencial formativo desses meios. Por essa razão, optou-se pelo estudo de uma das primeiras comunidades criadas na rede social Orkut com vistas a congregar pessoas com interesse pela situação do negro no Brasil. Tal estudo privilegiou a análise dos discursos produzidos a respeito da identidade negra em dois tópicos do fórum da comunidade voltados especificamente para a autodeclaração racial. Para compreender o processo de constituição da identidade negra, recorreu-se aos aportes teóricos de, entre outros, MUNANGA (2009) e FERREIRA (2000); já o entendimento do ciberespaço – e, especificamente, da comunidade estudada – como espaço de saber e dos coletivos inteligentes teve como referência o trabalho de LEVY (1999). Pretendeu-se, também, investigar de que maneira os membros veem a referida comunidade e seus conteúdos, buscando ainda reunir elementos sobre o grau de participação dos mesmos. Para isto, foram realizadas entrevistas com três integrantes com perfis bastante distintos, mas com grande expressão no grupo. A análise dos dados coletados mostrou que os discursos de identidade negra são construídos de modos diferenciados, mesmo que a comunidade invoque certa homogeneidade. Foi possível captar nas falas dos membros da NEGROS desde a consciência da opressão histórica-política até o orgulho do pertencimento, passando pelo sofrimento causado pelo preconceito. Além disso, foi possível constatar que as possibilidades de socialização da comunidade potencializam a construção coletiva de conhecimentos relativos à identidade do grupo. Por fim, deve-se assinalar que o presente trabalho deteve-se nas discussões sobre o potencial ativista das redes sociais que, recentes como são, ainda suscitam várias polêmicas sem, entretanto, oferecer respostas definitivas a esse respeito.

Palavras-chave: Identidade negra; redes sociais; inteligência coletiva; ciberativismo; Orkut; NEGROS.

ABSTRACT

ANDRADE, Melissa Maria de Freitas. **Online blackness: discourses of identity, knowledge and militancy – a case study of the community NEGROS (Black People) at Orkut (2004-2011)**. 2012. 139 pp. Thesis (Master's degree in Education) – College of Education, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

By means of the study of the activities related to the community NEGROS (Black people) – at Orkut since 2004 which has had 36.000 members up to now –, this work aims to identify the role of the social networks concerning the construction of knowledge and the development of initiatives to fight racism in Brazil. The new technologies have significantly increased the existent means of communication and information and allowed the social networks to obtain great expression in the last years; therefore it is impossible to ignore the formative potential of those means. For that very reason, we have chosen to study one of the first communities created at Orkut with the purpose of inviting people interested in the situation of the black people in Brazil. Such study emphasized the analysis of the discourses produced concerning the black identity in two forum topics of the community which specifically comprehended the self-declaration of race. In order to understand the process of the constitution of the black identity, we investigated MUNANGA's (2009) and FERREIRA's (2000) theories, among others; to understand the cyber space – and, specifically, the community studied as a space of knowledge and intelligent collectives, we referred to LEVY's work (1999). We also aimed to investigate how the members see the community and its contents, trying to group elements about their degree of participation. We accomplished interviews with three members with very distinct profiles but with a great contribution in the group. The data analysis showed that the discourses of the black identity are built in different ways, even though the community evoked certain homogeneity. It was possible to apprehend in the members' discourses from the consciousness of political-historical oppression to the pride of being part of the group, through the suffering caused by prejudice. Besides, it was possible to verify that the possibilities of socialization of the community developed the collective construction of knowledge related to the group identity. Finally, we should stress that the present work was limited to the discussions about the activist potential of the recent social networks that have still given rise to many polemic issues without, however, offering definitive answers to this subject.

Keywords: Black identity; social networks; collective intelligence; cyber activism; Orkut; NEGROS (Black people).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Apresentação - O Orkut como fonte	20
Capítulo 1 - Conceitos fundamentais: raça, cor, etnia e identidade negra	
1.1 Raça e Etnia	23
1.2 Raça e Cor no Brasil	26
1.3 Identidade negra	28
Capítulo 2 - Negritude e Internet	
2.1 Antes do Orkut	34
2.2 A comunidade NEGROS	36
2.3 O fórum da comunidade	39
2.4 Discursos de identidade negra	42
2.4.1 Negro, Moreno Escuro e Claro	42
2.4.2 Sou MULATO, filho de pais Negros(as) & Brancos(as)	54
Capítulo 3 - A militância e a comunidade NEGROS na voz de seus membros	
3.1 Motivações para o ingresso na comunidade	62
3.2 Militância virtual	71
3.3 O conhecimento em rede	78
Considerações Finais	85
Referências	90
Apêndices	
Apêndice A – Entrevista com Luzia	95
Apêndice B – Entrevista com Francisco	112
Apêndice C – Entrevista com Dojival.....	125

INTRODUÇÃO

Antes restrita aos círculos acadêmicos e instituições governamentais, a internet, hoje, já não pode ser considerada elitista. Pesquisas realizadas por diversos institutos apontam não só o aumento no número de brasileiros que acessam a rede mundial de computadores, mas também uma participação cada vez maior das classes C, D e E. O Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE)¹ aponta que são 77,8 milhões o total de pessoas com acesso à internet no Brasil e que o tempo dedicado à permanência na rede gira em uma média de 69 horas por mês². Além disso, a Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil) aponta um aumento de 90% (comparados os anos de 2010 e 2011) no número de acessos à internet através de aparelhos de telefone celular³.

Trazendo tais números, não queremos desconsiderar que ainda persista em nosso país o fenômeno da exclusão digital. O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC), em estudo que considera os dados dos censos demográficos e das PNADs⁴, apura que ainda são 52% os brasileiros que não navegam na rede mundial de computadores. Entretanto, o sociólogo Manuel Castells, que estuda a interferência das tecnologias de informação e comunicação nas estruturas sociais desde os anos 90, nos diz que "nunca um meio de comunicação teve alcance tão maciço" (CASTELLS, 2012). Nossa proposta de estudo considera que a existência e o alcance das redes sociais justificam esse recorte.

Segundo dados da comScore⁵, as redes sociais já fazem parte do cotidiano de 90% de internautas brasileiros. Dentre as redes preferidas pelos internautas brasileiros, as que ocupam os primeiros lugares são, atualmente, o Facebook e o Orkut. Cabe salientar que apenas em

---

¹Empresa de capital privado, o IBOPE é especialista em pesquisas de mercado. Atua há 69 anos.

²Disponível em:

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>. Acesso em: 14 mar. 2012.

³Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/07/acesso-internet-3g-cresce-90-no-semester.html>>. Acesso em: 14 mar. 2012.

⁴Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Realizada anualmente (exceto nos anos censitários) pelo IBGE, a Pnad cobre quase todo o território nacional e capta informações gerais: moradia, educação, renda etc.

⁵A comScore é uma empresa de pesquisa de mercado no mundo digital. Segundo informações veiculadas em sua página na Internet, é a líder neste segmento. Em março de 2011 foi credenciada junto ao Conselho Executivo das Normas-Padrão (CENP) como provedor de pesquisa reconhecido. "Com a decisão, os estudos da comScore podem ser aceitos de acordo com o Anexo A das Normas-Padrão, que define exigências de compra de pesquisas de mídia pelas agências de acordo com seu porte e estabelece contrapartidas para os provedores de pesquisa". Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2011/04/19/cenp-credencia-comscore-como-provedor-de-pesquisa-no-brasil/>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

meados de agosto de 2011 o Orkut (lócus de nosso estudo) perdeu o posto de liderança para o Facebook⁶, após sete anos ocupando a primeira posição entre os usuários brasileiros.

As redes sociais, com suas interfaces amigáveis⁷, permitem que mesmo um usuário sem muita experiência crie seu perfil, conecte-se com diversas pessoas, compartilhe conteúdos autorais ou preexistentes no ciberespaço (por vezes inserindo também seu posicionamento: apreço, repúdio etc.) e participe de comunidades (Orkut) ou grupos (Facebook) para discutir os mais diversos assuntos. Não é intenção deste estudo traçar uma comparação entre as redes sociais Orkut e Facebook. Como nosso estudo de caso refere-se à primeira rede, nos deteremos em suas características.

O Orkut foi criado em 2004. Seu nome deriva de seu criador: Orkut Buyukkokten, cientista da comunicação formado pela Universidade de Stanford. Sua finalidade é possibilitar que seus membros criem uma rede de contatos, que pode ou não ser constituída por amigos, e participem de (e/ou criem) comunidades virtuais sobre os mais diversos interesses. Ao optar por fazer parte do Orkut⁸, é ofertada ao membro a opção de preencher seu perfil com informações a seu respeito: estado civil, cidade e país onde mora, orientação sexual, pertencimento racial, filmes favoritos etc. Essas informações podem ser alteradas a qualquer momento pelo dono do perfil. O usuário pode inserir uma imagem que permanecerá em seu perfil. Ele pode também criar álbuns, divididos ou não por algum tema, e ter uma espécie de livro de mensagens, o *scrapbook*. Nele, o usuário recebe mensagens de sua rede de forma livre ou reservada (basta que configure suas opções de privacidade). As mensagens ficam gravadas e expostas caso o usuário queira.

As comunidades criadas pelos usuários contam, além do nome e descrição, com uma imagem para representá-las. Essa imagem não é obrigatória, mas é muito comum sua presença. O criador da comunidade pode configurá-la como preferir. As postagens dos membros podem ser ou não anônimas e o ingresso na comunidade pode ser ou não controlado. Nas comunidades do tipo *moderadas*, o ingresso de um membro passa antes pela aprovação do dono ou dos *moderadores* (um ou mais membros que o dono designa para

---

⁶Dado oriundo de pesquisa realizada pela Ibope Nielsen Online divulgada em setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=Not%EDcias&docid=C2A2CAE41B62E75E83257907000EC04F>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

⁷O conceito de "interface amigável" pauta-se num sistema que transmita ao usuário uma sensação de que é fácil operá-lo por ter comandos praticamente intuitivos.

⁸Basta possuir uma conta de e-mail ativa. Até 2006 era necessário receber um convite de alguém que já fosse membro. Hoje, segundo a página "Termos de serviço", é preciso ter idade igual ou maior a 13 anos para tornar-se membro. Entretanto, não há nenhum mecanismo para aferir a idade que o sujeito tem ao criar o perfil. Na guia "Recomendações para usuários adolescentes" há a orientação para que os pais monitorem os usos que seus filhos fazem do site. Também disponibilizam um link para denúncias por menores de idade de algum tipo de assédio sexual que tenham sofrido através de mensagens.

auxiliá-lo na administração da comunidade). Ao acessar a página de uma comunidade, podemos ver a data de sua criação, o número de membros naquele momento, algumas comunidades relacionadas, os cinco tópicos⁹ mais recentes ou com postagens¹⁰ recentes, eventos relacionados à comunidade além da imagem dos membros (oito) que acessaram a comunidade mais recentemente. Nesses espaços são promovidos debates e informações são divulgadas. Pelo fato de ser um lugar de sociabilidade, há a possibilidade de conhecer pessoas com os mesmos interesses, construindo laços que podem ser mais ou menos frágeis. Esses agrupamentos, as comunidades do Orkut, podem girar em torno da união de colegas de uma instituição de ensino, admiração por algum artista ou gênero musical, troca de receitas culinárias, junção de profissionais de determinada área, ódios (eu odeio cigarro, quem maltrata os animais, lavar louça, filme dublado etc.) e amores (eu amo minha mãe, meu cachorro, meu nome, meu time etc.) diversos. Certamente há comunidades marcadas pela futilidade e pelo senso comum, mas elas convivem com espaços onde se discutem temas da atualidade e socialmente relevantes como a educação pública, política e justiça social.

A possibilidade de relacionar-se com pessoas que tenham os mesmos interesses pode aumentar o capital social do indivíduo, excedendo inclusive os limites do mundo virtual. Outro aspecto a ser considerado é que a reunião de sujeitos com interesses em comum possibilita a circulação de informações de qualidade sobre o que as interessa. Segundo Raquel Recuero, a interação social ocorrida nas comunidades do Orkut pode ser apropriada como ferramenta de construção de identidades. As pessoas estariam “utilizando essas comunidades como forma de construir uma perspectiva de quem se é no sistema” (RECUERO, 2009, p. 91).

Esta pesquisa propõe o estudo das atividades relacionadas à comunidade NEGROS¹¹ no Orkut, com vistas a contribuir para identificar o papel das redes sociais no âmbito das iniciativas voltadas para a afirmação de uma identidade racial e no combate ao racismo. O advento das novas tecnologias permite uma pluralidade de veículos de informação e comunicação e, por esse motivo, não se pode ignorar o potencial formativo delas. Mesmo sabendo que nem a internet nem as redes sociais virtuais foram criadas para atender a objetivos educacionais, é importante considerar que as pessoas é que se apropriam desses meios para criar novas formas de se relacionarem com o mundo. Nesse sentido, cabe indagar:

---

⁹Qualquer membro pode abrir um tópico dentro do fórum da comunidade. A página inicial da comunidade irá mostrar os tópicos mais recentemente criados e/ou os que receberam algum tipo de comentário recente.

¹⁰Chamamos postagem cada comentário feito num tópico.

¹¹Manteremos o mais fielmente possível os textos como são grafados pelos usuários do Orkut. NEGROS está grafado desse modo na página da comunidade, em caixa alta.

de que maneira os membros da NEGROS constroem discursivamente a identidade racial negra? Para dar conta dessa questão, este estudo empreendeu uma análise do perfil apresentado pela comunidade e dos discursos produzidos em duas discussões encaminhadas no fórum mantido pela mesma. Convém salientar aqui que a comunidade estudada não é a única dessa rede social com esse perfil. Convivem com ela outras como BELEZA NEGRA, Orgulho Negro, MORENO(A) NÃO, EU SOU NEGRO(A) entre muitas outras do tipo.

Além disso, procurou-se investigar de que maneira os membros percebem a referida comunidade, como se apropriam do espaço e seus conteúdos. Segundo Alejandro Portes (2000), o envolvimento e a participação em grupos pode ter consequências positivas para o indivíduo e para a comunidade. Retomando Pierre Bourdieu, o referido autor afirma que “os benefícios angariados por virtude da pertença a um grupo são a própria base em que assenta a solidariedade que os torna possíveis” (BOURDIEU, 1985 *apud* PORTES, 2000). Nessa perspectiva, foram entrevistados três membros da comunidade, uma pequena parte da rede: Luzia, Francisco e Dojival¹². Seguindo o que se denomina em História Oral de “entrevista ponto zero” (MEIHY; HOLANDA, 2007), Luzia foi a desencadeadora dos demais contatos com colaboradores. As entrevistas semiestruturadas foram gravadas entre novembro e dezembro de 2010. Os textos foram transcritos por mim e remetidos a cada um dos entrevistados para revisão e autorização do uso nesse trabalho. Respeitamos as supressões e alterações efetuadas. Buscamos compreender, além das pistas deixadas pelos registros textuais na rede social, as motivações do ingresso, a percepção sobre os conflitos travados na comunidade e se a pertença tem alguma dimensão em suas vidas. Para Recuero:

É preciso, assim, estudar não apenas a existência das conexões, mas, igualmente, estudar o conteúdo dessas conexões, através do estudo de suas interações e conversações. Esse conteúdo pode sim auxiliar a compreender também a qualidade dessas conexões de forma mais completa (RECUERO, 2009, p. 54).

Tomando a identidade forjada no ciberespaço, consideramos o peso das conexões estabelecidas pelo sujeito na rede social. É nesse sentido que a estruturação e a organização em rede constituem um “espaço de saber” (LEVY, 1998 *apud* SANTOS, 2002). A troca de conhecimentos possibilitada pelas novas tecnologias da internet contribuiria para a formação de novos saberes, com base em todo o intercâmbio que possibilita. Coaduna com esse autor a definição de conhecimento elaborada por Adilson Citelli (2001):

---

¹²Todos optaram por manter seus nomes reais.

O conhecimento não se confunde e nem se restringe, malgrado possa compreendê-la, com a informação, tampouco se limita aos procedimentos enciclopédicos, à acumulação dos dados presos à referencialidade das situações. O território do conhecimento passou a ser, nas sociedades pós-industriais, o da maior capacidade de significar, de buscar o sentido das situações, de formular e de responder desafios impostos pelos projetos científico-políticos, pelas variadas demandas humanas, pelos imperativos tecnológicos (...). Ademais, como o conhecimento tende a se fazer em rede, em conexões envolvendo grupos, centros de pesquisa, instituições de ensino, se tornou descentrado – entendendo os limites socioeconômicos do enunciado – perdendo muito daquela característica real ou aparentemente individual que teve na sociedade industrial. (CITELLI, 2001, p. 64).

A comunhão de pessoas – obviamente nos referimos àquelas que têm disponíveis os meios técnicos necessários para utilizar a internet – de diversos estratos sociais e localizadas em diferentes pontos do planeta contribui para a troca de experiências e visões de mundo. Esse fator potencializa (o que não quer dizer que por si só faça acontecer) o aprender e ensinar mediante o intercâmbio de discursos e pelo *hipertexto*:

O hipertexto vem auxiliar o ser humano na questão da aquisição e assimilação do conhecimento, pois tal como o cérebro humano, ele não possui uma estrutura hierárquica e linear, sua característica é a capilaridade, ou melhor, uma forma de organização em rede. Ao acessarmos um ponto determinado de um hipertexto, conseqüentemente, outros que estão interligados também são acessados, no grau de interatividade que necessitamos (ARAÚJO, 2008).

O crescente interesse acadêmico pelo ciberespaço – a internet e a gama de informações que ela propicia – justifica apenas em parte essa proposta de estudo. A pesquisa forma-se também a partir da experiência vivida e, nesse caso, creio ser válido explicitar o local de onde escrevo: sou negra e, como pesquisadora e cidadã, uma questão que me interessa particularmente são as relações raciais em nosso país.

Por qualquer que seja o ângulo, a população negra vive em situação de desvantagem. A Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) informa que, em 2010, o rendimento médio por hora recebido pelos ocupados negros equivalia a 60,4% daquele auferido por não negros¹³. Os dados do último censo apontam que a taxa de analfabetismo é maior entre pessoas negras do que entre pessoas brancas, 13 e 5,9% respectivamente. Há uma série de outros dados do tipo, em publicações como o *Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil; 2009-2010*, organizado, entre outros, por Marcelo Paixão, economista do Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais.

¹³Disponível em:

<http://www.seade.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1084&catid=8:noticias>. Acesso em: 14 mar. 2012.

Entre os anos de 2000 e 2007, o ingresso de negros¹⁴ na USP aumentou de 6% para 11,8%. Apesar de quase dobrar, a proporção ainda é muito menor que a de alunos brancos (73,6% em 2007). Dentro dessas estatísticas, figuro-me. Ingressei na Universidade de São Paulo em 2002, aos 21 anos, tendo realizado o ensino fundamental e o médio numa escola pública localizada na periferia da zona sul da cidade de São Paulo. O acesso se deu por via de um dos cursos menos prestigiados da universidade, Letras, e a relação candidato/vaga foi fator crucial para a "escolha" da carreira. À época, a instituição já possuía uma política de isenção da cobrança de taxas para a realização do vestibular por alunos oriundos da rede pública de ensino e dela me beneficiei. Também esse foi fator que influenciou meu acesso.

Ao iniciar meus estudos universitários, não foi difícil comprovar a realidade dessa estatística: mesmo nas salas superlotadas do prédio que abrigava o curso de Letras, era notório que quase todos os meus colegas tinham a pele mais clara que a minha. O mesmo se deu ao frequentar o prédio da Faculdade de Educação (como aluna de licenciatura e como estagiária) a partir de 2003 e o complexo da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (como funcionária) a partir de 2005. Durante quase cinco anos exerci a função de Técnica Acadêmica na Seção de Pós-Graduação da FEA. Posso contar, sem esforço, quantos alunos negros de pós-graduação encontrei durante esse período, sendo que parte deles era composta por alunos estrangeiros, em virtude dos convênios estabelecidos pela unidade.

Em *Raça como retórica: a construção da diferença* (2001), as pesquisadoras Yvonne Maggie e Claudia Barcellos Rezende problematizam o estatuto do termo "raça" do seguinte modo:

O "problema" existe para os acadêmicos que construíram o campo ou é um problema brasileiro? Ou seja, até que ponto o resultado das pesquisas e a autoridade dos pesquisadores contaminam o campo? Existem diversas ordens em que a questão pode ser colocada? Uma mais acadêmica e outra mais do senso comum? (MAGGIE; REZENDE, p. 15).

Empreender uma pesquisa nas redes sociais mostrou-se um caminho possível para explorar esse aspecto, qual seja, o estatuto de raça nas relações estabelecidas no cotidiano. Na busca de um elemento agregador de indivíduos negros, elegemos palavras-chave diretamente

---

¹⁴Negros, neste caso, considerados como a soma das categorias "preta" e "parda" utilizadas no formulário de inscrição da FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular). Os dados constam no relatório elaborado pelo Prof. Dr. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (Depto de Sociologia da USP), "OBSERVA – Acompanhando ações afirmativas na educação superior no Brasil", financiado pela Fundação Ford, e adaptado para ser apresentado ao Studies of Global Discrimination Conference at Princeton, 18-20 de maio de 2007. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Ingresso%20de%20estudantes%20negros%20na%20Universidade%20de%20Sao%20Paulo%20de%202001%20a%202007.pdf>>. Acesso em: 1 dez. de 2011.

ligadas ao tema da negritude como fator decisivo da escolha. Descartamos uma busca pautada nas palavras racismo/racista por entender que nem todos os negros, apesar dos fortes indícios, creem na existência de racismo em nosso país. Também foram descartadas as comunidades com a busca baseada na palavra "preconceito" por entendermos que o termo ultrapassa a questão racial e o ingresso nelas por um membro pode se pautar no repúdio (ou apoio) a outros tipos de preconceito que não o racial. Destarte, tendo como referência as palavras-chave *negro(s)*, *negra(s)*, *negritude*, *preto(s)*, *preta(s)*, foram localizadas 23 comunidades voltadas à temática investigada, utilizando o recorte de considerar apenas as comunidades com mais de 10.000 membros.

Tabela 1 – Comunidades localizadas pela busca das palavras-chave e número de membros (dados de fevereiro de 2011)

Comunidades	Membros
Beleza Negra	152.760
Beleza Negra – Black Beauty	91.551
Orgulho Negro	67.696
MORENO(A) NÃO, EU SOU NEGRO(A)	58.825
NEGROS	36.578
Negro é lindo !	32.967
Eu amo homens negros	32.171
Consciência Negra	30.086
As negras + lindas do Brasil	24.012
Belos(as)* Negros(as)	21.773
Eu amo homens Negros!!!	20.189
Sou negro(a) com muito orgulho	18.413
NEGROS GATOS	17.981
Negras de Tranças	16.963
A Nossa Beleza Negra	14.174
Adoro Negros	13.963
As Negras TOP	13.098
EU ADORO MULHERES NEGRAS!!!	12.604
Negras e Mulatas Lindas!	12.186

Beleza Negra com Estilo	11.956
negros black style	11.827
Morena eu? Sou Negra e LINDA!	11.165
Negra, Linda e Inteligente!	10.914

As primeiras comunidades em número de membros¹⁵ que corresponderam à nossa busca foram a **Beleza Negra** e **Beleza Negra – Black Beauty**, entretanto, após observações, detectamos que nessas comunidades predominam “jogos de sedução” onde o forte são situações de flerte entre os seus membros. Situação análoga acontece na comunidade **MORENO(A) NÃO, EU SOU NEGRO(A)**, na qual tópicos que discutem problemas sérios enfrentados pelos negros convivem com os mesmos tópicos no estilo de “jogos de sedução” das outras citadas, mas em proporção extremamente desigual. Por exemplo, enquanto o tópico “solteiros se apresentem” conta mais de 1.800 postagens, um tópico sobre o crime de racismo conta menos de 20 interações.

A primeira comunidade em número de membros a atender os critérios por nós estabelecidos foi a **Orgulho Negro**, entretanto, mesmo após inúmeras solicitações de ingresso, não me foi permitido participar dela. Situação diversa ocorreu na comunidade **NEGROS**, onde fui acolhida.

A comunidade **NEGROS** foi criada em 1º de julho 2004. Em junho de 2011 contava com 36.371 membros. Segundo informações obtidas com nossos entrevistados, o criador da comunidade é um homem branco que não mora no Brasil. Teria criado a comunidade por interessar-se pelo debate em torno das questões raciais. Também, segundo nossos entrevistados, o fato dele ser casado com uma mulher negra teria influenciado esse interesse. Tentamos contatar o criador através de diversas mensagens em seu perfil, porém, não tivemos sucesso.

Antecedida por uma apresentação em que é feito um levantamento de trabalhos acadêmicos que se utilizaram – total ou parcialmente – da rede social Orkut como fonte, este trabalho está dividido em três capítulos, descritos a seguir.

O capítulo 1, *Conceitos fundamentais: raça, cor, etnia e identidade negra*, fala por si: trata-se do capítulo que explora tais conceitos, cujo entendimento é essencial para a compreensão da problemática de nossa pesquisa, posto que os entendemos como elementos estruturantes das relações raciais no Brasil.

---

¹⁵Dados referentes à consulta realizada em fevereiro de 2011.

O capítulo 2, *Negritude e Internet*, focaliza a articulação entre as possibilidades proporcionadas pela rede mundial de computadores e os usos feitos pelos negros (e interessados em geral) para as discussões acerca das relações raciais. Início abordando o trabalho inaugural de Rafael dos Santos, anterior ao surgimento das redes sociais; avanço delineando as características do Orkut e descrevo a comunidade NEGROS. Apresento os dois fóruns – dentre os mais populares – em que se discute a autodeclaração racial e, a partir das interações e conflitos, analiso como se dão discursivamente os discursos de identidade negra.

No capítulo final, *A militância e a comunidade NEGROS na voz de seus membros*, são exploradas as falas de três integrantes da comunidade com perfis distintos. A escolha dos sujeitos se deu pela expressividade no grupo: Luzia e Francisco são participantes ativos dos fóruns (não apenas dessa comunidade, mas de outras de temática semelhante). Dojival, apesar de pouco ativo nas interações, possui um histórico de vida e de atuação profissional intimamente ligado à militância negra e ao combate ao racismo.

Finalmente, apresento minhas considerações acerca do trabalho empreendido. Longe de serem definitivas – até mesmo pelas redes sociais serem fenômenos recentes – representam as impressões desse espaço que se constitui cada dia mais como um espaço de saber.

APRESENTAÇÃO

O ORKUT COMO FONTE

Situando nossa pesquisa no quadro de trabalhos já produzidos utilizando o Orkut como fonte, fizemos um levantamento da produção acadêmica existente no Brasil, proveniente de universidades públicas e particulares. Através de consultas ao Banco de Teses do portal da CAPES – que reúne teses e dissertações defendidas a partir de 1987 – a metodologia de pesquisa consistiu na busca da palavra-chave “Orkut” e foram consideradas todas as áreas do conhecimento. Localizamos trabalhos principalmente nas áreas de educação e comunicação.

Dentre pouco mais de uma centena de trabalhos, elencamos os que se valeram do Orkut como fonte primordial da pesquisa. Em pouco mais de 50 trabalhos, destacamos alguns.

No campo da Educação, Adriano Medeiros Costa (UFRN/2008) explorou a utilização do Orkut, para além do entretenimento, como extensão da sala de aula (notadamente para debates). Também em 2008, desta vez pela UNEB, Camila Lima Santana analisou as potencialidades de aprendizagem no Orkut através da percepção de dezesseis usuários. Pela USP, Rosângela de Araujo Medeiros buscou compreender o fascínio exercido pelo Orkut para um grupo de adolescentes de uma escola da periferia de São Paulo. Em 2009, na UFJF, Janaína Ovídio de Carvalho se deteve no Orkut como espaço de produção de subjetividade de adolescentes. O discurso juvenil do Orkut também foi o tema da pesquisa de Maria de Fátima Morais Brandão, em dissertação defendida na Universidade Luterana do Brasil em 2009.

A área da Comunicação é a que, segundo nosso levantamento, mais apresenta trabalhos relacionados ao Orkut. Destacamos as contribuições de Helga Stein (PUC-SP) e Helena Kale Pimentel Brazão (PUC-RJ), ambas datadas de 2007. Enquanto Stein analisa as apropriações idiossincráticas que cada sujeito realiza para se representar no espaço virtual, Brazão pesquisa a questão da imagem como representação dos corpos dos usuários, o autorretrato e sua manipulação como resposta à demanda de sociabilidade. Ainda em 2007, Ana Claudia Valente Tomasini (UNISINOS) promoveu um estudo de caso da comunidade virtual “Brasil”, investigando como a identidade cultural brasileira é exposta. Lian Sulwen Tai (UERJ/2008) pesquisou as comunidades de deficientes físicos no Orkut, identificando novas formas de socialização entre essas pessoas. Aline da Silva Neto Barbosa (UNIP/2008) mapeou os perfis identitários mais constantes no Orkut e a sedução do ser humano pelos meios virtuais. Na mesma linha há o trabalho de Claudia Ribeiro Da Silva (PUC-SP) também

no ano de 2008, analisando a construção da identidade virtual. Na PUC-RS, Cynthia Harumy Watanabe Corrêa defendeu, ainda em 2008, dissertação sobre as representações da nacionalidade brasileira em duas comunidades nomeadas “Brasileiros no Exterior”. Em trabalho de 2009, Leandro de Paula Santos (PUC-RJ) explorou as narrativas autorreferenciadas (exposição de si), características da Web 2.0¹⁶. Andrea Pereira dos Santos (UFG) refletiu sobre a construção da identidade em comunidades gays.

Ao examinar essa produção acadêmica, podemos inferir que boa parte desses estudos se detém nas questões de identidade. Tal constatação não nos surpreende, uma vez que as pessoas envolvidas na comunicação digital são historicamente situadas e as ferramentas disponíveis nas redes sociais possibilitam espaços de interação, lugares de falas construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade.

Dando continuidade ao levantamento mediante o cruzamento entre a temática das redes sociais e as questões raciais no Brasil, o número de trabalhos cai drasticamente. Temos em 2006 o trabalho de Maristela Abadia Guimarães (UFMT) que analisou os discursos de diversos segmentos a respeito das cotas raciais através de postagens no Orkut. Na UFRJ, em 2009, Thiago de Oliveira Garcia Simões empreendeu uma análise da construção do discurso da branquitude numa comunidade do Orkut intitulada “Beleza Branca”. Também em 2009, Celly de Brito Lima, da Universidade Federal da Paraíba, estudou a identidade afrodescendente de usuários da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco através de entrevistas, mas também da análise de seus perfis na rede social Orkut.

Nesse sentido, é importante salientar a contribuição do trabalho empreendido em 2002 por Rafael dos Santos, “Negritude virtual: educação, internet e identidade”, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, cujo caráter pioneiro é inegável, uma vez que ele analisou justamente o impacto do mundo virtual para a organização do negro brasileiro, visando o combate ao racismo. Trata-se de um estudo de caso do *chat*¹⁷ da revista *Raça Brasil*¹⁸ e da *Afirma Revista Online* em que o autor se vale, entre outras fontes, das interações entre os membros do canal de conversação para analisar quais são os debates que se desenvolvem e quem são os atores. Santos apura que os movimentos negros se apropriam dos “mass media” como veículos alternativos para a troca de informações e compartilhamento dos saberes. No *chat* da revista *Raça Brasil* discutiram-se as especificidades do racismo brasileiro,

---

¹⁶Termo utilizado para se referir à segunda geração de World Wide Web, caracterizada pela colaboração do usuário na produção de conteúdo para a Internet.

¹⁷Chat é o termo usado no Brasil para designar salas de bate-papo da Internet em tempo real.

¹⁸*Raça Brasil* (editora Scala) foi a primeira revista direcionada ao segmento negro em nosso país. Editada pela primeira vez em 1996.

criaram-se vínculos – amizades, namoros e até casamentos – e foram pensadas novas formas de ação política. Juntos, criaram e recriaram referências positivas para as múltiplas identidades negras possíveis.

Como todo balanço de literatura, a revisão apresentada aqui é datada e parcial, entretanto cumpre o objetivo de situar o presente trabalho no conjunto das produções acadêmicas com características similares. Creio ser justo afirmar que recorri a tais trabalhos também na busca elementos para a constituição de minha metodologia de pesquisa. Nesse sentido, importante foi a contribuição de Thiago Simões: como eu, o pesquisador buscava analisar também o aspecto discursivo. Apoiando-se em Bakhtin, afirma que “o conhecimento que se pode ter do sujeito só pode ser dialógico” (Bakhtin, 2003 *apud* Simões, 2009).

Tendo essa abordagem como ponto de partida, focalizei as interações dos membros em fóruns específicos da comunidade NEGROS. Dada à característica mutável da internet, utilizei-me do recurso *printscreen*, que fotografa a tela do computador, para registrar essas interações escritas. Um perfil pode ser deletado a qualquer momento e nisso se vão também todo o “rastro” das mensagens do sujeito. Por segurança e para ter os dados recolhidos para análise, esse foi o caminho seguido. Para conhecer melhor a dinâmica de funcionamento da NEGROS, permaneci na comunidade durante a pesquisa. Embora saiba que não sou neutra nas observações, busquei interagir nos fóruns apenas o suficiente para realizar os contatos para as entrevistas. Outra decisão tomada no decorrer do desenvolvimento do trabalho diz respeito à divulgação da imagem dos integrantes da comunidade nesta dissertação. Por mais que veja o Orkut como espaço público – os dados dos usuários estão disponíveis para milhões de internautas, espalhados pelo mundo – optei por trazer os registros textuais dos membros sem as respectivas imagens de seus perfis. Entretanto, mantive os nomes porque foram essenciais à análise dos dados. Após a sistematização do material reunido acerca da NEGROS, foram definidas as temáticas em torno das quais seria desenvolvidas as considerações apresentadas neste estudo, tendo como base os conceitos descritos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 1

CONCEITOS FUNDAMENTAIS: RAÇA, COR, ETNIA E IDENTIDADE NEGRA

São poucos os conceitos que atravessam a história carregando o mesmo sentido. Deriva daí a necessidade de compreender um conceito dentro de certo contexto (GUIMARÃES, 2003). As abordagens sobre raça podem dar-se do ponto de vista de diversas áreas do conhecimento: sociologia, história, economia, antropologia, demografia, direito etc. e, por essa razão, faz-se necessário explicitar não apenas o conceito de raça, mas também outros conceitos adotados nessa pesquisa, de modo a mostrar minhas escolhas. Cabe, entretanto, ressaltar que o aprofundamento da história da construção ideológica de tais conceitos não é o objetivo desse estudo.

1.1 Raça e Etnia

Segundo estudos da genética molecular, não é possível falar em raças humanas. Para as ciências biológicas, a raça está superada:

(...) três linhas separadas da pesquisa molecular fornecem evidências científicas sobre a inexistência de raças humanas. A primeira é a observação de que a espécie humana é muito jovem e seus padrões migratórios demasiadamente amplos para permitir uma diferenciação e conseqüentemente separação em diferentes grupos biológicos que pudessem ser chamados de "raças". A segunda é o fato de que as chamadas "raças" compartilham vasta maioria de suas variantes genéticas. A terceira é a constatação de que apenas 5-10% da variação genômica ocorre entre as "raças" putativas. As evidências levam à conclusão de que raças humanas não existem do ponto de vista genético ou biológico (PENA; BIRCHAL, 2005-2006, p. 15).

A não-cientificidade da raça não é exatamente uma novidade. Após as atrocidades cometidas em nome da raça na Segunda Guerra, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) promoveu uma série de estudos “para avaliar o estado das artes no campo de estudos sobre *raças* e relações raciais” (GUIMARÃES, 2005, p. 23). Em resumo, foi apurado que:

“Raça” é um conceito taxonômico de limitado alcance para classificar os seres humanos, podendo ser substituído, com vantagens, pela noção de “população”. Enquanto o primeiro termo refere-se a “grupos humanos que apresentam diferenças

físicas bem marcadas e primordialmente hereditárias”, o segundo refere-se a “grupos cujos membros casam-se com outros membros do grupo mais frequentemente que com pessoas de fora do grupo e, desse modo, apresentam um leque de características genéticas relativamente limitado”. De qualquer modo, chamem-se esses grupos de “raças” ou “populações”, a diversidade genética no interior dos mesmos não difere significativamente, em termos estatísticos, daquela encontrada em grupos distintos. Desse modo, nenhum padrão sistemático de traços humanos – com exceção do grupo sanguíneo – pode ser atribuído a diferenças biológicas. E esse último traço, por seu turno, não coincide com os grupos usualmente chamados de “raças”. (GUIMARÃES, 2005, p. 23-4).

Ou seja, raças não existem, mas a diversidade humana, sim. Algumas pessoas, intelectuais ou não, preferem usar o termo “etnia” para se referirem aos grupos que formam tal diversidade humana. Numa definição mais precisa, a etnia consistiria em:

Um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000 *apud* GOMES, 2005).

Não julgamos necessário enfatizar tal distinção em nosso estudo. Trazemos a definição conceitual uma vez que ela existe e por vezes o termo etnia e seus derivados são encontrados no corpus de nossa pesquisa.

Sendo o ato de classificar natural do espírito humano e a variabilidade entre os homens um fato incontestável, buscar explicação para as diferenças é plenamente compreensível. Os resultados dessa busca divergiram consideravelmente no decorrer da História.

O período conhecido como Grandes Navegações e Descobrimentos Marítimos enceta os primeiros contatos entre europeus, indígenas e africanos e, num primeiro momento, são as teorias religiosas que darão fundamento para a escravização dos últimos pelos primeiros. Segundo Marcelo Leolino da Silva:

Esse contato produziu ou construiu uma série de ideias pejorativas que reforçavam cotidianamente a ideia de que brancos eram de alguma forma superiores aos demais grupos humanos citados. O cristianismo, a noção de beleza, o desenvolvimento tecnológico, a posição social distinta etc. eram vistos pelos europeus como símbolos de sua superioridade. (SILVA, 2007, p. 25).

Estabelecida a inferioridade natural, justificava-se a dominação de um grupo pelo outro. Para o branco europeu colonizador, a agressão travestia-se de um viés missionário: expandir o catolicismo pela América. A fala dos historiadores Mary del Priore e Renato Venâncio ilustra um pouco como era o tratamento dispensado pela Igreja aos escravizados:

Tratá-los como "coisa" era natural, regra, aliás, seguida pela Igreja Católica, que os possuía às centenas em seus conventos e propriedades. O castigo físico era, contudo, condenado. Todo o cuidado que lhes era dispensado devia ser entendido como zelo pelo capital que representavam. O jesuíta Antonil advertia os senhores de engenho: "Aos feitores, de nenhuma maneira se deve consentir o dar couces, principalmente nas barrigas das mulheres que andam pejadas [ou seja, grávidas], nem dar com paus nos escravos na cólera porque na cólera não se medem os golpes, e pode ferir na cabeça um escravo de muito préstimo, que vale muito dinheiro, e perdê-lo" (PRIORE; VENÂNCIO, 2010, p. 51-2).

Os tempos modernos trazem o que seria uma explicação científica para a diversidade humana. Com clara influência da autoridade dos estudos de Darwin, que publica em 1859 seu *A origem das espécies*, conceitos como "seleção natural", "evolução" e "hereditariedade" passam a ser aplicados para a compreensão das sociedades humanas. O "darwinismo social" consistiria na crença de que alguns grupos humanos, por suas características biológicas e sociais, seriam superiores a outros. É estabelecida, portanto, uma hierarquização dos grupos raciais e também uma íntima ligação entre o progresso de uma nação e as raças que a constituiriam. Desnecessário afirmar que o "topo" da pirâmide racial, dentro da visão etnocêntrica, era constituído pelos brancos europeus. Na base estariam os bárbaros habitantes do continente africano.

Dez anos após a publicação da obra de Darwin, o cientista britânico Francis Galton publica *Hereditary genius*, até hoje considerado o texto fundador da eugenia (SCHWARCZ, 1993). A ênfase dos estudos de Galton estaria na compreensão das leis de hereditariedade e sua aplicação para a produção de "nascimentos desejáveis". Em outros termos: a espécie humana atingiria seu aperfeiçoamento através da procriação entre os mais inteligentes, os mais fortes, em suma, os melhores.

As elites brasileiras consumiam avidamente a produção científica, sobretudo europeia. As instituições nacionais que reuniam os homens de ciência (museus etnográficos, institutos históricos e geográficos, faculdades de direito e de medicina) tornam-se palco, a partir de 1870, para a introdução de teorias de pensamento até então desconhecidas e as ditas teorias raciais não fogem à regra. Entretanto, a apropriação dessas teorias feita pelos intelectuais brasileiros deu-se de modo bastante particular. Segundo Schwarcz, o Brasil "incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava" (1993, p. 242). Aqui, a leitura feita da miscigenação (para Galton, os relacionamentos inter-raciais suscitariam híbridos degenerados, uma vez que uniões desse tipo tenderiam a carregar mais os defeitos dos ancestrais inferiores que as qualidades dos ditos superiores) não foi como um entrave para o desenvolvimento da nação. Num esforço de adaptação, no Brasil a miscigenação foi tomada como solução: através do

cruzamento constante haveria de aumentar o número de brancos, eliminando gradualmente o negro indesejado.

Segundo Carlos Augusto de Miranda e Martins, as teorias raciais penetram de fato no Brasil no período pós-abolição. Para o autor, a escravidão marcava claramente os lugares de cada grupo na hierarquia social, impedindo a mobilidade e qualquer projeto de ascensão por parte dos negros e:

(...) foi no momento em que o escravismo deixou de ser uma instituição perpétua e absoluta, que as doutrinas raciais europeias passaram a ter penetração no Brasil (MARTINS, 2009, p. 21).

Em 1929, o então Distrito Federal, Rio de Janeiro, sedia o 1º Congresso Brasileiro de Eugenia. O evento fazia parte das comemorações do centenário da Academia Nacional de Medicina e foi presidido pelo médico e antropólogo Roquette Pinto. O Congresso não contou somente com representantes da área médica, sendo aberto a profissionais de diferentes setores. Segundo Maria Eunice Maciel (1999) esse é um indício que demonstra a intenção de estender o debate em torno de um tema visto como de interesse coletivo, uma vez que se tratava do futuro da nação. O presidente de tal Congresso chegou a prever que, em 2012, o país não teria negros (nem índios), apenas brancos e mestiços (Schwarcz, 1993). Chegamos em 2012 e, sem esforço, percebemos que a previsão não foi acertada.

O contexto é outro: as teorias raciais foram relegadas à categoria de pseudociência ao mesmo tempo em que discursos universalistas declaram a igualdade entre os homens. Por que, então, falar de raça ainda? Ressalta Guimarães que “o que chamamos de racismo não existiria sem essa ideia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades” (GUIMARÃES, 2003, p. 96). Para Kabengele Munanga, é o racismo o fato que confere à raça a sua realidade política e social. É ainda o conceito de raça que nos permite perceber “uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis” (MUNANGA, 2009, p. 15).

1.2 Raça e Cor no Brasil

Podemos compreender, com base em Guimarães, que em nosso país a classificação por cor é orientada pela ideia de raça, pois “quando se classificam as pessoas como negros, mulatos ou pardos é a ideia de raça que orienta essa forma de classificação” (GUIMARÃES,

2003, p. 104). Tal argumentação reforça nossa ideia de raça como realidade que permeia (e determina posições sociais na) a vida cotidiana.

Os levantamentos feitos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) captam informações sobre a cor dos habitantes dos domicílios. A recomendação feita aos recenseadores é que a informação seja colhida sem nenhuma espécie de interferência. A realidade, descrita por Rafael Guerreiro Osório (2003), aponta que nem sempre é possível – por razões práticas – indagar todos os moradores do domicílio. Nesses casos, a autoatribuição cede lugar a heteroatribuição, porém, salienta o autor:

(...) essa heteroatribuição é efetuada por um outro muito próximo ao sujeito da classificação, não havendo, portanto, razões para suspeitar que o enquadramento assim obtido seja muito diferente do que seria autoatribuído (OSÓRIO, 2003, p. 12).

Feita a ressalva, podemos inferir que a metodologia da qual se utiliza o IBGE, de modo geral, tem sua base na autoatribuição, o que é recomendado internacionalmente inclusive.

A discussão sobre a adequabilidade desse método suscita questionamentos que não podemos deixar de lado. Um deles é o fechamento em cinco categorias: branca, preta, parda, amarela e indígena. Outro é a formação do grupo racial "negro" a partir do agrupamento de pretos e pardos.

A preocupação com a adequação das categorias fechadas no contexto da realidade brasileira, onde as pessoas se valem da riqueza vocabular no momento de designar as suas identidades raciais, motivou o IBGE a incluir na Pnad de 1976 um suplemento contendo questões dedicadas ao estudo do problema da identidade e da identificação racial. A comparação que se intencionava realizar era entre as respostas espontâneas e as induzidas¹⁹ no quesito cor. Sobre os resultados, afirma Osório:

A compilação das respostas ao quesito de declaração livre revelou nada menos que 136 termos distintos de identificação racial. Porém, as quatro categorias do sistema classificatório do IBGE apareceram em nada menos que 57% das respostas espontâneas. E 38% das respostas estavam concentradas em três outros termos: morena, morena-clara e clara. Ou seja, a despeito da enorme variedade, 95% das respostas se enquadravam livremente em apenas sete termos. (OSÓRIO, 2003, p. 25).

---

¹⁹Nesta época, a Pnad considerava o quesito como “cor” e não “cor ou raça” como é atualmente. Também não englobava a categoria “indígena”, que foi inserida somente a partir de 1992.

Os sete termos foram: branco, preto, pardo, amarelo, moreno, moreno-claro e claro. A constatação feita a partir desses dados é que “a despeito da grande quantidade de termos levantados, a esmagadora maioria das pessoas se define segundo um conjunto restrito de designações” (OSÓRIO, 2003, p. 27). Ainda para o autor, feitas as ressalvas de qualidade e abrangência, os resultados da pesquisa feita pelo Datafolha²⁰ em 1995 contendo dados semelhantes também servem para confirmar a tendência ao conjunto restrito de cores: 97% das pessoas entrevistadas enquadraram-se em oito categorias, mesmo diante da pergunta aberta.

Retomando a crítica em relação ao agrupamento das categorias preta e parda operacionalizada por analistas dos dados estatísticos de órgãos como o IBGE, Augusto dos Santos argumenta:

(...) se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros (SANTOS, 2002 *apud* GOMES, 2005, p. 40).

Os dados produzidos pelo IBGE serviram para que os pesquisadores Hasenbalg (1979) e Valle e Silva (1980) demonstrassem que as desigualdades econômicas e sociais entre aqueles que se definiam como brancos e pretos e pardos agregados (portanto, negros):

(...) não podem ser explicadas pela pertença de negros e brancos a classes sociais distintas, mas que tais desigualdades resultam inequivocamente de diferenças de oportunidades de vida e de formas de tratamento peculiares a esses grupos sociais (GUIMARÃES, 2003, p. 103).

1.3 Identidade negra

Nilma Lino Gomes, ao conceituar a identidade (sem considerar ainda o adjetivo “negra”), salienta que a reflexão possui duas dimensões, pessoais e sociais, mas que a análise não pode considerá-las separadamente. A identidade é um processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos (GOMES, 2007, p. 43).

---

²⁰Instituto de pesquisas. Inicialmente departamento do Grupo Folha da Manhã, hoje se assume como “unidade de negócios”.

Tomaz Tadeu da Silva vê estreita ligação entre identidade e diferença, afinal, “em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido” (SILVAb, 2000, p. 75). Pensando a identidade negra, Munanga chama nossa atenção para os diversos “graus de consciência”:

Se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados (MUNANGA, 2009, p. 11).

Ao falar sobre o racismo brasileiro, sabemos tratar-se de uma especificidade. Agora, partindo para a análise do que tem se convencido chamar de identidade negra, cabe perguntar se ela também teria alguma particularidade no nosso caso.

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritude, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p. 34).

A fala de Frantz Fanon insere-se em outro contexto. Nascido na Martinica, em 1925, foi membro da Frente de Libertação Nacional da Argélia e passou a ser procurado pela polícia em virtude desse envolvimento. Escreveu *Pele negra, máscaras brancas* aos 25 anos. Nesta obra, ele critica a negação do racismo contra o negro não apenas na França, mas também em grande parte do mundo moderno. Para Fanon, o negro buscaria a ilusão do espelho que oferece um reflexo branco.

Ser negro numa sociedade branca foi o tema de Neusa Santos Souza em *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* de 1983. Para Souza:

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro — que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (SOUZA, 1983, p. 21).

Essa assimilação da qual fala Souza encontra eco em Fanon, apesar das distâncias geográficas que separam os dois intelectuais negros. O que os une são os aspectos comuns das chamadas sociedades multiculturais. Fanon e Souza possuem o denominador comum que é a

experiência do racismo universalista que quis assimilar africanos e seus descendentes numa cultura considerada superior.

A hierarquia racial do sistema colonial não deixou alternativa à população negra do Brasil senão a assimilação com a cultura tida como superior. Quanto menos negros fossem, maiores suas chances de serem integrados socialmente. O branco é o padrão e a norma. Temos, então, o ideal de branqueamento:

Embora seja tido como um conceito-chave para a compreensão das “relações raciais” e/ou do racismo no Brasil, há relativamente pouca reflexão teórica sobre aquilo que vem sendo chamado de branqueamento. (...) Nos trabalhos mais recentes, a maioria dos autores usa a expressão “ideologia do branqueamento” para enfatizar o fato de que, com esse termo, querem descrever um discurso ideológico. Mas também é comum pesquisadores que insistem nesse refinamento conceitual recorrerem ao mesmo termo para expressar um “branqueamento concreto” da cor da pele da população. Ou seja, ocorre com frequência que as reflexões sobre essa temática carecem de uma distinção rigorosa entre análise do discurso ideológico e análise da realidade empírica (HOFBAUER, 1999, p. 10).

O Brasil ofereceu subsídios para a imigração europeia empreendendo uma tentativa de embranquecer a população. A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934, determinava em seu artigo 121 que “A entrada de imigrantes no territorio nacional soffrerá as restrições necessárias à garantia da integração ethnica e capacidade physica e civil do imigrante” (SILVA JR., 2002). Complementando esse ideário, o decreto-lei n. 7.967 de 1945 era ainda mais claro sobre qual deveria ser o padrão do imigrante: “Atender-se-á, na admissão de imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia” (SILVA JR., 2002). O Brasil não queria ser negro, mas conforme advertido por Hofbauer (1999), é preciso salientar que trataremos do aspecto do discurso ideológico do branqueamento e não de sua realidade empírica.

Aproximar-se dos comportamentos positivos do branco foi o projeto empreendido por uma fração de negros que julgavam inevitável o branqueamento como fenômeno natural. Os estudos empreendidos por Fanon e Souza, resguardadas as especificidades, demonstram que essa busca de distanciamento da negritude e aproximação com o modelo branco ainda tem lugar em nossos dias. Falar de identidade pressupõe falar de diferença, ambas inseridas em relações de poder. Neusa Santos Souza fala que:

(...) saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas (SOUZA, 1983, p. 17-8).

Ela comprova o percurso doloroso da tomada de consciência da negritude através das histórias de vida de seus entrevistados. Segundo Souza, esses sujeitos desenvolvem estratégias (sagrar-se o melhor, aceitar a mistificação, negar as tradições negras ou simplesmente não falar no assunto) para serem aceitos em seus projetos particulares de ascensão social. A pesquisadora concluiu que, para ter um rosto próprio e deixar de ser uma caricatura do branco, o negro precisava contestar os modelos que a sociedade hegemônica lhe oferecia. Precisaria construir uma “identidade negra”, tarefa “eminentemente política” (SOUZA, 1983, p. 77).

É também o viés político da identidade negra que, na interpretação de Kabengele Munanga, deve ser o ressaltado:

Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania (2009, p. 16)

Os outros fatores aos quais o antropólogo se refere são o histórico, o linguístico e o psicológico.

O fator linguístico constituiria o “cimento cultural” uma vez que uniria “os elementos diversos de um povo através do sentimento de continuidade histórica vivido pelo conjunto de sua coletividade”. O fator linguístico persistiria nos terreiros de candomblé – na linguagem esotérica – mas também teria encontrado outra forma de manifestação nos estilos de cabelos ou penteados e também em estilos musicais que teriam se tornado marcas de identidade. Já o fator psicológico considera que, se houver alguma diferença entre o temperamento do branco, essa diferença deve ser explicada:

(...) a partir, notadamente, do condicionamento histórico do negro e de suas estruturas sociais comunitárias, e não com base nas diferenças biológicas como pensaram os racialistas (MUNANGA, 2009, p. 13).

Ricardo Franklin Ferreira, estudando os estágios na construção da identidade negra (que o autor chama de afrodescendente), atenta para o papel dos movimentos negros no processo:

A participação em grupos de militância pode favorecer um processo de reconstrução pessoal junto a interlocutores que vivem a mesma problemática, pelo exercício de revisão dos padrões negativos introjetados, além de ser um espaço onde há a

possibilidade de obter-se informações sobre a história omitida (FERREIRA, 2000, p. 171).

Ferreira, em seu estudo de caso, apoia-se na literatura de Cross (1991) e Helms (1993) para explicar as fases/estágios do desenvolvimento de uma identidade afrodescendente. Denomina-os *estágio de submissão*, *estágio de impacto*, *estágio de militância* e *estado de articulação*.

O primeiro estágio estaria marcado pela submissão do negro às crenças e valores da cultura branca dominante. Estereótipos negativos seriam internalizados inconscientemente. Com base em Helms, afirma que:

(...) para a pessoa deste estágio permanecer com um baixo grau de angústia ela precisa manter a ficção de não terem as questões étnico-raciais nenhuma relação com sua maneira de viver, mas de ser a mobilidade social determinada, fundamentalmente, pelo seu esforço e pelas habilidades pessoais (FERREIRA, 2000, p. 71).

A pessoa sairia desse estágio de submissão apenas com a ocorrência de alguma experiência crucial.

O estágio de impacto seria marcado pela descoberta do grupo étnico-racial de referência e da tomada de consciência sobre a discriminação sofrida no decorrer da vida. Para Ferreira, “na maioria das vezes, a situação de impacto não é determinada por um único, mas sim, pelo efeito cumulativo de uma sucessão de pequenos episódios vividos pela pessoa (...)”.

Ao entrar no estágio de militância, a pessoa estaria mais ciente dos aspectos identitários que deseja destruir do que aqueles para os quais se dirige. A imagem que ela constrói seria especulativa e, não raro, conotaria uma visão “altamente romantizada” que ela acredita ser correta. Para o autor, seria comum, nesse período, apegar-se a símbolos dessa nova identidade em processo de constituição e também a “ideologias rígidas e a avaliações dicotômicas”.

O estágio de articulação, segundo Ferreira, se daria do seguinte modo:

Aos poucos, a pessoa desenvolve uma perspectiva afrocentrada não estereotipada, com atitudes voltadas para a valorização das qualidades referentes à negritude mais expansivas, mais abertas e menos defensivas. (FERREIRA, 2000, p. 83).

O autor ainda destaca que nessa fase, o indivíduo não mais procuraria só manter relações com seus pares negros, abrindo-se a outros grupos. Entretanto, ainda persistiria o ideal da "cultura africana" como fundamental para sua vida:

Essa “nova” identidade, com a qualidade africana como uma de suas importantes dimensões, passa a ter uma função protetora. O indivíduo tem consciência de o racismo ainda fazer parte da experiência brasileira e de, provavelmente, ainda ser alvo de atitudes racistas, porém, a partir deste estágio, já desenvolveu recursos de defesa (FERREIRA, 2000, p. 84).

Numa outra vertente, podemos nos perguntar o que faz com que uma identidade seja mobilizada por um sujeito. Ou, como colocado por Stuart Hall (2000), "Quem precisa de uma identidade?" O sociólogo jamaicano aponta para a uma "explosão discursiva" em torno do conceito de identidade e para uma tendência, de várias áreas disciplinares, em criticar a ideia de uma identidade "integral, originária e unificada". O que teríamos seria um "eu inevitavelmente performativo": o sujeito pós-moderno seria composto por várias identidades.

Ao falar sobre raça, Hall a pensa como categoria discursiva. Num contexto em que os sujeitos não pensam mais sua identidade com base somente na classe social, despontam manifestações discursivas de identidades de raça, mas também de gênero e sexualidade. Os movimentos sociais contribuiriam para a "emergência de novas identidades". O processo de identificação se torna politizado:

A identidade negra é também uma construção política. Por isso, ela não pode ser vista de forma idealizada ou romantizada. O que isso significa? Significa que, no contexto das relações de poder e dominação vividas historicamente pelos negros, no Brasil e na diáspora, a construção de elos simbólicos vinculados à uma matriz cultural africana tornou-se um imperativo na trajetória de vida e política dos(as) negros(as) brasileiros(as). Ser negro e afirmar-se negro, no Brasil, não se limita à cor de pele. É uma postura política (GOMES, 2003, p. 2-3).

As identidades são construídas dentro do discurso. Helena Nagamine Brandão afirma que “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o texto” (BRANDÃO, 2004, p. 76). Quando escreve, o indivíduo o faz num dado momento histórico, pessoal e universal. Sua fala parte de um lugar social, de uma determinada condição. De posse dessa reflexão, acreditamos que os registros textuais deixados pelos usuários da internet – como “rastros” – de suas interações configuram importante material de estudo, tal como mostraremos a seguir.

CAPÍTULO 2

NEGRITUDE E INTERNET

2.1 Antes do Orkut

Rafael dos Santos (2002) analisou as manifestações da identidade negra no mundo virtual a partir do estudo do chat da revista *Raça Brasil* e da *Afirma Revista Virtual*.

Iniciado em 1999, o *Black Chat* foi uma iniciativa da revista *Raça Brasil*, publicação iniciada em 1995 e voltada para o público-consumidor negro. Trazendo temas variados, como estética, lazer, racismo, saúde, etc. o periódico não demorou a conquistar uma parcela do mercado que não se via devidamente representada por outras publicações. Para Daniele Gross Ramos, que pesquisou a identidade negra construída pela revista:

Raça Brasil é mais do que uma revista de moda e estética, é publicação que oferece exposição e enaltecimento do negro, colaborando com a quebra da invisibilidade social que este, desde os primórdios de nossa sociedade, sofre. É também um espaço de denúncia das discriminações sofridas, bem como lugar de exaltação da cultura negra (RAMOS, 2010, p. 5).

Não nos ateremos no momento à problematização do que seria essa “cultura negra” a qual a autora se refere. Em tempos de globalização e consumo massificado, o termo merece uma atenção especial que não será possível nesse estudo.

O fato é que tal publicação teve repercussão positiva no segmento negro da população. Essa fatia do mercado foi pela primeira vez contemplada no Brasil. Sobre isso, completa Ramos:

(...) a revista trouxe também uma mudança mercadológica no que concerne aos produtos oferecidos aos negros. Se, antes do surgimento da publicação, os negros não eram vistos como potenciais consumidores, diante da percepção e divulgação de uma classe média negra – muito em função do trabalho desenvolvido em *Raça Brasil* –, o mercado passou a se dedicar mais e a lançar produtos voltados a esse público (RAMOS, 2010, p. 42).

Dessa perspectiva, Santos (2002) salienta a apropriação que os “mass media” (a mídia vinculada ao grande capital) são capazes de fazer de demandas sociais. Transformando a demanda negra por visibilidade em mercadoria, aproveitam para vender produtos de beleza, roupas, modos de ser e tudo mais que se mostrar capitalizável.

Durante o período investigado pelo autor, Santos (2002) apurou que grande parte dos nicknames (apelidos que os usuários utilizam para ingressar no bate-papo) mostravam a exaltação do pertencimento racial e a influência do movimento de consciência negra norte-americano. Stive Biko, Malcom X, Deusa do Ébano, Pérola Negra, Quilombola, Black Beautiful são alguns exemplos citados.

É importante ressaltar que, na época em que a pesquisa foi realizada, o acesso à internet não era tão popular como hoje, onde podemos partir de nossos telefones celulares para fazê-lo. Santos constatou que muitos membros do chat o acessavam a partir dos computadores de seus ambientes de trabalho. Se a problemática da exclusão digital nos leva a uma análise que considere esse fator – principalmente pensando em nosso recorte, a população negra – para Santos a questão teve peso ainda maior.

Sobre os conteúdos discutidos, o autor destaca os debates sobre racismo e sobre notícias de racismo veiculadas pela mídia:

O nome do chat, juntamente com a revista que lhe dá suporte, faz com que o debate sobre a questão racial ganhe relevância nas salas. Temas como a presença do negro na mídia, a existência ou não de uma democracia racial no país, as condições de vida, violência, representação política, ritmos musicais da diáspora negra e o que for do interesse dos presentes na sala em um determinado momento são discutidos com uma ampla diversidade de pontos de vista (SANTOS, 2002, p. 140).

De modo similar ao apurado na comunidade NEGROS do Orkut, *corpus* de nosso estudo, Santos cita como um dos temas de maior polêmica a adoção de políticas de ações afirmativas no Brasil.

A revista *Afirma*, também estudada por Santos, começa como um fanzine criado por um jovem, então aluno de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O formato de revista online só foi possível graças a parcerias para o apoio material e financeiro.

Diferente da revista *Raça*, a equipe da *Afirma* possuía controle sobre o projeto. Isso se dava em virtude de suas despesas serem cobertas com recursos próprios (venda de espaços para publicidade, livros etc.) e mediante fomento a projetos sociais obtidos junto a entidades como a Fundação Ford e a Fundação McArthur.

Santos elaborou e analisou os dados sobre acesso da *Afirma* entre agosto e novembro de 2001. Apurou que tais acessos predominavam no horário comercial, o que nos remete à já citada questão do acesso a partir de computadores situados no ambiente de trabalho. A média mensal de acessos constatada foi de 4.700, descontando as pessoas que entravam mais de uma

vez na página. Para Santos, trata-se de um número razoável para uma publicação que não dispõe de verba para divulgação (SANTOS, 2002, p. 177).

Do estudo realizado, o autor conclui que mesmo com o apelo comercial da revista *Raça*, o *Black Chat* constituiu-se num espaço de sociabilidade negra, onde questões de lazer, paqueras, cultura conviveram também com discussões de cunho político e formativo. Frisa a construção de uma identidade positiva feita pela convivência social:

Pessoas de várias religiões, perfis políticos, classes sociais e visões de mundo se juntam em uma comunidade virtual/presencial como forma de criar referências que os ajudem a se verem enquanto negros em um país de relações raciais tão contraditórias (SANTOS, 2002, p. 181).

Considero que o surgimento das redes sociais facilitou a criação e manutenção dos laços criados pelos usuários – negros ou não, mas predominantemente negros – para essa sociabilidade da qual fala Santos. Comunidades como a NEGROS – lócus de nosso estudo – são exemplos de como os membros se apoderam do espaço virtual para satisfazerem suas necessidades, nos níveis pessoal e grupal.

2.2 A comunidade NEGROS

O ano é 1968, o mês outubro e os Jogos Olímpicos se realizam na Cidade do México. Naquele mesmo ano, em abril, Martin Luther King Junior fora assassinado no Tennessee. Entre outras lutas, Luther King opunha-se – guiado pelos preceitos da não violência – ao sistema de segregação vigente nos Estados Unidos que obrigava, por exemplo, negros e negras (independente de sua idade) a cederem seus lugares nos meios de transporte coletivo a pessoas brancas²¹.

Ganhadores – respectivamente ouro e bronze – dos 200 metros rasos, os norte-americanos Tommy Smith e John Carlos sobem ao pódio. Durante a execução do hino nacional americano, ambos erguem os punhos portando luvas negras, uma saudação que remete ao partido revolucionário Panteras Negras²². Carlos ostenta um colar de grãos, Smith um lenço preto. Os adereços remetem aos negros linchados na história americana.

²¹Ver: NIMROD. *Rosa Parks: não à discriminação racial*. Trad. Marcos Bagno. SM Editora, 2009.

²²Grupo revolucionário norte-americano, criado nos anos 60 para lutar pelos direitos da população negra dos Estados Unidos.

A dupla foi expulsa da competição, impedida de participar de partidas que ainda estavam previstas (ambos competiriam na modalidade revezamento) e acusada de querer misturar política e esporte. As fotos desse evento (que envolve também o australiano Peter Norman, ganhador do segundo lugar e que, em solidariedade ao protesto dos companheiros de pódio, colou em seu uniforme um adesivo de defesa aos direitos civis) correram o mundo.

Uma das apropriações dessa imagem foi feita pelo criador da comunidade NEGROS da rede social Orkut:

The screenshot shows the Orkut community page for 'NEGROS'. The page layout includes a header with navigation links, a main content area with a description and rules, a forum section, and a sidebar with member avatars and related communities.

NEGROS
Início > Comunidades > Culturas e Comunidade > NEGROS

descrição: Comunidade da união racial! Comunidade de Negro para Negro. Todos aqueles que possuem não só a pele negra mas também a cabeça, este é o lugar. A livre expressão é garantida, porém o racismo irracional é intolerável. Ser NEGRO não é uma questão de pele, sim um estado de Espírito....Aqui não existe termos depreciativos como: mulato(igual filho de mula), pardo(filho de pardal), multi étnico(Se alguém souber o que é isso me explique);em suma: somos todos NEGROS seja de pele ou cabeça....

- Não faça propaganda comercial;
- Antes de iniciar um novo tópico veja se já não existe um sobre o mesmo assunto;
- Off-Tópicos serão excluídos;
- Nenhum tipo de preconceito (sexo, raça, religião...) será tolerado e os autores serão banidos da comunidade;
- Não ofenda outros membros;
- Perfis falsos poderão ser banidos.

O NÃO CUMPRIMENTO DAS REGRAS PODERÁ ACARRETERAR EM PUNIÇÕES QUE VÃO DESDE A ADVERTÊNCIA ATÉ O BANIMENTO.

idioma: **Português (Brasil)**
categoria: Culturas e Comunidade
dono: Moderação comunidades
moderadores: Mr, T-30, Moderação, J D
tipo: moderada
privacidade do conteúdo: apenas membros
local: 489000, Brasil
criado em: 1 de julho de 2004
membros: 36.371

fórum

tópico	postagens	última postagem
Vasco entra de sola na luta contra o racismo!!!!	8	17/06/11
Livros de História	5	17/06/11
o novo evanóelico e hiper racista e preconceituoso	336	17/06/11

membros (36371)

Matheus, Guh, Yuri, Amilê Leão, Felipe, Gluúciu

comunidades relacionadas

Martin Luther King Jr. (62.202), Falcão - Meninos Do Tráfico (54.310), Negro é lindo! (33.714), Portal 40Graus (918), Samba10Krad (205), Consciência Negra (30.750)

Amigos on-line

01:14 Friday 17/06/2011

Figura 1- Página inicial da comunidade NEGROS.

Ao lado da imagem consta o seguinte texto:

Comunidade da união racial! Comunidade de Negro para Negro. Todos aqueles que possuem não só a pele negra mas também a cabeça, este é o lugar. A livre expressão é garantida, porém o racismo irracional é intolerável. Ser NEGRO não é uma questão de pele, sim um

estado de Espírito... Aqui não existem termos depreciativos: mulato (igual filho de mula), pardo (filho de pardal), multiétnico (Se alguém souber o que é isso me explique); em suma: somos todos NEGROS seja de pele ou cabeça....

- Não faça propaganda comercial;
- Antes de iniciar um novo tópico veja se já na existe um sobre o mesmo assunto;
- Off-Típicos serão excluídos;
- Nenhum tipo de preconceito (sexo, raça, religião...) será tolerado e os autores serão banidos da comunidade;
- Não ofenda outros membros;
- Profiles falsos poderão ser banidos.

O NÃO CUMPRIMENTO DAS REGRAS PODERÁ ACARRETAR EM PUNIÇÕES DESDE A ADVERTÊNCIA ATÉ O BANIMENTO.

Para Brandão, "a matéria linguística é apenas uma parte do enunciado; existe outra parte, não verbal, que corresponde ao contexto da enunciação" (BRANDÃO, 2004, p. 8). A foto escolhida para ilustrar a página inicial da comunidade remete, além do protesto e não mais importante que ele, à exaltação de uma identidade racial. Ao se dirigir às pessoas que possuem além da pele negra "também a cabeça", inferimos que o autor²³ do texto apela a uma identificação que ultrapassa o fenótipo para o que podemos chamar de "consciência negra". Já ao descrever a negritude como "um estado de Espírito", a mensagem fica confusa e dá margens a interpretações diversas. Ao dizer que "Aqui não existem termos depreciativos" (mulato, pardo e multiétnico), inferimos que o autor busca reunir sob a denominação "negros" todos os frutos da mestiçagem.

Embates históricos cristalizam-se nos discursos (BRANDÃO, 2004) e a luta pela igualdade de direitos e pela afirmação e valorização da diferença reverberam no discurso produzido na comunidade. É inegável a influência das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos: prova disso é a foto da capa da comunidade. A luta é política e estética, daí o "black is beautiful", slogan norte-americano, fazer eco no "negro é lindo", tantas vezes repetido por membros da comunidade NEGROS em diversos fóruns. Daí uma das maiores comunidades em número de membros chamar-se "Beleza Negra" e na sua esteira virem outras como "Orgulho Negro", "MORENO(A) NÃO, EU SOU NEGRO(A)", "Negro é lindo" etc.

---

²³Os membros entrevistados pouco sabem sobre o dono e criador da comunidade. Confirmam apenas que é um homem. Minhas tentativas de contato com ele através de mensagens em seu perfil foram em vão.

2.3 O Fórum da comunidade

Apesar de contar com mais de 36.000 membros à época em que os dados foram coletados (entre março e junho de 2011), o número de membros que participam ativamente das discussões encaminhadas no fórum da comunidade é muito menor. Esse fenômeno ocorre em diversas comunidades. As razões que levam a essa não-participação não são objeto de análise desta dissertação.

Qualquer membro pode abrir um tópico. O criador do tópico, o dono da comunidade e a equipe de moderação podem apagar o tópico a qualquer momento. Abaixo elencamos os tópicos de acordo com o número de postagens, conforme dados coletados no final de março de 2011 e considerando apenas os tópicos com 200 ou mais postagens. Postagem é cada comentário que um membro faz num determinado tópico.

**Tabela 2 –
Tópicos por número de postagens da Comunidade NEGROS em março de 2011**

	Tópico	N° de postagens	Primeira postagem	Última postagem
1	COTAS... A FAVOR OU CONTRA	897	24/07/2008	09/02/2011
2	ZUMBI BAR	862	09/04/2009	08/08/2010
3	SOU CONTRA COTAS PARA BRANCOS	669	26/12/2009	08/02/2010
4	POR QUE ALISAR O CABELO?	537	11/04/2009	04/06/2009
5	NEGRO, MORENO ESCURO E CLARO????	530	18/06/2006	14/11/2009
6	HOMOFOBIA E NEGRITUDE	480	13/01/2010	27/06/2010
7	MISCIGENAÇÃO OU EXTINÇÃO?	451	27/02/2009	28/09/2009
8	LOCAL PARA DEBATE COM CANDIDATOS	386	14/02/2010	27/02/2010
9	SEU PARCEIRO (A) É NEGRO(A)?	374	20/01/2011	14/03/2011
10	QUAL O MAIOR INIMIGO DOS NEGROS?	366	22/02/2010	03/03/2010
11	QUEM VOTA PARA UMA NOVA MODERAÇÃO?	346	04/01/2009	01/05/2010
12	NEGRO É MORTO POR BRANCO	343	27/09/2009	29/10/2009
13	ATE QUE PONTO BRANCOS PODEM OPINAR SOBRE NEGROS?	317	09/02/2010	04/03/2010
14	SOLTEM O BRUNO!!!	302	20/07/2010	10/08/2010
15	SENDO REALISTA	283	11/01/2010	01/02/2010
16	SADIA - COMERCIAL RACISTA	281	09/06/2010	08/07/2010

17	RACISMO NOS ESTADOS UNIDOS, DOS NEGROS	280	12/06/2009	02/07/2009
18	UMA PERGUNTA QUE NÃO QUER CALAR	279	05/01/2010	10/02/2010
19	ISTO É RACISMO OU EU TO FICANDO LOKO	277	13/08/2010	25/08/2010
20	NÃO TENHO ORGULHO DE SER BRASILEIRO, POR Q TERIA?	274	18/03/2010	09/04/2010
21	SOU MULATO FILHO DE PAIS NEGROS(AS) & BRANCOS(AS)	263	08/01/2009	15/03/2009
22	POLICIAL QUEBROU A PERNA DE UM NEGRO	249	23/03/2008	13/04/2008
23	[RED]VISE E VERSA	236	30/06/2010	11/07/2010
24	LEI DA PALMADA: CONTRA OU A FAVOR?	235	26/08/2010	01/09/2010
25	A CULPA É DOS BRANCOS DE OLHOS AZUIS	233	27/03/2009	11/04/2009
26	É POSSÍVEL OS NEGROS CONFIAREM NA POLÍCIA	217	24/01/2009	21/02/2009
27	PUNIÇÃO AO ATLETA DO PALMEIRAS	210	06/05/2010	13/05/2010
28	A NOIVA DO ROBINHO	209	10/07/2009	06/08/2009
29	ECONOMIA: MISTIÇAGEM BENEFICIA O “BRANCO”?	205	17/02/2010	30/03/2010
30	NETINHO CONDENADO POR BATER EM BRANCO	205	27/05/2009	15/06/2009
31	A IGREJA E A MÁQUINA	203	10/03/2009	30/03/2009
32	COTAS	203	11/07/2010	14/07/2010
33	SEU CELULAR É CLARO... OU ESCURO?	200	24/01/2010	03/02/2010
34	VOTAÇÃO	200	11/02/2010	18/02/2010

Podemos aferir os temas e assuntos que geram maiores interações no fórum da comunidade através dos nomes que os membros dão ao tópico no momento de abri-lo. Importante salientar que, como a dinâmica das discussões que travamos no "mundo real", o assunto/tema pode mudar a qualquer momento da conversação. Baseado numa tabulação feita por mim, constatamos a seguinte distribuição de temas centrais nos tópicos:

Tabela 3 – Temas mais recorrentes nos tópicos da Comunidade NEGROS

TEMA	TÓPICOS	POSTAGENS
Política	09	2.673
Identidade	08	2.810
Racismo	05	1.359
Cotas	03	1.769
Administração da Comunidade	03	932
Notícias sobre pessoas famosas	03	716
Ativismo	02	481
Bate papo	01	862
Total	34	11.602

Um tópico sobre as cotas raciais ocupa o topo da pirâmide, informação que coaduna com a fala do Professor Kabengele Munanga (anotação de aula) sobre as ações afirmativas que, de certa forma, trazem a problemática da raça para o debate público. Na comunidade também se fala dos padrões de beleza (o tópico “Por que alisar o cabelo?” ocupa a quinta colocação), de relacionamentos inter-raciais, casos de racismo divulgados na imprensa, aspectos da vida pessoal de celebridades negras. A influência da televisão é considerável: há tópicos que comentam a ausência ou quantidade inexpressiva de negros e negras no *reality show* global *Big Brother Brasil*, a quantidade de atores negros e negras em novelas veiculadas na época, a polêmica fala do político Jair Bolsonaro no programa CQC etc.

Tópicos que debatem causas que interessam ao grupo são comuns e têm grande participação. Para Kollock e Smith, as comunidades:

(...) surgiram na Internet baseadas em uma multiplicação do conhecimento produzido e apropriado como um bem comum. Fundadas na lógica de que o participante agrega a informação ou conhecimento que possui para o debate, tendo como contrapartida todas as informações e conhecimentos dos demais membros, as comunidades virtuais produziram inúmeros serviços de comunicação nos quais o conhecimento que se faz através das demandas e das ofertas dos usuários se traduz em valores e confiança (KOLLOCK e SMITH, 1996 *apud* ANTOUN, 2004, p. 81).

Dispondo do tempo restrito para a realização do trabalho, não foi possível analisar uma quantidade maior de tópicos. Decidimos observar dois deles, que tratavam exclusivamente de identidade negra.

2.4 Discursos de identidade negra

Por determos nosso estudo nos discursos de identidade negra presentes nas interações textuais ocorridas no interior da comunidade NEGROS, elencamos dois tópicos, dentre os mais populares, cuja discussão fosse encaminhada desde o início para a autoclassificação racial. Dessa forma, os dois tópicos abaixo foram selecionados para análise.

Apesar da sugerida homogeneidade constante no nome da comunidade, NEGROS, não é de forma simples que vemos expressa essa identidade negra. A diversidade de contextos sociais, de capital cultural, de postura política, entre outros, faz emergir falas que tomam referências distintas para a construção discursiva dessa negritude.

2.4.1 Negro, Moreno Escuro e Claro

O tópico foi criado em 18 de junho de 2006 e atingiu, segundo o site, 530 postagens. Tabulando os dados de participações no tópico, constatamos que 390 postagens encontravam-se visíveis quando coletamos os dados (em 17 de junho de 2011). Um total de 189 membros (perfis diferentes) interagiu nessa discussão. O autor do tópico foi, sozinho, responsável por 73 dessas 390 postagens visíveis. A última postagem registrada foi em 14/11/2009.

Thays/ Márcio 18/06/06

Negro, Moreno Escuro e Claro????

È engraçado como as pessoas inventam vários adjetivos para poder escapar de ser negro (Esse é meu ponto de vista).

Gostaria de saber se os termos "Moreno Claro, Moreno Escuro e etc , realmente existem ou é so uma forma de não assumir a negritude????? Eu me considero negro e acho que não deveríamos inventar outros termos para sairmos dessa condição!!! Tenho orgulho em ser negro!!! Negro é Lindo!!!!!! Dê sua Opinião!!!

A produção discursiva desse membro faz circular formulações já enunciadas anteriormente, no caso, o discurso presente na página inicial da comunidade: o "somos todos NEGROS" do texto descritivo da comunidade reverbera na indagação feita pelo membro na proposição do tópico. Indagação tendenciosa, pois antes de fazer o questionamento o autor ironiza o uso de outros adjetivos referentes à cor/raça que, segundo ele, **as pessoas inventam para poder escapar de ser negro**. O autor afirma ter orgulho de ser negro. Esse orgulho será reafirmado pelos membros que postam na sequência no tópico. Com o intuito de identificar

possíveis regularidades que fornecessem unidade ao material coletado, apuramos a frequência no uso do termo "orgulho" e seus derivados. Foram 37 membros, no total desses 189 que interagem no fórum, que manifestaram discursivamente um orgulho de sua identidade racial negra. Salienta-se que citamos apenas as falas em que os termos "orgulho", "orgulhar" se faziam presentes, sem elencar as que o fizeram indiretamente.

Vivi 23/06/06
*Negra sim! descende d uma etnia maravilhosa!
 Orgulhosa da cultura e do meu tom d pele.
 temos q nos assumir cm negros, naum interessa se o seu tom d pele eh mais claro q o d outros. Deve-se ter
 orgulho d poder se dizer **NEGRO!***

Kathryn Woodward questiona: "É possível afirmar a identidade étnica ou nacional sem reivindicar uma história que possa ser recuperada para servir de base para uma identidade fixa?" (WOODWARD, 2000, p. 16). Munanga atentará que, na militância negra, "há uma tomada de consciência aguda da perda da história e, conseqüentemente, a busca simbólica de uma África idealizada" (MUNANGA, 2009, p. 13). Notamos isso na postagem abaixo, cujo autor reivindica uma identidade **Nagô**. Segundo Nei Lopes (2004, p. 465), é o nome pelo qual se tornaram conhecidos os africanos da Iorubalândia.

Pedro Hélio 24/06/06
Me respeita q eu sou Nagô...
 Sou negro com muito orgulho...e eu fico P...da vida qndo alguém chega pra mim e fala: "mas vc não é negro, vc é moreno..." MORENO É O CACETE!!!rsrsrs. Sou negro, com muito orgulho e tbm tenho sangue indígena...E me orgulho muito disso

fAbby, 03/01/07
 Desculpe-me Erica mas acredito q devemos considrar apenas o significado de moreno e negro. Algumas pessoas n conseguem assumir a sua raça (negra) então ficam disfarçando, dando voltas e até "inventando" outros nomes ao invés d simplesmente assumir sua negritude!! Por vergonha ou até mesmo preconceito dos próprios negros é q surge expressões como "moreno escuro"! Sou NEGRA descendente d negros escravos, conheço minha história q foi contada por minhas avós. Sta, contarei aos meus filhos q terão tb do q c orgulhar!!
 Um abraço!!!

A origem conservada pela oralidade - a história contada pelas avós - remete ao desejo que todo povo teria, segundo Munanga, de reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível (MUNANGA, 2009, p. 12).

O primeiro membro afirma ser **filho de Zumbi e neto de Martin Luther King Jr**, misturando referências nacionais e internacionais da negritude. A segunda inclui o escritor **Machado de Assis** também como referência.

Como na "vida real", no fórum da comunidade também há conflitos. Vejamos um deles:

Esse integrante é chamado de "branquelo" por outro participante do tópico. Em sua defesa, convida o outro a olhar outras fotos presentes em seu perfil e afirma ser negro não apenas na pele, mas na cultura (não temos como inferir a que "cultura" o membro se refere). Ele termina sua fala reafirmando o orgulho pela história de lutas e de conquistas do "nosso povo".

Gabriel J 22/10/08
esse papo de moreno ñ existe...
 somos tdos filhos
 da mãe africa
 e temo orgulho de
 nossa cor é mais bela
 é maravilhosa a nossa
 decendencia um dos povos
 mais rico cuturalmente musicalmente
 itelectualmente e esportivo tbm...

Esse integrante também reafirma seu orgulho em ser negro e filho da "mãe África". Ao elencar os possíveis motivos desse orgulho cita a cultura musical e as riquezas intelectual e esportiva. Vale lembrar que os campos da música e do esporte são justamente os campos em que o negro encontra menores restrições para o acesso.

Notamos que nos discursos de identidade desse tópico o uso do termo negro e sua defesa são constantes. O fato tem relações óbvias com o nome e a descrição da comunidade. Entretanto, cabe uma exploração dos momentos em que o discurso dos membros destoa em termos ideológicos do discurso da comunidade:

Juliana 03/07/06
Que dificuldade!
 Tem nada disso não. Até pq, isso só faz sentido na cabeça da pessoa que descreve sua própria cor. Eu sou branca(muitos dinam que sou rosa!), tenho bisavó índia, prima negra e acho que este critério de seleção(cor) tá meio ultrapassado. O legal é achar gente interessante, tipo um monte de gente que tá aí nesse debate dando sopa! :) Um abraço p/ galera que não se intimida com sua cor ou com a falta dela!!

A integrante, que se classifica como branca, critica indiretamente a razão do tópico - **gente que tá aí nesse debate dando sopa!** - e coloca seu posicionamento sobre a autoclassificação racial: **este critério de seleção (cor) tá meio ultrapassado**. Posicionamento similar é postado por um membro negro:

Telo!!!! 06/07/06

Cor da pele não é nada a o que diz quem vc é de verdade é o seu carater viva a mistura racial chamada BRASIL não estamos na Alemanha e nem na Argentina estamos no Brasil um país sofrido e mesmo assim maravilhoso por sua profunda mistura de negro, branco e índio, vamos nos respeitar galera pra fazer desse país cada vez melhor...

PS: Sou Negro de corpo e Alma hehe mais isso da pra ver né...

Vlw um abraço a todos...

Exaltando a mistura racial, ele faz comparação do Brasil com outros países para defender sua particularidade: a democracia racial.

A próxima postagem mostra um possível dilema para os mestiços em relação a sua classificação racial:

Geovanne 02/12/06

Eu ja vou contra a maionia, na minha opinião se eu sou descendente de brancos e pretos, pq eu devo levar em conta apenas minha descendencia negra pr decidir qual é minha minha raça. se minha mãe é branca e meu pai preto ã vejo o menor problema eu me considerar mestiço. querer matar a força a miscigenação neste país com a desculpa de que isso perpetua a discriminação é um erro enorme e vai até contra a idéia de sociedade multicultural que respeita as diferenças, defendida com tanta enfase pelos que dizem serem contra a discriminação.

Tal fala nos remete à análise de Eduardo de Oliveira Oliveira (1974, *apud* GRIN, 2002) que classifica o mulato como "obstáculo epistemológico", ou seja, um sujeito que trai o polo branco e também o polo negro ao amenizar a consciência e o conflito raciais. A postagem seguinte segue a linha da anterior, mas seu autor problematiza o espaço de onde emana sua fala: **nós tendemos a nos aproximar mais dos grupos desfavorecidos, exemplo disso é o fato de estarmos numa comunidade denominada “Negros”**.

Rafael

06/12/06

eu tb acho q a questão de dar outras denominações basadas na tonalidade da pele eh realmente legitima, pois naum se pode afirmar q somos todos iguais no que diz respeito a raça. A enorme maioria dos integrantes dessa comunidade são mestiços, assim como a maioria dos "negros" do Brasil. O proprio fato de falarmos que somos negros nos remete a pensar que o preconceito existe ai mesmo.. nesse ato de "negar" a nossa raiz branca ou indigena ou de outra natureza étnica em prol da defesa da negritude. Como falar que sou da raça Negra se eu na verdade sou descendente de diferentes grupos étnicos???

essas negação acaba por legitimar de certa forma o fato de sermos considerados, ao longo do processo histórico, como raça suja ou impura.

obviamente, nós tendemos a nos aproximar mais dos grupos desfavorecidos. exemplo disso é o fato de estarmos numa comunidade denominada "Negros" e naum estarmos em nenhuma valorizando ou exaltando a figura do homem branco..

me considero negro, mas naum posso negar as minhas raizes brancas indigenas ou de qualquer outra origem racial, étnica, cultural, social, religiosa..

A postagem seguinte mostra a influência musical no discurso de identidade:

Markd

06/12/06

Eu sou negro e tenho orgulho disto.

ola manos e minas, sou negro e tenho orgulho disto, devemos sempre lembrar de uma musica do funkman James Brown que diz justamente isto:

Eu sou negro e me orgulho disto.

Isto que devemos sempre falar para nos mesmos, para nossos filhos e filhas, para nossos amigos e para a sociedade brasileira, moreno e para os nao negros ficarem com a cor na praia, cor de pele mais proxima da negra, lembrando q negritude nao e apenas o tom de pele mas sim postura, atitude, resistencia e claro a cor ebano q Deus nos deu ok.

Não faltam postagens criticando a pertinência do tópico. Alguns exemplos:

Mateus

25/11/07

O mais engraçado nisso tudo é ver essa galera pensando que Cosciência Negra é só se assumir enquanto negro. Eles vão chegar a 500 postagem dizendo: "Eu sou negaum!"

Hugo 09/12/07
Um tópico inteiro gastado com a ignorância!?!?

Mateus 08/01/08
Engraçado, Clecios, você já disse "eu sou negro" quatro vezes neste tópico, mas isso é uma coisa que nem precisava dizer: dá pra ver na sua cara.

Membros não-negros são aceitos na comunidade, conforme a descrição na página inicial. Participam no fórum e suas postagens são comentadas:

Lua 24/04/08
SOU BRANCA
SOU BRANCA,MAS MINHA RELIGIAO É NEGRA,MINHA COMIDA É NEGRA,MINHA MUSICA É NEGRA,MEUS FILHOS SERAO NEGROS,EU FACO DANCA AFRO E POR ISSO SOU NEGRA DA PELE BRANCA.

Mateus 24/04/08
Então se eu tocar música erudita, serei um branco da pele negra? 🤔

Ao dizer que o fato de "fazer dança afro" lhe permite afirmar-se negra, a integrante branca é logo na sequência ironizada por um membro negro.

marcio 06/12/08
SOU BRANCO
 sou branco, mistura de espanhóis, portugueses e italianos, e me orgulho de fazer parte de um país miscigenado, e agradeço muito a esta comunidade por me aceitarem de portas abertas.

Declair 06/12/08
 marcio
 e vc se orgulha em viver um país negro como Brasil?
 vc não tem algum afrodescendente na família??
 vc compactua como a nossa causa??

O membro identifica-se como branco, afirma orgulhar-se **de fazer parte de um país miscigenado** e agradece por aceitarem sua participação na comunidade. Logo na sequência é questionado por um membro negro se **compactua com a causa**. Em seguida é agredido por um membro como sendo mais um branco à procura de negros para fins sexuais²⁴.

Destacamos o conteúdo de algumas postagens:

Roquildes 03/04/07
Sou negro, sou negra, e daí?
 Será que esta afirmação e determinação de pessoas, etnicamente falando, é suficiente para se discutir a questão racial? Será que em pleno século XXI dizer que negro e negra é linda, que sou bonito, que sou NEGRO e coisas e tal nos torna seres constituídos de direitos reais na sociedade brasileira? Será que a questão de algumas pessoas se dizerem mulatos, morenas, entre outras auto-classificação não é por falta de poder do povo negro: poder político e econômico? Nesse caso acaba sendo uma forma, consciente ou não, de auto proteção e projeção social numa sociedade onde ser negro e negra é antes de tudo um estigma e sinônimo de inferioridade?

A questão de nossa negritude vem se afirmando dentro de um conceito, racialmente falando, estético do corpo. Sei que tal afirmação é necessária e importante para o resgate do eu, do quem sou e a que grupo étnico pertencemos. Todavia, tal auto-estima não é sinônimo de poder e nem mesmo de união e solidariedade entre os negros e negras. Antes temos lutado para convencer os mulatizados-negros e os morenizados-negros para que digam também sou negro e negra, mas nós apenas desejamos isso: ser lindo, bonito e tal?

Nessa realidade de afirmarmos que somos negros ou não, de ser bonito ou não, continuamos, independentes de ser o negro e a negra bonita ou não, sem poder e ainda sendo discriminados e sofrendo os efeitos do racismo institucional do Brasil. Lembrem-se estamos em pleno século XXI. E "beleza não põe a mesa", ou seja, beleza não enche a barriga. Tanto o negro, quanto o morenizado, o mutalizado, o pardalizados são todos discriminados, seja diretamente ou não, seja pelos brancos ou não. Pois bem, muitos ainda precisam se dizer não sou negro como forma de sobrevivência. Pois, que adiante dizer sou negro negra e ter que para trabalhar usar produtos estéticos (maquiagem) para reduzir o impacto de nossa negritude? Esta é uma realidade diária para muitas mulheres negras.

²⁴Não reproduzimos a postagem por conter palavras de baixo calão.

Ao problematizar a questão do discurso de autoclassificação racial negra, o autor da postagem considera seu aspecto relevante, pois reconhece que a construção de uma identidade positiva é necessária para os negros. Entretanto, ele ressalta que a discussão deve superar essa identificação positiva, uma vez que ela não serviria de base para a solidariedade entre negros e negras.

A postagem abaixo destoa do ambiente, mas não vimos interações com seu conteúdo. A primeira hipótese é que o comentário foi ignorado pelos participantes do fórum. A segunda é que se alguma postagem foi feita em contestação, foi apagada pela equipe da comunidade:

Fellipe 16/11/07
Brancooo
 Graças a Deus Eu so Branco.....
 PreTOs!!! _|

Postagens com esclarecimentos conceituais e citações de autores de renome são comuns:

J D 31/12/06
 T30 , Raças somente existem do ponto de vista sociológico. Do ponto de vista biológico não existem raças humanas. Para haver raças humanas deveria haver um cruzamento permanente entre membros da mesma comunidade humana ao ponto de se criar uma biotipo totalmente distinto das demais biotipos humanos.

Bruno 13/12/07
MORENO É BRANCO DE CABELO PRETO
 Não é bem assim. Moreno é uma palavra que descreve o povo que dominou a Península Ibérica (Portugal e Espanha) por 400 anos: Os mouros. E o que são os mouros? Os mouros são africanos islamizados (boa parte mistura de negros com árabes). Uma boa ilustração de como um mouro é descrito fisicamente está na famosa peça Othello - O Mouro de Veneza, de Shakespeare. Colocarei aqui uma das frases do Iago, o protagonista da peça:
*Your heart is burst, you have lost half your soul;
 Even now, now, very now, an old **black ram**
 Is topping your white ewe.*
http://www.shakespeare-online.com/plays/othello_1_1.html
 Há ainda na peça outras menções a respeito da compleição física do marido de Desdemona como *Thicklips* , que, em bom português, significa 'beijudo'.
 Logo, não é totalmente incorreto chamar muitos negros de morenos, pois muitos negros brasileiros se parecem com a descrição feita por Shakespeare em Othello - O Mouro de Veneza.

Badi

16/03/08

Raça

Espero que não estejamos confundindo Etnia com Raça.

Sobre raça, graças a Deus, somos todos humanos...

A idéia de tonalizar as cores é muito característica do Brasil com sua miscigenação.

Sendo alguém filho de Pai nórdico e de Mãe Afro, sendo alguém filha de Pai Afro e de mãe Asiática. É justo se declarar negra? É justo não se declarar Negra? É Errado se declarar Marron bombom, mulata, morena? Crei que bem fez o censo com o processo de autodeclaração, pois, no meu entendimento; Negro tem muito mais haver com a história, com o sentimento do que com a cor. Conheço gente filhos de alemã com negro - Cabelos loiros, olhos azuis e sotaque, que são muito, de longe, mais negros que muitos pretos que conheço. Fazem muito mais. Se impõe muito mais. estudam e sabem e defendem muito mais a negritude do que um monte de cantor de rap de periferia q tem mais vontade de ser americano do q negro.

Ather

06/06/08

Estas 'nuances' são absolutamente falsas e plenamente explicáveis. O que muito pseudo-intelectual não fez é ler Casa-Grande & Senzala de Gilberto Freyre. Nesta obra o autor ensina que os portugueses eram um povo miscigenado (talvez por força da presença árabe na península ibérica) e nem um pouco refratários a relacionamentos inter-raciais. Eram conhecidos como os 'negros da Europa'. Como não havia grande barreira aos relacionamentos mistos. Chegando no Brasil encontraram os índios (e índias) e trouxeram os negros (e negras), procriando. Como os negros eram escravos e havia muita discriminação - por exemplo tornar-se padre era possível para o mestiço de índios e não de negros (era símbolo de pureza familiar e status ter padres na família. Por isto até alguns anos atrás muitas famílias faziam questão de ter religiosos em seus membros). Havia leis proibindo negros de estudar - apesar de alguns negros muçulmanos serem mais cultos que seus senhores - e casamentos entre raças. O autor cita o caso de um militar foi rebaixado por se casar com uma negra. A descendência mestiça, para ser aceita, passou a negar sua condição de negro forjando outros rótulos. Esta descendência conseguiu se destacar mas sempre buscando eufemismos para contornar as barreiras. Freyre fala que muito 'mulatinho' ilegítimo conseguiu sucesso enquanto os filhos legítimos entraram em decadência. Exemplos? Nosso maior escritor: Machado de Assis (mulato sem disfarce), o Barão de Cotegipe, Nilo Peçanha e Tobias Barreto. No Supremo Tribunal Federal já tivemos um 'moreno escuro' e um 'mulato claro'. Então, percebe-se que a criação destes rótulos foram motivados por um contexto. O que se ignora solenemente é que em nenhum lugar o mundo houve uma miscigenação tão intensa como aqui. Não há negros separados de brancos por força de lei ou costume mas muita gente faz questão de negar este fato. Prefiro dizer que não há branco, negro, moreno, mulato, mameluco, cafuzo. Há seres humanos.

Zé Pereira

19/12/08

O que se quer é a extinção do negro, isso foi determinado no século passado, corroborado no ano anterior, com a pesquisa realizada que apontava como resultado a inexistência do negro no Brasil, chegaram a dizer que os afrodescendentes tinham em sua constituição genética maior porção de sangue europeu. Querem nos extinguir, por isso surgiram os morenos, mulatos, pardos. Chegará um determinado momento em que ninguém se auto-afirmará negro, daí a extinção do negro no Brasil.

Zé Pereira

19/12/08

confirmando o que falei.

"(...) João Batista de Lacerda, único delegado latino-americano ao Primeiro Congresso Universal de Raças, em Londres, 1911, predisse que no ano 2012 a raça negra teria desaparecido do Brasil.

Arthur Neiva louva a orientação migratória: "Daqui a um século a nação será branca."

Que esta ideia de eliminação da raça negra não constituía não apenas teoria abstrata, mas calculada estratégia de destruição, está claro nos argumentos do mesmo teórico, na explícita sugestão de se deixar os afro-brasileiros propositalmente indefesos:

"(...) expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter."

Conforme Thomas E. Skidmore, a tese de João Batista de Lacerda foi criticada, todavia, por brasileiros, furiosos com a sua estimativa de tempo - achavam muito longo um século.

trechos do COMEDINE (Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro)

Vemos o resgate de experiências vivenciadas ou testemunhadas:

□ Jorge

10/07/07

Lembro-me de um momento em minha infância que acho engraçado hoje em dia, uma senhora, bem velhinha, me chamou de "mulato" questioneiei, e ela disse que era uma questão de educação, isso foi no início da década de 80, mas até hoje, em alguns círculos principalmente, as pessoas acham que dizer que outra é negra é uma ofensa, a questão é cultural, está arraigada, vai além do racismo acho que chega a ser educacional.

GANGSTER

10/11/07

Isso me lembra uma ocasião que meu pai viveu, ele tava fumando na rua e um rapaz o chamou pra acender o cigarro "ei moreno" só que meu pai (no bom sentido do lado humorístico) é azulão aí meu pai disse "moreno não, negão" o rapaz todo errado respondeu "eu não sabia se o senhor se ofenderia se eu o chamarem assim" pois disse que outrora um negro tinha se ofendido.

Dante

16/11/07

Hmmm, antes quando eu era mais novo não gostava de ser chamado de negro, eu gostava de me ser chamado de moreno. Mas isto devido eu ser pequeno e não entender muito bem, e sei lá era uma forma de fugir do racismo... Só que eu cresci e percebi que sou NEGRO, não faz diferença se meu tom de pele é mais claro ou mais escuro que o de outro.... Só que tem negro aí que é muito ignorante.

Aliás eu digo negro aí que é muito ignorante porque é um reflexo da nossa sociedade, a falta de cultura das pessoas, já vi negro xingar negro por exemplo, cada uma...

Rússia esta no

02/12/07

João David

Kra de coração ñ sei como foi sua infância , + acredito que deve de ter sido totalmente diferente da minha , vc com seu cabelo lisinho e seu nariz fininho... sei lá ... eu quando criança fui surrado e humilhado por um safado branquelo dos olhos claros chamado de Mayck. Ao entrar na sala de aula ele puchava meu cabelo e dizia : TU É PRETO, SEU NEGRINHO, ETC... e isso era todos os dias até o dia que eu me vinguei dele, e nem por isso tenho raiva dos brancos ou me sinto melhor doque os outros por ser, seilá ,como vcs dizem "negro". Oque eu quero dizer com isso é que eu ñ entendo o que vcs querem dizer com esse papo de consciência negra, consciência doque ? , acredito que somos diferente ñ pela cor de nossa pele e sim pela forma que vemos isso .

Thays/ Márcio

16/03/08

Situação

Essa semana ouvi uma coisa ridícula,preconceituosa,e sem fundamento nenhum. Foram duas situações ridículas no mesmo momento, estava eu e um amigo.....(negro igual a mim)....chegou um terceiro cara tb amigo de gente e começou a perguntar sobre um outro amigo nosso (tb negro), mas so que o cara ficava.. "aquele moreninho mais fechado" onde ja se viu isso, o cara estava achando que ia ofender o cara o chamando de negro....putz ridiculo. A outra foi que chegou um outro cara e começou a comentar desse mesmo amigo nosso, dizendo " Aquele é um preto branco" .....não entendi ....perguntei pra ele e ele ficou todo enrolado..." não pq ele é um preto de lama limpa" se enrolou todo. A parada é sinistra,mas é nois na Fita....FMZ.

Sabrina

01/10/08

Quando uma pessoa branca se refere a mim como morena, moreninha, tenho dois pensamentos: será que ela acha que vou me ofender se ela me chamar de negra ou será que ela mesma acha uma ofensa chamar alguém de negro? Mas é fato, já ouvi muito negro chamando outro negro de moreno. Teve um episódio em que um cara bem preto (moreno escuro, hehehe) parou o carro ao me lado pra perguntar se eu conhecia uma fulana, numa altura da conversa ele soltou uma pérola "ela é morena que nem eu"...putz, aí não perdoei "morena que nem tu eu não conheço, mas tem uma negra, como eu, que mora ali naquela casa...fiquei chateada na hora (obs: havia uma loira no banco do carona), com vontade de encher ele de osso, pois quando um branco se refere a um negro como moreno, é até compreensível, mas quando vem de outro negro não dá pra engolir...

Nesse tópico notamos que a maior parte dos participantes manifesta discursivamente uma preferência pela autoidentificação como negros e negras, fugindo do eufemismo “moreno” e seus derivados. Em consonância com o nome da comunidade, fogem também do termo “afrodescendente”. Cada indivíduo recorre a suas experiências pessoais e suas referências de mundo na construção de seu discurso identitário. Como grupo, manifestam a inserção num movimento maior, de valorização de uma identidade que antes, em diversos momentos históricos, foi marginalizada.

A postagem do membro Roquildes (reproduzida na página 49) manifesta uma indagação que julgo pertinente: segundo ele, a afirmação da negritude é, sim, necessária. Entretanto, apenas ela não bastaria para empoderar negros e negras na luta antirracista e nem para forjar a solidariedade entre os mesmos. Outra observação do autor é em relação à

necessidade, principalmente das mulheres negras, ainda terem que fazer uso de produtos estéticos para serem aceitas em determinados ambientes. Não julgo exagero do autor. Basta lembrarmos o caso da estagiária Ester Elisa da Silva Cesário, no Colégio Anhembí-Morumbi de São Paulo em novembro de 2011. Ester, negra, foi “orientada” por seus superiores a alisar o cabelo para “ter boa aparência” e poder continuar exercendo sua função²⁵.

Ocorre que nem todos dispõem de condições e/ou coragem para esse enfrentamento. Ester registrou um Boletim de Ocorrência na Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) de São Paulo. Quantos fariam o mesmo? A necessidade de sobrevivência no mundo corporativo, marcado pelo racismo institucional e os estereótipos negativos do negro, torna essa questão extremamente complexa.

2.4.2 Sou MULATO, Filho de Pais Negros(as) & Brancos(as)

O tópico foi criado em 8 de janeiro de 2009, tendo atingido 263 postagens. 173 postagem encontravam-se visíveis em 17 de junho de 2011, data em que coletamos os dados através do recurso *printscreen*. Um total de 48 membros interagiu nessa discussão. A última postagem registrada datava de 15 de março de 2009.

Trata-se de um tópico criado para fazer uma propaganda-convite: o autor criou uma comunidade a que deu o nome de MULATOS, destinada a pessoas que, como ele **se consideram mestiças filhas de relações inter-raciais** e que veem nisso motivo de orgulho. A postagem finaliza com o link para a comunidade MULATOS.

²⁵Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-brasil/12140-racismo-no-colegio-anhembí-morumbi-estagiária-forçada-a-alisar-o-cabelo-para-manter-a-boa-aparencia>>. Acesso em: 2 jun. 2012.

A primeira interação registrada ironiza o autor do tópico, classificando-o como **mais um preto q pensa q e qse branco**²⁶. Em sua defesa, o criador do tópico retorna com postagens em sequência:

Nessas postagens podemos observar no mínimo três questões. A primeira é a distinção feita pelo autor entre a linguagem cotidiana e as classificações "formais": ao afirmar **SOU MULATO! SE FOR POR QUESTÕES RACIAIS E COR DE PELE SOU MESTIÇO** fica clara a distinção vocabular empregada em situações diversas. A segunda é sua afirmação sobre sofrer discriminação dos "dois lados", negro e branco, uma vez que não se enquadraria em nenhum dos dois polos. A terceira é sua reação à argumentação (bastante comum nessa e em outras comunidades do tipo) sobre a inadequação do uso do termo "mulato" dada a origem do termo, segundo estudos, remeter à palavra mula, numa referência negativa: **EU NÃO QUERO SABER SE A PALAVRA VEM DE MULA DE VEM DO ÁRABE O FATO É QUE EU NÃO SOU NEGRO E NEM BRANCO.**

O autor é criticado por seu posicionamento. Ainda no mesmo dia da criação do tópico, ele volta a argumentar pela pertinência de sua colocação:

²⁶Entenda-se: Mais um preto que pensa que é quase branco.

Delano

08/01/09

SE TEM UMA COMUNIDADE "NEGROS"

A QUESTÃO É VC ACHARIA RACISTA UMA COMUNIDADE "BRANCOS"??? OU ACHARIA A FILOSOFIA DA COMUNIDADE???

PQ AQUI TEM MUITO NEGRO DE FILOSOFIA RACISTA AQUI NA COMUNIDADE NEGROS, PREGANDO SENTIMENTO CONTRA OS BRANCOS E AÍ TENHO PAI BRANCO EU VOU ODIAR ELE POR ELE SER BRANCO???? DA MESMA FORMA SE UM BRANCO FALAR MAL DE NEGROS EU TENHO UMA MÃE NEGRA E AÍ ???

O NOME DA COMUNIDADE É " MULATOS" PORQUE EU SOU FRUTO DE UMA RELAÇÃO INTERACIAL E ME SINTO ACUADO .....> IDENTIDADE???? NEGRO OU BRANDO???

EU SOU MULATO !!! NÃO ME IDENTIFICO FISICAMENTE SÓ COM A RAÇA BRANCA E NEM COM NEGRA , EU ME IDENTIFICO COM AS DUAS RAÇAS

MAS PRIMEIRO QUE TUDO SER HUMANO!

Delano

08/01/09

APOSTO COMO ISSO FERE MUITA GENTE SE DIZER MULATO!

PORQUE VC DEVERIA ENTRAR EM UMA COMUNIDADE MESTIÇA???

LÁ NINGUÉM VAI FALAR MAL DE NEGRO DE BRANCO??? SERÁ QUE É ISSO QUE FAZ UMA COMUNIDADE???? BRIGAS E DISCURSOS EGOCENTRICOS RACIAIS???? PQ QUE NÃO HUMANITÁRIO???

FILHOS(AS) DE RAÇAS DIFERENTES PODEM SIM !!! OU ISSO É CONTRA A LEI DA NATUREZA OU A LEI DE DEUS???

QUEM DISSE QUE SÓ PODEM HAVER NO MUNDO BRANCOS E NEGROS????

O QUE NOS IMPEDE DE AUTO AFIRMAR Q SOMOS MULATOS ,SE SOMOS HUMANOS FILHOS DE PAIS HUMANOS DE RAÇAS DIFERENTES, TEMOS O DIREITO DE EXISTIR DE TER ORGULHO DESSA MISTURA???

AÍ VEM O VELHO DISCURSO RACISTA: A ELA É BRANCA SÓ CASOU COM O NEGRO PQ ELE É RICO? AH VAI CLAREAR A PELE E ACABAR COM A RAÇA NEGRA???? SE FOR ASSIM COM A BRANCA TB!!!

A QUESTÃO É VIVEMOS EM UM MESMO PLANETA E PENSAMENTOS RACIAIS EGOCENTRICOS POR PARTE DE QUALQUER RAÇA PODE GERAR VIOLÊNCIA VERBAL, MORAL E FÍSICA!!!

Várias postagens são feitas argumentando que o autor do tópico é negro, pois a sociedade o veria assim:

Nathali

08/01/09

"EU NÃO QUERO SABER SE A PALAVRA VEM DE MULA DE VEM DO ÁRABE O FATO É QUE EU NÃO SOU NEGRO E NEM BRANCO."

Você não se importa de ser xingado?Bom,se eu fosse mestiça declarada,ou tivesse um identidade mestiça,mas soubesse o sentido dessa palavra eu não entraria nessa comu.Pardos.Esse seria um nome "melhor".

OBS:Vc é negro!

Chico Mendes

08/01/09

Delano

a sociedade racista brasileira te considera negro, olha para você e ver um negro.

.

.

aquele segurança de banco libera a passagem da porta giratória quando travar 566 vezes com vc.

.

.

A chefe de recursos humanos irá escolher um branco burro e idiota apenas porque é branco. e você que no mesmo dia que foi entrevistado pela chefe de recursos humanos de nossas empresas chefiadas por nossa sociedade racista será desprezado não por que é mulato, mas por que é negro.

Affff...

08/01/09

Suposição

Vc acha que no tempo de escravidão essa sua ""mulatice" te aliviarão em alguma coisa?ou que vc não iria pro tronco?hahahahaha....

Feliz demaaaaais

08/01/09

meu pai é branco

minha mae é negra,se essa "mistura"daria uma mulata entao nao sei o que acontece,pois me olho no espelho e vejo uma pessoa NEGRA.

Richard

08/01/09

"a sociedade racista brasileira te considera negro, olha para você e ver um negro.

.

.

aquele segurança de banco libera a passagem da porta giratória quando travar 566 vezes com vc.

.

.

A chefe de recursos humanos irá escolher um branco burro e idiota apenas porque é branco. e você que no mesmo dia que foi entrevistado pela chefe de recursos humanos de nossas empresas chefiadas por nossa sociedade racista será desprezado não por que é mulato, mas por que é negro.!"

concordo Chico.

sinto muito por você, cara. infelizmente você será considerado negro. mas outra coisa: por que você entrou numa comunidade chamada "NEGROS"? pra desconscientizar aqueles que se assumem como tal?

FORTEelo

08/01/09

vishi

ainda existem mulatos ....??foda em
passo de branco preto é

Thayná ...

09/01/09

Delano

uma obs: enquanto a sua metade NEGRA quer lhe aceitar como negro, pois vc sofrerá dos mesmos preconceitos que nós sofremos. A sua metade BRANCA, não lhe quer com ela de forma alguma, pois vc não é branco !!
 Então pra que babar o ovo de quem te chama de inutil, de macaco, de merda etc... ???
 É no minimo estranho, não acha ???
 Se vc é mulher de bandido, eu não sou!!!
 Ficarei com os meus que são aqueles que me querem bem e não perto daqueles que me odeiam ...
 que vc é uma mistura de raças isso é um fato !!!
 agora a raça que vc leva para a vida real e para o seu dia a dia é apenas uma, a Raça Negra .

ARAUJUS

09/01/09

Tambem sou filha de Pai Branco e Mãe Negra...**E me considero negra.**

Tenho uma irmã branca que se considera branca, por que as coisas são assim, ela não é da minha cor então só pode ser branca...

E levando em consideração, que se estivéssemos na era da escravidão certamente, meu pai , minha irmã e mais 2 irmãos meus, não estariam no tronco, mas meus outros irmãos , minha mãe e eu sim...

Então na minha opinião...**Ou você é Negro ou Branco... Não existe um meio termo...não pra mim...**

Comentários de apoio só surgem após várias manifestações. O primeiro é trazido por um membro branco (no outro tópico trazido nessa pesquisa ele havia se identificado como tal):

marcio

10/01/09

O que tem de errado em ser "mulato" (mestiço)

ora, se o cara tem os dois tipos de sangue negro e branco, ele pode ter o direito sim de se achar mestiço, ele tem as duas variedades genéticas... alguns aí dizem que branco que também tem sangue negro, negro é. Ora e se a pessoa também é negra mas também tem sangue branco...?

esse fato de se declarar só uma raça: ou negro ou branco (to falando no caso de mestiçagem) é virar as costas para sua origem genética mestiça.

se o cara tem pai negro e mãe branca, ou vice versa, o cara é mestiço sim!

É mulato, mestiço ou quer que seja. Não existe uma raça pura no mundo, meus caros, nem aqui nem na Europa: nem na Alemanha, nem na Islandia.

O ser humano está em constante evolução genética.

marcio

10/01/09

Negros e brancos discriminam mestiços.

Negros e brancos discriminam os mestiços, é só olhar para as postagens de alguns aí.

Essas postagens geram um conflito direto entre o autor e outro participante do tópico, que se classifica negro. O segundo acusa o primeiro de ser um **afrodescendente** que teria entrado na comunidade com a clara intenção de provocar conflitos. O autor, então, afirma que seu “opponente” crê demasiadamente em “teorias conspiratórias”. As agressões continuam por mais postagens entre os dois.

Júlia 11/01/09
 cara, vc é negro, tem feições negras, traços africanos.
 E não sei q é o seu problema em aceitar isso..
 'não sou branco nem negro'.
 Isso se aplica a orientais, indianos e índios;
 SE voce é fruto de uma relação européia e africana deve se olhar e ver q foi a que mais te influenciou, pois diferente dos EUA e da Europa, aqui não são os descendentes que falam que vc é branco ou negro e sim a influencia deles em você.
 Se for assim o Neguinho da Beija-Flor também num é branco nem negro pq uma vez fizeram um teste lá maluco pra saber q é a sua maior decendencia e caiu simplesmente mais da metade de descendencia européia no cara..
 E aí? O cara é branco também?
 Para de procurar desculpas e assume sua raça, pois ela nao te torna pior do que ngm.

Essa participante do fórum (que em outra postagem define-se como branca) refere-se à pesquisa feita nos genes do cantor Luiz Antônio Feliciano Marcondes – vulgo Neguinho da Beija Flor – em 2007, a pedido da empresa de produção jornalística BBC Brasil, como parte do projeto Raízes Afro-Brasileiras²⁷. O resultado apurado foi que 67,1% dos genes do artista têm origem europeia e 31,5%, origem africana. O laboratório a realizar a análise, segundo a reportagem da BBC, é de propriedade do geneticista Sérgio Danilo Pena, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A autora dessa postagem volta a participar, lançando uma dúvida:

Júlia 11/01/09
 mas hj é tudo misturado né?
 Eu sou branca. Um alemão também, mas somos completamente diferentes.
 Alguem me explica então, aonde eu me enquadro? Sem zuação, eu estou meio perdida..

²⁷Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070424_dna_neguinho_cg.shtml>. Acesso em: 22 abr. 2012.

Uma resposta é postada na sequência:

Jorgito -

12/01/09

Júlia (FFC)

Prezada Júlia, se me permite tentar elucidar sua dúvida: Em primeiro lugar, todos nós seres humanos somos africanos e emigrados, ou seja, a humanidade começou na África e emigrou para outros pontos do globo, isso já foi provado pela ciência.

Oque aconteceu é que em virtude dos aspectos físicos, geológicos e climáticos de determinadas regiões como a Europa e Ásia, por exemplo, o ser humano teve de adaptar-se, como muitos animais e plantas precisam se adaptar quando são obrigados a viver num novo habitat.

Então, com o passar dos milênios, houve muitas miscigenações, povos misturaram-se à outros povos, clareando ou escurecendo a cor da pele, mudando feições de rosto e cabelo e assim por diante.

Por viverem numa região intensamente fria, os europeus e principalmente os do norte da Europa(Dinamarca, Noruega, Finlândia e Suécia) por exemplo, desenvolveram características físicas para sobreviver. Ex.: O nariz do negro é mais largo que o do branco, porque na África o ar é mais quente, que na Europa.

Já o ar da Europa é mais frio e precisa da fricção com as paredes internas do nariz para que chegue aquecido ao pulmão e assim o ser humano possa sobreviver, uma vez que ninguém sobrevive sem respirar

Quando respiramos o ar fricciona, ou seja, ´´raspa´´ nas paredes internas das nossas narinas, para que chegue aquecido ao pulmão, assim não ficamos gripados, ou pegamos bronquite.

Oque acontece é que por ser o ar da África geralmente mais quente, em virtude da alta temperatura registrada lá, o ar ao ser respirado precisa de menos fricção para chegar aos pulmões do habitante da África, assim não causa nenhum problema de saúde. Por isso o nariz do negro é mais largo que o do branco.

Quanto ao que você acha que é não se preocupe, pois pela sua aparência, tudo indica que você tem mais genes europeus que africanos, em virtude da mistura, como falei acima, mas claro que nesse caso, posso estar equivocado, pois não sou Biólogo, e sim professor de História. Mas você é uma mistura de povos como todos os brasileiros.

Delano

22/01/09

VC AQUI DE CIMA

MINHA INTENÇÃO QUANDO POSTEI O TÓPICO NÃO É ESTÁ DISCUTINDO A ETIMOLOGIA DA PALAVRA MULATOS E O FATO DE SER FORMADO EM 2007 EM GEOGRAFIA NÃO QUER DIZER Q NÃO SAIBA O SEJA RAÇA NEGRA ETC...NUNCA DISSE QUE ACEITAR OS MULATOS É NEGAR A RAÇA NEGRA, PQ EXISTEM NEGROS E PARDOS MESTIÇOS DUAS RAÇAS DISTINTAS E NÃO IGUAIS.

> expus a minha opinião e acho verdadeira e válida para discussões, já q na comunidade há pessoas intransigentes quanto a aceitação dos mestiços descendentes da mistura de raças, quase inevitável no Brasil.

>eu não gosto de provocar polêmica, mas o fato é que a comunidade precisava de algo substancial pra discutir e não ficar na lenga lenga de só racismo...acho q muitas pessoas da comunidade NEGROS precisam abrir aos olhos e rever o conceito de "negros no Brasil", pq a sociedade é segregacionista e é conveniente para ela não aceitar a miscigenação colocando alguém que tem a cor da pele parda no mesmo grupo racial dos negros e se nega a aceitar os filhos da mistura negros e brancos.

>O fato é q os brancos renegam seus filhos mestiços mulatos de cor parda e os negros os aceitam por não serem brancos, daí vem um grande erro "os mestiços se auto anularem quanto a serem um raça a par da negra e da branca".

Ao criticar a comunidade qualificando-a como um espaço onde apenas se discute **lengalenga de só racismo**, o autor da postagem é contestado por uma integrante que frisa a necessidade de não silenciarmos sobre o racismo.

As postagens que dão sequência continuam a mesma linha de argumentação que prevaleceu até o momento: apesar de ser fruto da miscigenação, a sociedade o veria como negro, em virtude de seu fenótipo.

A lógica nessa argumentação é válida. A identificação racial no Brasil é feita a partir de uma série de variáveis: cor da pele, textura do cabelo, grossura/formato dos lábios, ascendência. Os movimentos negros contemporâneos recorrem, como estratégia de luta, à união de negros e mestiços numa bandeira única. O conflito que se estabelece nesse fórum se inicia justamente pela manifestação adversa de um membro: ao fazer o convite para uma comunidade – criada por ele – destinada a pessoas que teriam orgulho de sua origem miscigenada, ele inicia um debate sobre qual lugar ocuparia o mestiço nessa dicotomia negro X branco. Sem surpresa, vemos que suas colocações são rechaçadas (são poucas as manifestações textuais de apoio), uma vez que as postagens ocorrem numa comunidade cujo nome é NEGROS.

Como veremos nas entrevistas a seguir, é possível estabelecer uma relação entre esse debate e a fala da entrevistada Luzia. Ela é fruto de uma relação inter-racial (mãe negra e pai branco), porém seus traços (principalmente o tom de pele) a remetem para uma identificação como negra. O episódio de racismo no ambiente escolar que ela nos narra nos convida a pensar: ao ser relegada ao papel de empregada doméstica na peça (escrita por ela) ninguém questionou sua ascendência: o que viram foi uma menina negra e, como tal, ela foi discriminada.

CAPÍTULO 3

A MILITÂNCIA E A COMUNIDADE NEGROS NA VOZ DE SEUS MEMBROS

De acordo com Zaia Brandão (2000), nas pesquisas qualitativas um ponto fundamental é a seleção do material das entrevistas. No caso das entrevistas realizadas para a redação desse trabalho, procuramos restringir-nos às informações mais pertinentes ao recorte da pesquisa. A íntegra dos textos transcritos, devidamente autorizados pelos colaboradores, encontra-se nos apêndices desse trabalho. As três entrevistas foram realizadas entre novembro e dezembro de 2010.

O conjunto das falas colhidas propõe-nos, por exemplo, discussões sobre as motivações individuais que os levaram à comunidade NEGROS. Lança luzes acerca desse conjunto de individualidades e suas diferentes perspectivas do espaço de socialização que se configura a comunidade.

3.1 Motivações para o ingresso na comunidade

Luzia, nossa primeira colaboradora, à época da entrevista contava 44 anos. É professora de História e de Geografia na rede estadual de ensino de São Paulo, atuando numa escola localizada na periferia da zona leste da capital. Na opinião da entrevistada, o tempo que passa conectada à Internet é demasiado, tomando um tempo que poderia ser dedicado a sua filha ou a leituras. Suas buscas na rede mundial de computadores estão relacionadas principalmente aos temas: política, a disciplina História (sua área de formação) e relações raciais.

Quando comecei a lecionar, em 1995, não tinha a menor ideia de como interferir em situações de racismo em sala de aula. Assim sendo, já nas primeiras semanas, me deparei com um aluno negro muito chateado por ter sido apelidado de “Zumbi” pelos demais. Eu era estudante de História e não tinha a menor ideia de quem era Zumbi. Nem na faculdade falavam sobre ele, embora eu soubesse que existiu. Não havia internet e não conseguia encontrar um só livro ou periódico que falassem sobre ele. De tanto procurar, achei alguma coisa em uma enciclopédia, bem básica, contando que ele havia fundado um Quilombo, na Serra da Barriga, onde escondeu muitos

negros escravos. E eu precisava ajudar aquele garoto negro, que quanto mais se irritava com o apelido, mais os amigos o atormentavam. Um dia, ao ser chamado de Zumbi novamente, em minha aula, ele começou a xingar. Era hora de eu interferir. Escrevi na lousa em letras enormes ZUMBI e me postei de frente à sala, em silêncio. Nem sabia o que estava fazendo direito, não gosto de gritar, então só parei e fiquei olhando para eles até que se acalmassem. Enquanto aguardava, ia pensando o que eu deveria falar, estava apavorada internamente. Eu não sabia contar a história de Zumbi, então inventei uma. Disse que ele era um príncipe lindo na África, que andava cheio de joias, era muito rico e respeitado, mas seu reinado foi interrompido quando foi trazido para o Brasil, à força, para ser escravo. Falei que ele era muito estudado e falava várias línguas, que quando ele falava todo mundo ouvia, até mesmo os senhores de escravos. Ele aprendeu português para falar com os negros escravos, conscientizando-os de que não estava certa a escravidão e que eles tinham que lutar. Então, o Zumbi contava para os outros escravos como era bom lá na África: ninguém trabalhava forçado, comiam o que plantavam e festejavam muito. No livro que eu li só falava que ele fundou o quilombo, então o resto eu inventei. Falei que ele foi pra Serra da Barriga e os alunos me perguntaram onde ficava essa tal serra. Respondi que ficava no Nordeste, eu não fazia ideia onde ficava (risos). Falei da fundação do quilombo, que lá tudo era bonito e que o Zumbi ensinou todos os negros a ler e a escrever, eles não apanhavam e cada um tinha sua terra para plantar e colher para seu próprio sustento. Zumbi se tornou rei novamente e isto enraiveceu os donos de escravos, que mandaram matá-lo. Dirigindo-me ao menino apelidado, disse que ele deveria ficar muito orgulhoso de ter este apelido, que os outros não estavam xingando-o como pensavam, e sim, estavam elogiando-o, pois era uma honra pra ele ser comparado a um homem tão bonito, bom, sábio, um verdadeiro rei! O garoto se levantou e, com os olhos brilhando, gritou pra sala: “Estão vendo aí, seus trouxas? Zumbi era um rei! Eu sou rei!”. Eu tinha que fazer alguma coisa por aquele garoto e contei uma mentirinha. Mais tarde, quando pude ter contato com a história de Zumbi, vi que não havia mentido tanto assim.

A história contada sobre o líder do Quilombo dos Palmares é, sem dúvida, permeada de fantasias. Ressaltamos, nesse trecho, a questão da formação: Luzia tem consciência das lacunas de sua formação em relação aos conteúdos sobre a história dos negros no Brasil. Atuando como tutora justamente num curso oferecido a professores para a formação em educação para as relações raciais²⁸, percebo que a crítica em relação à formação recebida não contemplar estudos de História da África e dos afrodescendentes é bastante constante. Da proposta pedagógica do referido curso, destacamos parte do Parecer CNE/CP 003/2004, que

²⁸Trata-se do curso de especialização “Educação para as Relações Raciais”, oferecido na modalidade Educação a Distância pela Secretaria Geral de Educação a Distância da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

teve como relatora a Prof^a Dr^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, professora pesquisadora do NEAB/UFSCar:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre brancos a consciência negra.

(...) Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais. Para tanto, há necessidade, como já vimos, de *professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimento e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferente pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas*. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-racial, mas a lidar positivamente com elas e sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las²⁹.

A atitude de Luzia nessa situação pode ser tomada como uma sensibilização em decorrência de suas próprias experiências como criança negra no ambiente escolar:

Quando estava na 4ª série, a pedido da professora, eu escrevi uma peça para o Dia das Mães. Eu nunca havia ido a um teatro, não assistia televisão, pois na minha casa não havia, mas intuí como deveria ser uma peça e a escrevi. Um garoto, que também era excluído, levou a peça para a mãe dele corrigir o português, já que ela era professora. A peça voltou assim: autora Luzia de Souza; adaptação Fulano de Tal. Eu fiquei espantada em saber desta tal de adaptação (risos). Enfim, nessa tal adaptação eu, de mãe, 'fui adaptada' para a empregada. Lembro-me que era uma história sobre uma mãe adoecida, com filhos preocupados ao redor, algo assim. Tomei emprestado com a minha vizinha um lindo vestido branco, todo bordado com flores coloridas na cintura, presente da patroa para o batizado tardio dela. Na minha peça original não havia nenhuma empregada. Eu questionei e então responderam que, como na peça todo mundo era branco, não tinha como eu fazer o papel de mãe, eu não podia ser mãe de um branco. Eu não entendi, mas aceitei resignada. A professora não interferiu em nenhum momento. Peça ensaiada, chegou o dia da apresentação, colocaram um espanador na minha mão e eu fiquei lá na minha, esperando a minha deixa... Agora eu sei que era a deixa (risos). Na minha deixa, subi ao palco, com um vestido branquinho de festa e um espanador na mão. Eu tinha uma pequena fala, que foi encoberta pelas gargalhadas de centenas de mães. Minha mãe não estava na plateia, ainda bem. Não avisei a ela que havia uma homenagem, nem sei por qual motivo. Fiquei com tanta vergonha daquelas gargalhadas, eu era tímida, que não via a

²⁹Proposta Pedagógica do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais. Disponível em: <<http://ead.sead.ufscar.br>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

hora daquilo acabar. Agradecemos as palmas de mãos dadas e cabeça baixa, as cortinas se fecharam, e foi então que a professora, Dona Tereza, me pegou pela mão, pediu que as cortinas fossem abertas novamente e disse: “Mães, vocês gostaram da homenagem?” E elas responderam alto: “SIIM! A professora então desatou: “Vocês riram desta menina, mas foi ela quem escreveu a peça, e eu nem sei por que foi parar de empregada. Ela era a mãe!”. Daí ela falou sobre preconceito, deu um sermão e exigiu que batessem palmas só para mim.

A experiência escolar é vivenciada de maneira diferente pelos diversos indivíduos. A instituição escolar não está imune dos preconceitos que permeiam as relações sociais e não é incomum pessoas negras relatarem episódios humilhantes que vivenciaram nos ambientes escolares pelos quais passaram:

Na quarta série, o último ano do primário, era assim: de cada série um aluno que se destacava ia compor a guarda de honra da bandeira. E o aluno que se destacasse mais na escola seguraria a bandeira. Tinha o porta-bandeira da escola e um guarda-bandeira de cada série. Acho que o segundo lugar fazia a saudação. Era uma forma de prestigiar os melhores alunos. Então eu batalhei nos dois primeiros meses, março e abril, para ter a nota, porque em maio sempre tinha a solenidade da Abolição, alguém lia Castro Alves. Eu queria fazer uma homenagem para minha avó, que foi escrava. Eu queria que minha avó fosse ver. E aí tirei a melhor nota em abril. A melhor nota da escola! Pensei: “Vou segurar a bandeira!”

Na véspera do evento, a diretora me chamou e disse alguma coisa assim: “O Roberto vai segurar a bandeira.” O Roberto era um outro menino, a gente disputava na mesma turma: eu, Roberto, Zé Romualdo e Celeste, que era a única menina que chegava junto. Tínhamos as maiores notas desde os anos anteriores. O Roberto era branco. Ele ia segurar a bandeira porque vinha uma autoridade, e a diretora disse: “Você entende, não é, meu filho?” Eu saí correndo da escola (...) (depoimento de Amauri Mendes Pereira³⁰. In: ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 37-8).

Eu estava na terceira série primária e devia ter nove anos. Eu tinha um bom relacionamento na turma, porque era considerada inteligente, pois sabia matemática. Aí chegou uma pessoa na sala, pediu para interromper a aula e perguntou quem da sala queria participar de uma dança. Aí eu fiquei louca, claro que eu queria participar daquela coisa! A freira disse: “Quem quiser, levanta.” Eu levantei. A freira mesmo, professora, foi escolhendo todo mundo e não me escolheu. Como não me escolheu, eu fiquei na sala; as outras que foram escolhidas saíram. E fiquei grilada: “Por que eu não fui?” Quando acabou a aula, fui perguntar para ela por que ela não me chamou. Ela ficou relutante em dizer, mas eu insisti. Até que não teve jeito – uma moleca daquelas chatas, perguntando, perguntando, perguntando!... Como não teve jeito, ela disse assim: “Porque para essas apresentações, a gente procura umas crianças mais ajeitadinhas, mais bonitinhas.” Aí eu pensei: “Bom, tem alguma coisa.” Porque eu, em absoluto, me achava feia. E comecei a me comparar com as pessoas que ela tinha escolhido (...) Depois eu fui entender: porque, do grupo que levantou, eu era a de fenótipo marcadamente negro. (depoimento de Zélia Amador³¹. In: ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 42-3).

³⁰Personagem da história dos movimentos negros brasileiros.

³¹Idem.

Luzia busca remodelar sua memória para dar sentido a suas experiências no presente. Quando indago sobre as motivações para o ingresso na comunidade NEGROS (e também em outras de temática semelhante), ela salienta o papel de seu sobrinho:

Antes de fazer um perfil no Orkut eu até tinha uma consciência de negritude, mas eu não tinha as informações. Entrei no Orkut achando que era coisa de adolescente (risos). Foi em 2008, quando comprei um computador e meu sobrinho fez um perfil para mim. Ele disse: “Tia, já que você gosta de trabalhar consciência negra na escola, tem umas comunidades que a senhora pode adicionar”. Eu falava sobre a temática racial nas aulas de história e de geografia e odiava usar desenhos e figuras de negros em correntes, escravizados etc. Gostava de mostrar a eles os negros que se deram bem, artistas, ou aqueles que tinham histórias de lutas, como Malcolm X, Martin Luther King, Mandela (pelo qual sou apaixonada!) entre tantos. Queria que meus alunos negros se descobrissem, e fossem vistos pelos demais, bonitos e inteligentes. Já tinha essa coisa intuitiva. Quando se falava de escravidão sempre havia um conceito de que os negros não lutaram contra ela, e eles lutaram desde sempre! É que a nossa história é contada pelo lado dos vencedores e nós não tínhamos ninguém que nos inserisse como sujeitos dela também. Nós precisamos contar a nossa história, esse é o momento.

Quem apresenta o Orkut à Luzia é seu sobrinho adolescente. As novas gerações são socializadas desde cedo nas TICs. Medeiros (2008) já falou sobre o fascínio que o Orkut desperta em tal faixa etária. Ela atenta para a relação entre o site Orkut e o contexto social, do culto ao espetáculo e aos valores da cultura narcísica.

A imagem do negro nos livros didáticos foi e continua sendo objeto de estudos acadêmicos. Como produto social, não é livre de carregar ideologias, enquanto exerce sua função primordial de mediar o saber acumulado pela sociedade e o conhecimento elaborado pelo educando. Luzia nos fala do incômodo que sentia ao perceber que as imagens negras disponíveis comumente no material didático com o qual lidava privilegiavam o período da escravidão e situações de submissão. Como saída, a professora busca a imagem de personagens históricas negras cuja biografia remete à luta por reconhecimento e direitos: Malcolm X, Martin Luther King, Mandela. Observamos que a recorrência a personalidades do cenário internacional se faz ao mesmo tempo em que ela salienta a necessidade de “contar a nossa história”, apontando para uma visão que tende a enxergar pontos comuns nas diferentes formas de opressão racial experimentadas pelos negros ao redor do mundo.

O caminho que leva Francisco à comunidade é notadamente diverso. Funcionário público, 36 anos quando de nossa entrevista, teve seu interesse pela temática racial despertado

de forma mais aguçada no momento em que cursava Direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie:

A primeira comunidade multiétnica em que adentrei foi a Consciência Negra, há uns três ou quatro anos. Isso em virtude de um conhecimento que eu tinha desde a época da faculdade de Direito do Mackenzie, que é conservadora. Lá uma única professora mais ligada nestes temas levantou a bola, mas nem digo que foi a partir dela. Já antes, na época do Anglo, o cursinho pré-vestibular, eu questionava. Entrei na Consciência Negra pelos debates que existiam ali. Meu teor radical continua o mesmo desde aquela época, não mudou nada. Sempre eu batia de frente com algum branco. Nunca bati de frente com um negro porque eu sabia que estava numa comunidade de negros e eu, como branco, não podia trazer um problema histórico, secular e repetir ali dentro o enfrentamento. Eu batia pesado nos brancos. Nunca enfrentei de forma pesada um companheiro negro por mais que ele tivesse uma ideia contrária, por mais que tivesse uma ideia favorável ao pensamento do branco. Dizia que eles eram cooptados, sempre usava essa palavra. Já fui até ameaçado de expulsão de outra comunidade, a Orgulho Negro, por falar assim. Cooptado, alienado. Então um colega, jovem negro estudante de Ciências Sociais na Bahia, entrou no meu perfil e me deixou um scrap. Disse: “Olha, Chico Mendes, eu estou vendo que você tem um pensamento muito radical, bem extremado, e tem uma comunidade que é mais ainda. Seria interessante você entrar lá porque lá você vai se dar melhor, vai levar esse posicionamento para lá. É a comunidade NEGROS”. Só que essa comunidade na época era moderada. Então esse colega disse que falaria com o dono, que era amigo dele, para me aceitarem. Aceitaram e eu já entrei de sola.

No Mackenzie, numa sala de 60 alunos tinham dois negros. Tinha uma terceira, mas mexia no cabelo, forçava a maquiagem e nem parecia, mas ela era negra. Então eram três em 60. Criei uma expressão que é o teste do pescoço. Você estica o pescoço para ver uma sala de aula da USP, por exemplo, e vê a quantidade de negros. Vai lá ao prédio da medicina, numa aula, e conta quantos negros tem. Isso já me chamava a atenção desde a época do Anglo, ali na Liberdade. Um cursinho particular de brancos. Só dava branco, coreano. Eu estudava à noite, naqueles preços populares, e mesmo assim percebia. Não parava para pensar no problema, mas percebia. Tinha um colega no Anglo, japonês, que pregava o movimento dos sem-vestibular, alguma coisa assim. E a questão racial estava inserida ali. Então eu comecei a analisar. Tive professores, na área de Sociais, que davam brechas, davam ganchos. Então você vai e pega o gancho. Comecei a pesquisar e a verificar. A gente começa a acordar. Então entrei na universidade e lembro que na primeira ou segunda semana de aula, uma professora de Teoria do Estado trouxe o assunto das cotas. Um colega meu, petista inclusive, falou: “Mas professora, a qualidade da universidade não vai diminuir se você colocar um cotista lá dentro?”. A professora disse: “Quem somos nós

para duvidar da capacidade do ser humano? Você duvida que um cotista consiga acompanhar?”. Ele não respondeu. Já pensava assim, mas aquilo vindo de uma professora foi bom. Aquela frase me deu o impulso de pesquisar. Saí procurando tudo na internet.

Conforme já dito, a comunidade estudada não limita o acesso de pessoas que se identificam como brancas ao espaço. Entretanto, notamos em algumas falas colhidas nos tópicos sobre identidade analisados e na própria fala de Francisco que o ingresso desses membros é, por vezes, visto com ressalvas:

A principal discussão ali na NEGROS naquele momento era a questão das ações afirmativas. Eu dizia: “Olha, tudo o que acreditávamos nesse tempo se confirmou e eu fico feliz de estar aqui, debatendo cotas, defendendo. Afirmando que a nossa sociedade é racista e que nós temos um pensamento conservador racista e é isso que impede que a comunidade negra dê um passo adiante”. Sempre digo isso, que no país nunca houve uma revolução de inclusão. É até interessante que no início eu debatia na comunidade NEGROS e o Railton, um companheiro nosso que é bem articulado com as palavras, falava assim: “Você é mais um branco que quer vir aqui com essa conversa mole, para liderar-nos e depois dar o bote”. Eu fiquei triste com isso. Disse: “Não é isso que estou querendo, mas não vou enfrentá-lo de jeito nenhum. Você está enganado”. Ele até falou que o que eu queria era ser candidato em 2006 a alguma coisa. Eu disse que não, que aquela era a minha posição. Estava defendendo algo em que eu acredito e ponto. E a gente foi. Briguei muito, brigo mais é com os brancos. Às vezes atravessa um negro e diz que eu devia me moderar mais, distribuir a responsabilidade. Nessa hora eu mantenho a minha posição e não distribuo responsabilidades. A responsabilidade da nossa tragédia é do homem branco. Nossa sociedade é racista. Tem um rapaz lá que é do Rio de Janeiro, não me lembro o nome dele, mas ele está entre meus amigos do Orkut. Ele falava: “Mas, Chico Mendes, se você diz que a sociedade branca é racista e você é branco, então você é racista?”. Eu digo: “Olha, se você me perguntar isso, eu nunca vou responder porque não vai ter nenhum efeito eu dizer se sou ou não. Só quem pode dizer se eu sou ou não são as pessoas que convivem comigo. De mim você não pode esperar uma resposta que eu não sou racista por que qual a validade de um branco dizer isso numa sociedade como esta? Não tem, na minha opinião, nenhuma validade”. Aí ele falou que a resposta estava bem encaminhada. Ficou satisfeito. E eu continuo com essa mesma posição.

A identificação de Francisco com a “causa” pode ser apurada em outros momentos de sua fala:

Eu sou funcionário público, trabalho no tribunal. O nosso padrão salarial deu uma crescida. Quando o salário do servidor federal era menor, muitos negros adentraram porque como os brancos não procuravam, as populações da base iam atrás. Hoje em dia eu percebi que nos últimos anos os que entram são 95%, 99% brancos. Negros são minoria. Se são militantes? Acredito que não. Às vezes a gente joga uma palavrinha para ver o que acontece e ele olha para lá. Penso que esse é mais alguém que chegou ali e não quer problemas. Os servidores antigos negros e pretos estão se aposentando. Um dia, no sindicato da categoria, eu peguei o microfone e disse que enquanto estiver só debatendo a questão da mulher e não falar da mulher negra, do trabalhador negro em geral, não vai adiantar. É preciso perceber que a nossa categoria está ficando branca. Os negros se aposentam e não existem mais negros tomando posse. Fiz até uma ironia e disse que daqui a pouco só eu seria negro ali dentro. O pessoal ficou chateado porque ninguém toca nessa questão. É isso que acontece no meu tribunal. Muitos brancos e os poucos negros que tem lá não querem discutir a questão. Só um ou outro, como uma menina que trabalha comigo e sempre pergunta, conversa. Entendo essa postura de não querer discutir. Nunca vou colocá-los como responsáveis pela nossa desgraça. O culpado é o branco. Se eles que trabalham ali há 20, 25 anos não vêm debater, não comparecem às greves, não escrevem artigos é porque o tribunal pratica o que a gente chama de racismo institucional. A omissão é o pior. Eu falei isso no sindicato, que ele (o sindicato) se omite e colabora com a exclusão racial. A diretora do sindicato foi irônica, pediu a palavra e disse: “Pronto, somos todos machistas, somos todos racistas”. Fiquei calado porque eu adorei ela dizer isso. Adorei o que ela falou, mas a intenção era que eu dissesse: “Peraí, não é bem assim”. O tribunal é bem elitizado. As pessoas querem ascender lá dentro, nos quadros, então não querem tocar nessa ferida. Vivem numa sociedade racista e trabalham numa instituição que se omite do problema. O sindicato nunca tomou como séria a questão racial. Querem caminhar na vida deles, sem sobressaltos. Entrar nessa questão é brigar, é ter dor de cabeça. Você vai sofrer. Vai ter que explicar pro seu filho o funcionamento da sociedade nesse sentido. Então por isso eu acho que eles não querem discutir.

O racismo institucional, a que Francisco se refere, caracteriza-se por um ciclo vicioso onde ninguém é responsabilizado. Trata-se de uma discriminação sutil e implícita, pois não há um discurso que o sustenta: as regras da instituição não colaboram para o ingresso e a ascensão de negros e negras, sem que ninguém possa ser diretamente responsabilizado. Afora isso, o mito da democracia racial – a igualdade de oportunidades que pretensamente existiria no Brasil – colabora para que se sustente a concepção de que não existem conflitos raciais em nosso país. O silêncio sobre o racismo e a discriminação configura a uma adesão à “regra

social estabelecida”: racista é quem fala de racismo. Francisco opta por não aderir a essa cegueira racial e, como consequência, é discursivamente provocado pela diretora do sindicato.

Dojival, nosso terceiro entrevistado, 54 anos à época do nosso encontro e natural de Sergipe, é jornalista desde os anos 80 e advogado desde 1996, sendo notório nas duas áreas o seu envolvimento na luta pelo combate à discriminação racial. Foi vereador em Cubatão (SP), onde também se lançou candidato a prefeito. Sua atuação no Ministério da Educação lhe rendeu um convite para ser consultor de políticas públicas da UNESCO. Dojival é o jornalista responsável e editor da *Afropress*, agência de informação multiétnica. Também preside a ONG ABC sem racismo, tendo atuado em casos de discriminação racial que obtiveram considerável repercussão na imprensa, dentre eles, o primeiro caso de indiciamento por tortura motivada por racismo³².

Em 2010, concorreu a deputado estadual pelo PC do B. Sua entrevista não nos possibilitou compreender a fundo suas motivações de ingresso na comunidade estudada. Apuramos, por buscas no Orkut, manifestações de apoio à sua candidatura como esforço pelo estímulo ao voto em candidatos negros e antirracistas. Uma dessas manifestações é justamente de Luzia, nossa entrevistada ponto zero:

Eu, Luh, Apoio Dojival Vieira!

Amigo pessoal e militante de respeito, merece toda a atenção dos paulistas!

Você pode ajudar, passando em frente a mensagem, telefonando, mandando e-mails, usando a Internet, as redes sociais, Pois Dojival sequer teve participação na propaganda eleitoral, nem mesmo pra dizer seu nome.

Prá dar certo, tem de ser ousado !

Dojival Vieira é negro.

Jornalista Responsável pela Afropress - www.afropress.com

Presidente da ONG ABC SEM RACISMO

Inferimos, portanto, que seu ingresso pode estar relacionado à estratégia de se fazer visível nas comunidades de temática racial. Segundo Dojival, é justamente Luzia que o coloca a par dessas comunidades: *Quando a Luzia me colocou a par dessas comunidades eu entrei numa delas (...).*

---

³²Em agosto de 2009, o vigilante da USP Januário Alves de Santana foi apontado como suspeito de roubar o próprio carro no estacionamento de uma das lojas da rede de supermercados Carrefour. Januário foi, durante quase 30 minutos, vítima de socos e pontapés por parte dos agentes de segurança do estabelecimento. Detalhes sobre o caso podem ser vistos no artigo do advogado Hédio Silva Júnior, “Tortura racial: parabéns Polícia Civil e Dr. Dojival Vieira”. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2011/02/486276.shtml>>. Acesso em: 28 abr. 2012.

Destarte, temos uma pequena ilustração das razões que trouxeram tais membros à comunidade estudada: há variação nas motivações e nos usos que tais usuários fazem do espaço. Luzia parte da busca de subsídios para sua prática pedagógica. Uma vez dentro, pelas interações com outros membros, parte para o desenvolvimento de uma nova postura pessoal, mais crítica, em relação a sua identidade racial. Em outras palavras, vemos que o grupo tem importante função de apoio ao indivíduo. Francisco, pelo contrário, já chega ao espaço munido de referenciais teóricos que compartilha com os demais. Seu envolvimento com “a causa” desperta desconfianças sendo ele branco. Francisco precisa provar “de que lado está” para ser aceito. Dojival apropria-se do espaço buscando a visibilidade (lembremo-nos de sua candidatura), mas não deixa de contribuir nos debates instaurados.

3.2 Militância virtual

A comunidade NEGROS pode ser classificada como uma forma moderna de movimento político? Maria da Glória Gohn nos traz a definição do sociólogo francês Alain Touraine sobre movimentos sociais: "possuem uma identidade, têm um opositor e articulam ou se fundamentam num projeto de vida e de sociedade" (TOURAINÉ, 1973 *apud* GOHN, 2010, p. 16). Gohn observa ainda que os movimentos sociais têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade. Afirma ainda que "podem surgir e se desenvolver também a partir de uma reflexão sobre sua própria existência (...). Lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural", além de terem sempre "um caráter educativo e de aprendizagem para seus protagonistas" (GOHN, 2010, p. 16).

O ativismo político nas redes sociais tem sido um tema recorrente desde sua vinculação aos protestos ocorridos na Tunísia (contra o ditador Zine El Abidine Ben Ali) e no Egito (contra o ditador Hosni Mubarak) em 2011. No Egito, inclusive, houve a tentativa de bloquear o Twitter (tida como a ferramenta organizadora do movimento). Malcolm Gladwell vê limites nesse ativismo. Segundo ele, "se antes os ativistas eram definidos por suas causas, agora são definidos pelas ferramentas que empregam". Os vínculos estabelecidos por essas redes seriam demasiadamente fracos para conduzirem a ativismo de alto risco. O engajamento seria do tipo que traria tão somente reconhecimento social. (GLADWELL, 2010).

Waldemir Rosa nos traz uma visão diferente. Ao afirmar que o debate de ideias sobre o negro na sociedade ajuda no processo de afirmação da identidade negra, ele o justifica

lembrando que a realidade brasileira e a ideologia nacional não permitem afirmações de pertencimento nos espaços centrais de poder:

A afirmação do negro sempre esteve ligada às esferas da religiosidade, das artes e do erotismo. Que são aspectos importantes da vida humana, mas não são os centros irradiadores de sentidos e significados hegemônicos na nossa sociedade (ROSA, 2005).

Gohn salienta que, em relação aos movimentos étnico-raciais, os últimos anos têm sido marcados por uma ênfase na construção de identidades. Os ativistas não teriam causas e metas claras, mas essa característica não se restringiria aos movimentos negros. Para ela, "na maioria das vezes, os sujeitos participantes dos movimentos sociais têm aprendido a fazer leituras de mundo" (GOHN, 2010, p. 173).

A seguir, apresentamos as visões de nossos entrevistados sobre o que chamam de militância virtual ou ciberativismo. Para Luzia:

A comunidade consegue se mobilizar para atuar contra empresas racistas, como por exemplo, o comercial da Sadia, veiculado na televisão na época da Copa do Mundo. O comercial retratava várias famílias e com as seguintes falas: "No Brasil tem gente que é descendente de italiano, descendente de japonês, descendente de alemão". Aí mostrava as famílias, enormes, de cada grupo Na vez da família negra, apareciam apenas três pessoas: um homem, uma mulher e uma criança, e a seguinte fala "E tem gente, que é tudo isto junto!" E não era uma família de negros em sua própria casa e sim na casa das outras famílias, arrumando a ceia da Copa, pode? Que raiva, viu! Foi uma negra quem abriu o tópico e repassamos para várias comunidades, combinamos de mandarmos e-mails para a empresa, cada qual com redação própria e com a mesma mensagem final: "A partir de hoje, eu e minha família, deixaremos de comprar os produtos da Sadia. Se não nos vemos... Não compramos!" Recebemos uma resposta padrão, dizendo que respeitavam todas as etnias, que sempre colocaram os negros em suas propagandas etc. E pediam que nós verificássemos as propagandas em um site de vídeo para comprovarmos. Então, eu e Aline, tivemos o maior trabalho de procurar cada um deles em um site de vídeos, e constatamos que quase não havia atores negros, quando havia, era uma mão, uma silhueta ou os entregadores eram negros. Reenviamos os e-mails com as provas da exclusão e dois dias depois, resumiram o comercial, depois o substituíram por outro. Não dava para processar porque de certa forma, colocaram negros lá. Quem sabia que era racismo era só a gente, então tínhamos que atacar a empresa. A gente é consumidor e é assim que nos tratam, como se fossemos invisíveis? Nosso dinheiro é real, né? Por que o negro tem que ser colocado sempre como empregado do branco? Por que não colocaram, também, uma família

de negros numerosa lá? Negros têm mais filhos que um monte de gente por aí. Não falam que negro só faz filho? Então. Por que colocar só três e ainda como empregados de uma família branca? Por que um é descendente de italiano, outro de japonês e o negro tem que ser “tudo isso junto”? Aliás, o que é “tudo isso junto”? Não tomam vergonha na cara nem com a copa sendo na África! A propaganda dava conta que a maioria das famílias brasileiras é formada por brancos, quando, na realidade, a maioria dos brasileiros é negra. Tiveram a audácia de responderem que a propaganda foi veiculada assim porque eles não vendem seus produtos na África, então retrataram apenas os países da América, Europa e Ásia. Aí é que ficou pior que a encomenda!

O outro episódio foi o de uma publicitária que trabalha para a Dove. Ela colocou em seu site que procurava pessoas para um comercial com este e aquele perfil. No perfil exigido para modelos negras estava claramente descrito “Não pode negra muito forte com a pele muito escura”. Uma modelo negra que mandou o link para mim, uma moça que não participa da comunidade, não escreve, mas é membro. Ela entrou no meu perfil e disse que tinha uma coisa para falar. Eu dei o meu e-mail e ela me mandou por e-mail. A gente abriu um tópico sobre isso, mas não tivemos o cuidado de printar (copiar) antes, então, ela acabou tirando a mensagem do site. Na hora ela apagou e a gente perdeu a prova. Na nossa cabeça continua sendo racismo porque nós vimos e sabíamos que a “negra muito forte” que fosse lá só iria perder tempo (Luzia).

Nas palavras de Francisco:

Sobre a mobilização efetiva das comunidades, há alguns exemplos. Teve um desfile de moda na televisão. Estavam ausentes negros e a curadora, nem sei se é essa a expressão que se usa, mas a responsável foi infeliz numa colocação e disse que não precisava de negros ali porque eles já estavam trabalhando nos bastidores. Abriram um tópico ali e colocaram o e-mail dela. Foram mandados e-mails e tivemos resposta, “olha, vocês estão equivocados porque nós nos pautamos pelo princípio da diversidade”, aquelas respostas de quem não quer dar o braço a torcer. Eles nunca admitem, a sociedade nunca admite. É sempre na base do “não é bem assim”. Teve um dia, em 2005, o Banco do Brasil fez um outdoor com várias profissões, médico, juiz, dentista, secretária. E tinha duas pessoas dessas nove. Uma era um vigia e ficou lá atrás, a outra secretária e ficou mais à frente. Aí eu reclamei. Mandeí um ofício para a procuradoria federal, abriu-se uma sindicância. Tudo bem, a procuradoria mandou arquivar, mas antes disso mandou ofício para o Banco do Brasil e fez o maior estardalhaço. A Secretaria de Políticas Públicas do Governo Federal também entrou na jogada e o Banco do Brasil respondeu, falou “não é bem assim” e “nos pautamos na diversidade”. Então se alguém da NEGROS vê uma publicidade da qual discorda, a gente

abre um espaço, se organiza, manda e-mails. Eles mudam para evitar confusão. Isso é resultado de militância virtual (Francisco).

Analisando a presença do negro na publicidade brasileira, Martins (2009) realiza uma investigação quantitativa sobre a presença de negros nos anúncios veiculados pela popular revista semanal *Veja*. Cobrindo 25% dos exemplares de cada ano estudado (1985, 1990, 1995, 2000 e 2005), o pesquisador apura que:

(...) foram analisados 60 exemplares da revista semanal *Veja*, nos quais encontramos 1158 anúncios com presença da figura humana, e desses 86 apresentavam um ou mais negros, número que equivale a 7% do total. Com relação ao número de personagens, quantificamos 3186 no total, sendo 156 negros, ou seja, cerca de 5% (MARTINS, 2009, p. 63-4).

O preterimento de negros e negras na publicidade e nos meios de comunicação em geral do qual fala Luzia é corroborado por estudos como o citado acima. Os mecanismos para a reprodução do racismo no meio midiático são diversos: há a questão da invisibilidade, comprovada, por exemplo, nos estudos de Joel Zito Araújo no livro e filme *A negação do Brasil*:

Durante cerca de quatro anos de trabalho, eu e um grupo de pesquisadores examinamos cerca de 70% das telenovelas produzidas no Brasil e fizemos um mapeamento para identificar novelas que tinham personagens e atores negros. Para nossa surpresa, em mais de um terço das telenovelas produzidas no Brasil, não apareceu nenhum ator negro, isso em um país que tem 50% da população negra ou negro-mestiça (ARAÚJO, 2002, p. 64).

E, quando se torna visível, há muitas vezes um retrato que remete à subordinação. No documentário já citado, Joel Zito Araújo reúne depoimentos de atores e atrizes negros de reconhecido talento (Ruth de Souza, Zezé Mota, Milton Gonçalves) e é notório, em suas falas, certo desconforto em relação aos papéis interpretados. Dentre os vários momentos tocantes desses depoimentos, destacamos a surpresa relatada por uma vizinha de Zezé Mota: ao saber da mesma que estava fazendo um curso de Arte Dramática, responde "Não sabia que para fazer papel de empregada precisava fazer curso".

Não temos condições de afirmar que a mobilização virtual relatada por Luzia teve algum peso.

Francisco também acredita no papel de militantes dos membros das comunidades negras:

Vejo as comunidades do Orkut como espaços de militância. Militar é fazer acordar um número que você não sabe quantos e nem quem. Considero militância pelo grau de convencimento. O mundo da internet é interessante porque a gente pode rapidamente trazer provas daquilo que a gente fala. A gente traz um argumento e logo perguntam qual é a fonte. O famoso “qual é a fonte?”. A gente mostra. Ele vai e não volta mais porque se convenceu. Então eu considero sim um espaço de militância. Não dá para achar que o mundo virtual é só entretenimento. O Orkut deu uma subida no Brasil. O Facebook começa a crescer na classe média alta, a molecada branca, porque lá não há a mesma interação. No Orkut todos podem promover um debate, partir dali e pesquisar alguma coisa. Sabemos que muitos entram nas comunidades de temática racial só por modismo ou para entretenimento do tipo os jogos “fica ou não fica?”, “beija ou não?”. Tem esse lado, sim. Mas os tópicos desse tipo nas comunidades negras o pessoal vai pra cima, busca a seriedade (Francisco).

Já a fala de Dojival, é divergente:

Essa militância virtual de uma certa forma se acomoda ao mundo virtual. Quase sempre é impressionista ao extremo. O caso da Dove. Inclusive esse debate acabou porque eu entrei um dia, estava pegando fogo, aí eu entrei no site que eles diziam e vi. Falei: “Olha, isso aqui não é crime”. Tem uma grande confusão nessas coisas. Você trabalhar com moda ou trabalhar com um produto e você dizer que quer determinado perfil para ser modelo, desde que você não exclua outros, não é crime nenhum. Se você, por exemplo, quer contratar bombeiros, concurso público para bombeiros, uma pessoa que tenha deficiência física pode entrar? Não. Então estão discriminando deficiente físico? Não. É porque esta atividade não está adequada, ele não atende ao perfil desta atividade. Claro que isso tem que ser verificado caso a caso porque nisso a cultura discriminatória e racista se infiltra. Mas as pessoas, os militantes virtuais, precisam ter cuidado para não se tornarem folclóricos. Disse: “Espera aí pessoal, que situação é?”. Essa, essa e essa. “O que diz a lei?”. Isso, isso e isso. “Contraria a lei?”. Não. O problema é que esse inconsciente coletivo está contagiado. Estamos num país que viveu sob a escravidão por quatrocentos anos. 122 anos desse racismo pós-abolição. Aqui, essa coisa está tão contaminada, que aqui é o único país do mundo onde você encontra elevadores de serviço. A arquitetura se amoldou a um antigo hábito da separação que existia entre casa grande e senzala. Como também é uma continuação da senzala o quartinho de empregada que toda família de classe média tem. A gente não se dá conta dessas coisas. Isso está no inconsciente coletivo. Cada coisa é uma coisa. Muitas vezes, não quero generalizar também porque toda generalização é burra, mas quase sempre essa militância virtual fica nas ações impressionistas, ela não vai para a realidade concreta porque ela é virtual. Então, por exemplo, se eu

acho no meu achismo que determinada atitude de determinada pessoa ou empresa é racista, eu boto pra fora os meus bofes, a minha fúria, a minha indignação. Essas pessoas não transformam essa reação. E sobre isso que eu os desafiei inclusive. Quando a Luzia me colocou a par dessas comunidades eu entrei numa delas e disse: “Bom, é o seguinte, vamos adiante. A Dove está fazendo isso? Vamos à Dove”. Coloquei para eles o caminho inclusive. Tem um menino lá que eu conheci, Cogito não sei o quê. “Primeiro é o seguinte. Pega o material”. Aí já percebi que o material não era da Dove, era da produtora da Dove. Aí eu falei para eles: “Primeiro vamos tirar a limpo isso aqui. Você não pode sair por aí e dizer fulano de tal é racista. Espera aí, calma. Vamos ver se essa atitude se enquadra, se tem amparo legal e vamos tomar as atitudes”. Eu sou assim. Se a Dove está fazendo, praticando isso, é simples. “Vamos reunir um grupo e vamos nos reunir com o setor de recursos humanos da Dove”. Falei isso para eles antes. Vamos lá, vamos propor a eles um acordo no sentido de que eles comecem, por exemplo, a receber lá oficinas, orientar o setor de recursos humanos que está errado, que estão reproduzindo o preconceito. Aí, chega nessa hora e você não tem mais ninguém. Então isso eu acho que é um dado a ser observado. A militância virtual quase sempre fica na virtualidade e no impressionismo. No Brasil nós não precisamos inventar racismo, não precisamos inventar situações racistas porque elas estão no cotidiano, dessa forma sutil, sofisticada, dissimulada e não assumida. O que nós precisamos é treinar o nosso olhar e a nossa sensibilidade para identificar quando ele ocorre, enfrentá-lo e derrotá-lo (Dojival).

A fala de Dojival nos remete a já citada afirmação de Malcolm Gladwell, sobre um engajamento que traria tão somente reconhecimento social. Enviar mensagens via e-mail, compartilhar vídeos, preencher abaixo assinados virtuais não requer tanto esforço e nem despende tanto tempo. O ativismo político demandaria transgressão e solidariedade (Jordan, 2004 *apud* Batista & Zago, 2010), sendo que a transgressão pode ser lida como uma oposição a certa condição social e a solidariedade o suporte mútuo dessa transgressão. Luzia e Francisco, principalmente a primeira, acreditam no ciberativismo como forma de ação política, o protesto a partir dos ambientes virtuais. Tomando por base o modelo de comunicação em dois níveis (Katz & Lazarsfeld, 1995 *apud* Batista & Zago, 2010), pessoas que dispõem de mais acesso à mídia (tempo e entendimento) "alimentam" de informação os ocupantes do segundo degrau. Estudos posteriores, porém, procuram demonstrar que o modelo de dois níveis não cabe mais na sociedade contemporânea, uma vez que haveria múltiplos níveis de fluxo de comunicação. Com base em nossa observação da comunidade NEGROS pudemos perceber que há sujeitos centrais em determinadas redes e que são eles que potencializam o alcance de uma informação. A dedicação e o envolvimento tanto de

Luzia como de Francisco caracterizam-nos como indivíduos centrais: participam de várias comunidades de temática racial, frequentemente interagem em tópicos e possuem em, suas redes, estudiosos (acadêmicos) do assunto. São transgressores, à medida que questionam o status do negro na sociedade brasileira. Há solidariedade, à medida que a reconstrução de uma identidade negra positiva é feita em conjunto.

O ponto ressaltado na fala de Dojival - que possui um histórico de militância "real" - acerca do "impressionismo" dos militantes virtuais pode ser compreendido também como uma disputa pelo campo:

Os participantes do campo trabalham, constantemente, para se diferenciar dos seus rivais mais próximos, para reduzir a competição e estabelecer um monopólio sobre um subsetor particular do campo. Assim os esforços constantes dos membros do campo para impor critérios de competição e de pertença, podem ser mais ou menos bem sucedidos, dependendo de conjunturas particulares; portanto os limites do campo só podem ser determinados de modo empírico e em cada situação (Bourdieu & Wacquant, 1992 *apud* Misoczky, 2003).

Ressaltamos, porém, que essa "disputa" não desqualifica a argumentação elaborada pelo advogado e jornalista: há que se ter uma leitura embasada do que configura o racismo e a discriminação, uma vez que são acusações graves e implicam em crime, combatido pelas leis brasileiras. A acusação, sem o amparo da lei, sabemos, perde sua razão. Resvala no "achismo" criticado por Dojival.

O racismo é crime inafiançável e imprescritível. O texto da lei lista os crimes dessa natureza punidos pela lei. Dentre eles:

- a) Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Pública, bem como negar ou impedir emprego em empresa privada;
- b) Recusar, negar ou impedir a inscrição de aluno em estabelecimento de ensino público de qualquer grau;
- c) Impedir o acesso ou negar o atendimento nos seguintes locais: restaurantes, bares, confeitarias, estabelecimentos esportivos, casas de diversões e clubes sociais abertos ao público, hotéis, pensões ou estalagens;
- d) Impedir o acesso às entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais e respectivos elevadores e escadas de acesso;
- e) Impedir o acesso ou uso de transportes públicos.

O aporte legal é sem dúvida essencial para que os ditos militantes embasem suas afirmações e acusações.

3.3 O conhecimento em rede

Lévy (1999) aponta como condição fundamental da inteligência coletiva – a inteligência definida como trabalhar em comum acordo – a capacidade de compartilhamento conhecimentos, apontando-os uns para os outros. É também através desse compartilhamento que teríamos “meios simples e práticos para saber o que fazemos juntos” (1999, p. 18).

Há ligações das redes sociais com a sociedade do espetáculo: montamos nossos perfis para sermos vistos, escolhemos nossas melhores fotos para nossos álbuns online. A centralidade no indivíduo é apontada por alguns sociólogos como característica da cultura contemporânea. Apresentamos a nossa rede nossos bens materiais e/ou simbólicos. Para Lévy seria possível superar essa visão e “saber e pensar junto”.

Antes de partir para a leitura de teses, livros, estudos críticos e científicos que falam sobre a nossa etnia, eu busquei outro caminho que é o de estudar as pessoas: o que pensam os negros e brancos, de fato? O que encontrei foi uma negrada legal e que vem estudando muito antes de mim (...). O Chico, um amigo, branco, que conheci no Orkut e agora conheço pessoalmente, fala que há dois tipos de brancos: o branco racista e o branco mal informado. O mal informado diz pérolas racistas do século XIX sem ter a menor ideia do que está falando, coisas que pregaram para ele lá atrás, porém, a partir do momento em que você consegue colocar na cabeça deste branco que suas falas são racistas, seu pensamento em relação aos negros também, ele começa a se transformar (Luzia).

A linguagem acadêmica, sabemos, nem sempre é de fácil compreensão. A estratégia de Luzia, de ingressar nas comunidades de temática negra, funciona à medida que ali ela poderá encontrar leituras de fácil entendimento sobre a questão racial. Membros da rede criada na comunidade – como Chico (Francisco) – contribuem com informações de qualidade para a construção e ampliação do conhecimento. Novamente, para Lévy:

Basear o laço social na relação como saber consiste em encorajar a extensão de uma *civilidade desterritorializada*, que coincide com a fonte contemporânea da força, ao mesmo tempo em que passa pelo mais íntimo das subjetividades. Em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio de nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber (...). Toda atividade humana, todo ato de comunicação, toda relação humana implica um aprendizado. Pelas competências e conhecimento que envolve, um percurso de vida pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber (LEVY, 1999, p. 27).

Tomando o outro como um indivíduo que sabe aquilo que não sei, ele passa a representar para mim uma fonte de conhecimento. Com suas contribuições postadas na comunidade, ele enriquece meu saber. A recíproca é verdadeira. A fala de Francisco ilustra uma situação em que a mudança de posicionamento partiu dele:

Eu mesmo já mudei de opinião. Até 2004 eu era radicalmente a favor apenas de cotas para negros, independente se era pobre ou não. Porque não é uma questão social, é uma questão de pele. Oracy Nogueira já dizia isso. Então, para não causar, eu digo o seguinte: “Eu não me meto nas cotas para brancos pobres, no percentual dos indígenas, e você não se mete a querer interferir no que é dedicado aos negros. Você fica na sua e eu na minha”. Aí eles veem que eu mudei. Eu não vou sair bradando pelas ruas contra as cotas para brancos. É dessa forma. Porque antes eu defendia cotas apenas para negros, mas ainda não estamos preparados para isso (Francisco).

A fala de Luzia mostra a influência de Francisco em sua construção de conhecimento e atuação:

O Chico, por exemplo, me dá a visão de branco que eu não tenho. Eu dou a ele a visão de negra que ele não tem. Ele me ensinou muita coisa também. Parece até engraçado, um branco ensinar a uma negra como os brancos são racistas. Ele se diz especialista em brancos, daí estar engajado conosco para o que der e vier. Eu não sou radical a ponto de não querer discutir com brancos, a visão é do negro, e não aceito a visão do branco sobre o assunto quando ele quer ser o agente transformador, pois é sobre nossas vidas e nós sempre nos deixamos conduzir, agora, não mais. Qualquer branco que quiser um lugar nesta luta será bem vindo, entretanto, deve entender que não estamos de brincadeira, ambos herdamos as mazelas da escravidão, negros e brancos, os dois têm o dever de resolverem juntos (Luzia).

Ao falarmos sobre a possibilidade de circulação de informações de qualidade, é impossível não falarmos do capital cultural demonstrado por Francisco em diversos momentos da entrevista. Sendo participante ativo, ele acaba por fazer tais informações circularem:

Eu percebo que quando alguém vai lá se mostrar contrário às cotas, a pessoa se baseia no senso comum. É aquele que vai beber na fonte do editorial da Folha de São Paulo, do Estado de São Paulo, o Globo, Ali Kamel. Tenho esse livro em casa. Tem que comprar porque

sinceramente ali tem coisas absurdas. Eles vão nessas fontes. Demétrio Magnoli, o pior de todos que comentam contra as cotas. Ele é só geógrafo, mas quer ser tudo. Quer falar de política, de futebol, mas ele não é nada quando comenta as cotas raciais. Conseguimos mudar a opinião de algumas pessoas. Acontece algumas vezes. Uma tal de Jéssica entrou lá e falou assim: “Mas por que os meus argumentos são falhos e os seus são bons?”. Ela falou isso para mim. Simples: eu pego os meus argumentos e comparo com a realidade. Quando eu digo que as notas dos cotistas são iguais ou melhores que as dos não-cotistas, eu trago dados da Unicamp, da UnB. Está lá, não é um pensamento meu, é uma constatação. Enquanto os seus argumentos você não tem como provar. Ela não vai entender nunca, mas alguns mudam de opinião. É legal e interessante isso (Francisco).

O Marcelo Paixão, você conhece? Da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Você tem que conhecer o livro dele. Ele tem vários dados estatísticos: brancos, negros, pretos, amarelos, indígenas, tudo. Mulher branca, mulher preta, mulher amarela. São tabelas a perder de vista. Ele deu uma entrevista ao Paulo Henrique Amorim sobre a questão da população negra ultrapassar os 50%. Aí ele perguntou como você se considera, o Paulo Henrique perguntou para ele. Ele é assim do seu fenótipo. O Marcelo respondeu que se considera preto. Aí o Paulo Henrique tomou aquele susto porque não está acostumado com a naturalidade da situação, de chamar de preto. Não é naturalizado (Francisco).

O termo afrodescendente eu repudio. Vou explicar. Numa palestra que assisti em 2006 em que USP, Unifesp e Unicamp debatiam o sistema de inclusão nas três universidades. A Unicamp falou primeiramente, que dá um bônus para quem se declara negro e dá bônus para brancos pobres. Só que quem é negro tem uma pontuação a mais, por isso eu digo que o critério lá é mais racial. Eu brinco que a elite paulistana não sabe que lá na Unicamp tem um fator racial que promove a inclusão e na hora em que souber, vai entrar na justiça. Aqui em São Paulo ninguém entra na justiça, é incrível. A Unifesp tem cotas, a Unicamp tem um critério mais racial, que privilegia negros em relação aos brancos pobres. Privilegia entre aspas. Não é privilégio, é direito. A USP só tem o Inlusp que não tem definição em nada. Eu detono esse Inlusp. Aí o colega da Unifesp falou que no primeiro edital ele colocou lá que quem se declarasse afrodescendente teria direito à oportunidade. No segundo edital ele mudou porque teve um gaiato lá que disse que era afrodescendente porque todos os habitantes da Terra são. Afrodescendência é comum a todos os habitantes da Terra. Então a partir do segundo edital a Unifesp passou a prever cotas para quem se declarasse negro. Eu aprendi com essa pequena palestra (Francisco).

A ministra Matilde Ribeiro, uma pessoa que defendo até a morte, falou que não é racismo quando um negro se insurge contra um

branco: “Quem foi chicoteado a vida inteira não tem obrigação de gostar de branco.” No outro dia eu cheguei ao trabalho e um colega meu chegou perto: “Está vendo o que a sua ministra aí falou?”. Eu falei: “É isso mesmo, ela falou e está certa”. A ministra foi massacrada pela mídia. Foi afastada depois pelo caso dos cartões corporativos, mas a mídia começou a falar mal dela já antes disso, naquele momento (Francisco).

Coloca cotas para negros num buscador e você cai diante de uns textos. Tem muita coisa. Isso fez com que eu tomasse posições. Os dados estatísticos, os textos dos intelectuais. Os textos dos intelectuais anticotas são mais complexos, não vou negar. Porque tudo é tão óbvio que é fácil ser a favor! Tem lá o Peter Fry, a Yvonne Maggie. Tem também a nossa “galerinha”. Quando a nossa “galerinha” vai debater o tema eles não têm dificuldade porque o que eles falam é uma coisa tão lógica. Se dizem que o salário do negro é menor que o salário do branco eles não precisam tecer grandes explicações. Está tudo lá. Agora pega um texto do Peter Fry, um da Yvonne Maggie. Onde estão os dados reais? (Francisco).

A criança negra não se vê nos livros didáticos, na TV, nas revistas. Às vezes estou numa banca de jornais da Paulista e eu pergunto: “Cadê a revista Raça? Tem que colocar ali na frente, deixar estampado”. Porque é a questão da figura emblemática. Não quero saber se a pessoa tem vícios, problemas. A cor dela está ali. Lógico que tem Pelé, tem o cantor negro em algumas capas. Isso é importante, mas não tão importante. Para mim é importante o negro ocupando espaços no mundo da razão. Tem uma frase do Sédar Senghor, ele é citado no livro do Kabengele. Uma frase que o Kabengele combate e eu também combato: “ao branco a razão, ao negro a emoção”. A emoção é música, futebol, é tudo que lembra calor. O branco é a razão, os gregos. A gente tem que combater isso (Francisco).

*Teve um dia em que eu pedi autorização para o Kabengele através da mulher dele. Ela está no meu Orkut. Pedi autorização para digitar o livro dele e colocar todos os dias um trechinho lá na comunidade. Aí eu fiz isso. Minha intenção era fazer assim porque se eu colocasse tudo de uma vez o tópico ia descer. Minha namorada ajudou, outros militantes da internet também. E foi assim que colocamos, um pedacinho de cada vez. O nome do tópico é o mesmo do livro, **Negritude: usos e sentidos**. O pessoal ficou encantando. Para alguns até passei a íntegra por e-mail (Francisco).*

Antes de nos alongarmos acerca das possibilidades de saber construídas na rede, cabe especularmos uma definição a respeito. O saber, segundo Lévy, vai bem além do conhecimento científico-acadêmico: o indivíduo, ao reorganizar sua relação com os demais e com os signos, se envolve numa atividade de conhecer. Nessa medida, a participação na comunidade NEGROS unirá a subjetivação individual e coletiva: nela encontro elementos de

exaltação a um pertencimento racial desvalorizado pela sociedade e (re) construo positivamente uma identidade negra. No plano coletivo, recebo informações e dados que me são pertinentes.

Ressaltamos que esse espaço de saber é também espaço de conflitos discursivos raciais:

No Orkut você já deve ter me visto quebrando o pau com um negro, entrar um branco para me ajudar e eu simplesmente recusar a ajuda dele. Se estou discutindo com uma pessoa negra é uma luta entre iguais, a palavra dela pode ser ofensiva, mas é uma briga de iguais, de quem vive as mesmas coisas. O branco não deve se meter na briga de um negro com outro, eu não aceito. Aconteceu quando eu brigava com uma moça negra da comunidade e uma mulher branca entrou na conversa e a chamou de “Mamba Negra”. Eu nem sabia o que era, mas imaginei que fosse algo grave e a reprimi. Ela disse que tinha o direito de opinar e eu disse que ela não tinha, não. Ela retrucou que eu também estava xingando e eu expliquei que eu podia chamar a moça de “sua negra” por que eu também sou negra, mas ela não tinha esse direito. Ela era membro convidado e tinha que opinar apenas, jamais entrar em conflito com os negros, tentando empurrar seu ponto de vista. A casa é de negros, está na descrição o nome da comunidade NEGROS! (Luzia).

É até interessante que no início eu debatia na comunidade NEGROS e o Railton, um companheiro nosso que é bem articulado com as palavras, falava assim: “Você é mais um branco que quer vir aqui com essa conversa mole, para liderar-nos e depois dar o bote”. Eu fiquei triste com isso. Disse: “Não é isso que estou querendo, mas não vou enfrentá-lo de jeito nenhum. Você está enganado”. Ele até falou que o que eu queria era ser candidato em 2006 a alguma coisa. Eu disse que não, que aquela era a minha posição. Estava defendendo algo em que eu acredito e ponto. E a gente foi. Briguei muito, brigo mais é com os brancos. Às vezes atravessa um negro e diz que eu devia me moderar mais, distribuir a responsabilidade. Nessa hora eu mantenho a minha posição e não distribuo responsabilidades. A responsabilidade da nossa tragédia é do homem branco. Nossa sociedade é racista. Tem um rapaz lá que é do Rio de Janeiro, não me lembro o nome dele, mas ele está entre meus amigos do Orkut. Ele falava: “Mas, Chico Mendes, se você diz que a sociedade branca é racista e você é branco, então você é racista?”. Eu digo: “Olha, se você me perguntar isso, eu nunca vou responder porque não vai ter nenhum efeito eu dizer se sou ou não. Só quem pode dizer se eu sou ou não são as pessoas que convivem comigo. De mim você não pode esperar uma resposta que eu na sou racista por que qual a validade de um branco dizer isso numa sociedade como esta? Não tem, na minha opinião, nenhuma validade”. Aí ele falou que a resposta estava

bem encaminhada. Ficou satisfeito. E eu continuo com essa mesma posição (Francisco).

A fala de Dojival revelou sua participação esporádica na comunidade. Em relação à circulação de informação direcionada às questões raciais, sua frente de atuação é a **Afropress**. Sobre ela, fala:

Fechamos o mês de dezembro com 25 mil leitores na Afropress. 25 mil em 30 países do mundo. Estatística. Eu tenho movimento diário. Sobre a Afropress nós temos duas teses já. Uma da Universidade Federal de Sergipe e outra da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. E agora tem uma tese da UnB, respondi entrevista antes de ontem. A gente faz muita coisa, só não ganha dinheiro. Posso dizer para você que a Afropress é uma vitória, uma conquista extraordinária. Eu e minha mulher somos jornalistas e a ONG ABC sem racismo precisava de um projeto nosso de comunicação, ter visibilidade. Para levar informação com independência. Não somos chapa-branca, não estamos atrelados a partidos, não estamos atrelados a grupos. É informação. O que você vai fazer da informação é um problema seu. Como você vai formar a sua cabeça a partir daquilo que lê é problema seu. Saber é poder. Informação é conhecimento. Conhecimento é poder. Quem sabe, pode. Quando pode, como pode, onde pode. O que nós temos feito é um trabalho de empoderar, levando informação. Por isso a informação tem que ser o mais isenta possível. Não existe informação isenta. Todo texto carrega uma carga ideológica de quem o produz, é a visão de mundo. Não existe neutralidade. Eu não sou neutro coisa nenhuma. Nunca fui e jamais serei. Agora o que existe é informação objetiva em relação ao que se passa. Você pode ver o que se passa de diferentes ângulos. Eu passo do meu ângulo, mas é o que se passa. Aquilo se passou. A gente fala, por exemplo, do caso da mãe de santo da Bahia³³. Foi aquilo que aconteceu. Agora no editorial é a minha opinião, no editorial é a opinião da Afropress e eu sou o editor. Você não imagina o quanto eu apanho (Dojival).

Sobre como enxerga as comunidades negras do Orkut em geral, seu posicionamento é bastante elucidativo:

Porque se você tem comunidades com 30 mil negros, outras com 40 mil, com temas de ativismo negro, onde está de fato esse pessoal? A gente abre o Orkut e tem várias comunidades: NEGROS, Martin

³³Em outubro de 2010, Bernadete Souza Ferreira, mãe de santo de 42 anos moradora do Assentamento Dom Hélder Câmara (Ilhéus), foi algemada por policiais e arremessada pelos mesmos para cima de um formigueiro. Mesmo ferida, foi trancafiada num camburão e levada a uma cela masculina de uma prisão. A agressão teve início quando a religiosa, também militante do MNU, questionou o fato da polícia invadir uma área sob jurisdição do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) sem ordem judicial.

Luther King, Malcolm X e outras, de várias lideranças, de vários ícones da luta pela igualdade no mundo, com 10, 20, 30, 40 mil membros. Se tivéssemos de fato esse número de ativistas, eu tenho a impressão de que o quadro, o nosso quadro, seria diferente (Dojival).

Herdeiro de uma tradição de militância negra que remonta às grandes manifestações, marchas, atos públicos, Dojival vê com bastante ressalva essa apropriação das redes sociais que Luzia e Francisco chamam de ciberativismo. As entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa permitiram, portanto, contrastar diferentes visões acerca da comunidade NEGROS e a militância ligada ao espaço virtual, objeto do presente estudo. Esses pontos de vistas contrastantes, assim como o teor dos debates desenvolvidos no fórum mantido pela comunidade e analisados anteriormente serão objeto das considerações apresentadas a seguir a respeito do papel das redes sociais na produção dos discursos sobre a identidade negra no Brasil, nos últimos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do homem com as novas tecnologias é sempre uma fonte de estudo interessante. Se hoje é a internet – especificamente as redes sociais – analisada em suas potencialidades, ontem o foi a televisão e, ainda antes, o livro. Mudam as formas como nos relacionamos com o cotidiano, burocrático ou não, mas, sobretudo, muda a maneira como nos relacionamos uns com os outros.

Alarmistas alertam para a fragilidade dos laços estabelecidos pela rede; os otimistas a encaram como aliada da democracia, pois serviria como veículo para várias leituras de mundo, indo de encontro ao monopólio da informação. Os curiosos, como eu, buscam registros das passagens e permanência de indivíduos como pistas para a compreensão de determinados fenômenos.

As redes sociais são convidativas por várias razões: ambientes de fácil navegação, visual agradável, possibilidade de observar e ser observado. Alguns sociólogos apontam o centramento no indivíduo como característico da cultura contemporânea. Na rede expomos nossos bens, simbólicos ou materiais, e nosso capital social. A nova interface do Facebook – rede social mais popular no momento – por exemplo, permite acrescentar à “linha do tempo” do usuário os chamados “eventos importantes”, como a aquisição de uma casa ou a troca de veículo. Trata-se do mesmo espaço onde é possível registrar o falecimento de um ente querido. Importante acrescentar: nada disso é obrigatório. O recurso existe e é disponibilizado a todos os membros. Usa quem quer.

Sendo o corpus de nosso estudo a rede social Orkut, vamos nos deter nas suas possibilidades. O ingresso depende unicamente da posse de uma conta de e-mail. Existe, sim, uma restrição etária, mas nenhum mecanismo para sua aferição. Preenche-se um perfil com algumas informações, reais ou não (a valer o contexto e a intenção), insere-se uma foto (opcional, mas bastante comum). Há a possibilidade de criar álbuns, estabelecer vínculos com pessoas do convívio real ou não e, o que nos interessa nessa pesquisa, participar de comunidades.

Ingressar em uma comunidade do Orkut não significa necessariamente participar dela, das discussões ali estabelecidas. O que investigamos em nossa pesquisa foram justamente os membros que de alguma forma interagiram nos espaços disponibilizados pelo Orkut: os fóruns de discussões. Nosso primeiro objeto de estudo foram interações textuais deixadas

pelos integrantes da comunidade NEGROS – uma das muitas do Orkut com temática racial negra – em dois fóruns que versavam sobre a autodeclaração racial. Entre março e junho de 2011, época em que o Orkut ocupava o primeiro posto das redes sociais mais populares entre internautas brasileiros, o fórum **Negro, Moreno Escuro e Claro** era o quinto em número de postagens, ou seja, interações textuais. O mais popular no momento era, sem surpresas, um fórum sobre cotas raciais. Analisar todos os temas discutidos se mostrou impossível dado o tempo restrito da escrita do trabalho. Trouxemos a tabulação, por ordem de postagens, dos títulos dos tópicos, dados por seus criadores. Com base nisso e na observação das conversações estabelecidas, elencamos as temáticas mais recorrentes. Nosso recorte deteve-se em dois fóruns sobre autodeclaração racial, o já citado e ainda o **Sou MULATO, filho de pais Negros(as) & Brancos(as)**.

Julgados irrelevante por alguns dos participantes são, também, numerosos, observa outro membro, dado que falaria por si: se há participação intensa – dentro das discussões da comunidade, com vários fóruns que não atingem nem 50 postagens – isso se dá porque o tema é, de algum modo, atraente.

Os conceitos essenciais para a compreensão da comunidade NEGROS como espaço de socialização e de conhecimento precisaram ser explorados. Repetimos o que já é sabido por todos, que raças humanas não existem. Acrescentamos, não pela primeira vez, que a inexistência de raças biologicamente distintas não invalida a história. Antes que geneticistas do mundo todo alertassem para essa verdade, atrocidades diversas foram cometidas em nome da raça. Dentre elas, a escravização de mulheres e homens negros, ora com o aval da Igreja, ora com o aval dos homens de ciência da época. Utilizamos os escritos de estudiosos de renome para confirmar o que só não vê quem não quer: a “descoberta” da inexistência de raças não responde sozinha a questão da diversidade humana. Essa, óbvia em nosso país. Há os indisfarçavelmente negros, há os que a miscigenação tornaram a identificação (e também a autoidentificação) dígitos, “menos precisa”.

O material de que dispomos não nos permite uma análise em profundidade de como se constituem essas identidades negras dos membros da comunidade estudada. Seria arriscado, além de imprudente, inferir as condições históricas e psicológicas da (re)construção dessas identidades. Detivemo-nos, então, na análise dos discursos de identidade. Munanga (2009) nos diz: a identidade é sempre um discurso. Hall (2000) atenta para a explosão discursiva em torno do conceito de identidade e para a questão do sujeito performativo: a identidade, ou nesse caso os “discursos de identidade”, são acionados em determinadas situações e

contextos. É ainda Hall um dos estudiosos que articulam os movimentos sociais à questão identitária.

Os movimentos negros no Brasil remontam às resistências pelos quilombos, à campanha abolicionista, à imprensa negra, à histórica Frente Negra Brasileira e sua tentativa de inserção mediante um partido político e à luta por uma maior participação no ensino superior. É do homem resistir e assim o fizemos. Nós, negros. Os mesmos que, segundo a Constituição de 1824, não eram considerados pessoas. E que apenas na Constituição de 1934 fomos protegidos por lei contra a discriminação racial. Tais mudanças, entretanto, não foram suficientes para fazer emergir a igualdade de oportunidades, a igualdade real. São inúmeros os estudos que reformam essa afirmação.

Voltamos a Munanga (2009): a construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre nós e os outros. Destarte, não podemos esperar de todos os negros o mesmo grau de consciência nem as mesmas motivações para a identificação. Colhemos, nas falas registradas pelos membros nos tópicos estudados, pistas lexicais que apontam para a existência de um orgulho de ser negro. Vimos, também, o apelo a uma ancestralidade que os ligaria a uma África idealizada que seria seu berço, sua origem. Ferreira (2000) aponta esse comportamento como condizente ao que chama de “estágio de militância”. Sem referências claras do que viria a ser tornar-se “verdadeiramente negro”, os indivíduos seguiriam orientados por um padrão idealizado de como a pessoa negra deve agir. Discursivamente, afirmar-se negro seria fator crucial. O uso de termos como moreno, moreno escuro e moreno claro é repudiado nesse contexto.

Para fins de comparação, analisamos um fórum iniciado no sentido de contrariar esse discurso. Nele, um membro lança um convite para aqueles que “orgulham-se de serem mulatos” integrem uma comunidade (criada pelo próprio). Sem esquecer-se do lugar de onde emanam os discursos identitários – a comunidade chama-se NEGROS – não é inesperado que o autor seja ironizado. São várias as postagens que respondem ao criador que o olhar da sociedade não o verá como mestiço e que não há razão para ter orgulho de ser fruto de uma relação inter-racial.

No final de 2010, realizei as três entrevistas que integram o corpus desse trabalho. O conceito de rede foi essencial para esse objetivo. Contatei uma participante bastante ativa na comunidade, Luzia, e, através de seu auxílio, Francisco e Dojival. Intencionando coletar narrativas sobre suas experiências na comunidade NEGROS, segui sem um roteiro rígido. As falas mostram distintas motivações de ingresso, desde a busca por informações úteis à prática pedagógica (caso de Luzia, professora de História e de Geografia) até a divulgação da

candidatura política (caso de Dojival que, lembramos, inferimos). Passa pelo caso atípico, mas como vimos não tão raro, do membro branco, Francisco, que ingressa para ampliar um debate do qual participa desde antes, pois o tema lhe é interessante (fato visível pelas suas leituras e pesquisas em tribunais pelo país).

Questionados sobre o que chamam de "milîtância virtual", Luzia e Francisco fazem coro ao afirmar que a comunidade funciona, sim, como espaço para ativismo. Ilustram a argumentação favorável com exemplos como as mensagens direcionadas a empresas, repudiando a pouca ou nula presença negra em campanhas publicitárias. Defendem, também, que pela troca de conhecimentos possibilitada pela rede é possível conscientizar pessoas e mudar opiniões. A formação e o estabelecimento de redes seriam propícios para militar, além de gerar reputação e status diante do capital social. Já Dojival, voz contrária, alerta para a superficialidade dessa militância, para o impressionismo, que geraria reações de indignação e apenas isso. Sua profissão, advogado, e sua história de vida, marcada pela "milîtância real", o gabaritam para falar com propriedade sobre o racismo brasileiro. Em sua visão, os ditos "militantes virtuais" correm o risco de tornarem-se folclóricos, pois lhes falta o entendimento legal do que caracteriza de fato o racismo e a discriminação. Frisa o óbvio: é necessário o amparo legal para que se acuse determinada pessoa ou instituição de praticar atos discriminatórios. Aos "militantes virtuais" faltariam o entendimento legal e a canalização da indignação para ações concretas enquanto sobriariam "achismos".

Em determinado ponto da entrevista com Francisco, ele fala que "os companheiros da comunidade" são, muitas vezes, portadores de um discurso guerreiro. *"Eles vêm para a guerra porque é uma união da irmandade e isso é muito bonito, mas falta embasamento"*. Francisco – que, como Dojival, tem formação em Direito – reconhece que lhes faltam *"leituras mais apuradas"*, o que entendemos como conhecimentos conceituais e legais. Francisco fala em guerra, guerreiro. Contra o que ou quem guerreiam os membros da NEGROS? Quem é ou são os seus oponentes?

As relações raciais no Brasil não são tão harmônicas como insistem em pensar alguns, acadêmicos ou não. Os movimentos negros de ontem e de hoje denunciam isso de diversas formas. A consciência negra emerge como forma de luta. Fala-se em "conscientizar os irmãos". Há um incentivo pela valorização dos signos que remeteriam à negritude: o cabelo (o quarto fórum mais popular, quando do nosso estudo, era um justamente chamado "Por que alisar o cabelo?"), os penteados, as roupas. Há uma corrente que critica os relacionamentos inter-raciais e defende, efusivamente, que homens negros e mulheres negras devam relacionar-se apenas entre si. Heróis são criados e figuras de renome da luta negra, nacionais e

internacionais, viram ídolos. Quem não conhece acaba por ter contato com a biografia e obra de nomes como Abdias do Nascimento, Milton Santos, Mandela, Malcolm X. Em sua homenagem, comunidades são criadas com seus nomes, fóruns são iniciados com trechos (e imagens, e som, e movimento) de seus escritos. O nível de profundidade varia conforme o capital social e cultural dos membros que participam dos debates propostos. Se considerarmos, de acordo com Gohn (2010), que os movimentos sociais têm “sempre um caráter educativo e de aprendizagem para seus protagonistas”, podemos entender a comunidade NEGROS como um movimento social bastante específico. Faltam, entretanto, elementos e distanciamento histórico para fazer afirmações quanto às suas potencialidades e, sobretudo, seu alcance. Pelo que foi possível apurar, a comunidade NEGROS constitui o que Lévy (1999) caracteriza como um projeto de **espaço de saber**, uma vez que reúne determinados componentes: o laço social, o apontamento do conhecimento de um membro para outro, reação rápida (Luzia fala de um fórum em que “se levantasse para ir ao banheiro, perdia muita coisa”) e a experiência de vida compartilhada.

Assim como o *chat* da Revista *Raça Brasil*, analisado por Santos em seu trabalho de 2002, tinha o viés comercial, não ignoramos a questão mercadológica da rede social Orkut. No entanto, interessou-nos nesse estudo observar como os usuários se apropriam do espaço e que uso fazem de suas ferramentas. Sabemos que não há ligação direta disso com a Educação, formal ou informal. Recorremos ao pensamento de Michel Serres³⁴ para encerrar nossas considerações finais – especulações – a respeito: a contemporaneidade nos aponta para uma “sociedade pedagógica”, na qual o jogo educacional não tem hora nem lugar para começar ou terminar. Justamente por isso a análise apresentada aqui a respeito da comunidade NEGROS constitui uma importante contribuição para se compreender os discursos produzidos, nos últimos anos, a propósito da identidade negra no âmbito das redes sociais.

---

³⁴Michel Serres apud Celso Candido, **A PAIDEIA virtual do século XXI**. In: A educação na sociedade dos meios virtuais. GONÇALVES, Rita de Athaide; OLIVEIRA, Julieta Saldanha de; RIBAS, Maria Alice Coelho (orgs.). Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. O poder da comunicação e o jogo das parcerias na cibercultura. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Porto Alegre, v. VI, n. 2, julho/dezembro de 2004.

ARAUJO, Lindomar. **Hipertexto**. 14 fev. 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>>. Acesso em: 7 mar. 2012.

BATISTA, Jandré Corrêa; ZAGO, Gabriela da Silva. **Ativismo em redes sociais digitais: os fluxos de comunicação no caso #forasarney**. Revista Estudos em Comunicação (PUC-RS), n. 8, p. 129-146, dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/08/pdf/EC08-2010Dez-08.pdf>>. Acesso em: 18 de mai. 2012.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.

BRANDÃO, Zaia. Entre questionários e entrevistas. In: **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASTELLS, Manuel. **Castells debate os dilemas da internet**. Radio Europa Abierta, Espanha. 17 jan. 2012. Entrevista concedida a Sergio Martin. Tradução de Daniela Frabasile e Gabriela Leite Martins. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2012/01/17/castells-debate-os-dilemas-da-internet/>>. Acesso em: 9 mar. 2012.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação, educação e linguagem**. Cadernos de Comunicação e Educação. São Paulo, v. 1, p. 63-69, 2001.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismo e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

GLADWELL, Malcolm. A revolução não será tuitada: os limites do ativismo político nas redes sociais. Tradução de Paulo Migliacci. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 dez. 2010. Caderno Ilustríssima, p. 3-5.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03**. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA,

ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Texto apresentado no II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gêneros e Movimentos Sociais: identidade, diferença e mediações. Florianópolis, 8 a 11 de abril de 2003. Disponível em: <<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

GRIN, Monica. **Modernidade, identidade e suicídio**: o "judeu" Stefan Zweig e o "mulato" Eduardo de Oliveira e Oliveira. Revista Topoi, dezembro de 2002, p. 201-220, Rio de Janeiro, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. Como trabalhar "raça" em sociologia. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história do branqueamento ou o negro em questão**. 1999. 375 p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MACIEL, Maria Eunice de S. A Eugenia no Brasil. **Revista Anos 90**. Porto Alegre, v. 11, p. 121-143, 1999. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/11/11art7.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcelos. **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARTINS, Carlos Augusto de Miranda e. **Racismo anunciado**: o negro e a publicidade no Brasil, 1985-2005. 113 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MISOCZKY, Maria Ceci A. **Implicações do uso das formulações sobre campo de poder e ação de Bourdieu nos estudos organizacionais**. Revista de Administração Contemporânea, edição especial, v. 7, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v7nspe/v7nespa02.pdf>>. Acesso em: 18 mai. 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Texto para discussão n. 996. Brasília: IPEA, 2003.

PENA, Sergio D. J.; BIRCHAL, Telma S. **A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instituir o etos social?** Revista USP, São Paulo, v. 68, p. 10-21, dez./jan./fev. 2005-2006.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Revista Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n33/n33a06.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2012.

PRIORE, Mary Del; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.

RAMOS, Daniele Gross. **Raça em revista: identidade e discurso na mídia negra**. 2010. 251 p. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

ROSA, Waldemir. **Com a internet tomando conta cresce o número de comunidades virtuais voltadas para população negra**. 13 jun. 2005. Entrevista concedida a Suzana Tavares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/movimento-negro-virtual.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2012.

SANTOS, Rafael dos. **Negritude virtual: educação, internet e identidade**. 2002. 260 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Marcelo Leolino da. **A História no discurso do Movimento Negro Unificado: os usos práticos da História como estratégia de combate ao racismo**. 2007. 129 f. Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SILVA(b), Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVA JR, Hédio. **Direito de igualdade racial: aspectos constitucionais, civis e penais**. Doutrina e jurisprudência. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ENTREVISTA COM LUZIA
DATA: NOVEMBRO DE 2010
LOCAL: MINHA RESIDÊNCIA

Antes de entrar no Orkut eu até tinha uma consciência de negritude, mas eu não tinha informações.

Antes de partir para a leitura de teses, livros, estudos críticos e científicos que falam sobre a nossa etnia, eu busquei outro caminho que é o de estudar as pessoas: o que pensam os negros e brancos, de fato? O que encontrei foi uma negrada legal e que vem estudando muito antes de mim. Uma grande parcela é bem mais jovens que eu e outros ainda estão vivendo um conflito interno sem entender ou saber o que fazer com a quantidade de informações que estão recebendo de outros negros e angustiados por descobrirem uma mentalidade racista velada e sórdida em nossa sociedade.

O Chico, um amigo, branco, que conheci no Orkut e agora conheço pessoalmente, fala que há dois tipos de brancos: o branco racista e o branco mal informado. O mal informado diz pérolas racistas do século XIX sem ter a menor ideia do que está falando, coisas que pregaram para ele lá atrás, porém, a partir do momento em que você consegue colocar na cabeça deste branco que suas falas são racistas e seu pensamento em relação aos negros também, ele começa a se transformar. Um exemplo seria eu mesma: eu tinha mania de chamar os outros de “viado”. Imaginava ser uma brincadeirinha à toa e a partir do momento em que tomei a real consciência do racismo contra o negro, fui revendo vários outros conceitos que eu tinha e que nem eram mais pré, eram conceitos formados mesmo. Se eu quero lutar contra o racismo e o preconceito, não posso ter nenhum! Há uma ligação muito tênue entre um e outro, embora tenham alguma distinção. Posso não entender ou não concordar com alguém ser um homossexual, mas posso me colocar no lugar dele como ser que sofre o preconceito direto da sociedade e assim passarei a aceitá-lo da mesma forma que aceito as outras pessoas na minha vida.

Os preconceitos são vários e é comum nos depararmos com pessoas dizendo “não gosto de crente”. Por que você não gosta de crente? É o caminho que a pessoa escolheu seguir, você não tem que falar nada! Desde que este crente não venha interferir na religião que você

resolveu professar, embora, ambos tenham o direito de tentar persuadir o outro a mudar pra sua religião. Eu não gosto de *funk*, tudo bem. Não preciso ouvir, só não tenho o direito de dizer para alguém “eu não gosto de *funk* e você não vai ouvir porque é uma porcaria”. Temos que rever nossos pré-conceitos o tempo todo e em tudo. Eu achava que o *funk* colocava as mulheres para baixo, que fazia delas vítimas do machismo. Até que um dia, debatendo o assunto com uma senhora de uns 60 anos de idade que me disse: “Imagina, eu adoro aquelas mulheres, acho-as o máximo!” Perguntei indignada: “Como assim?”. E ela me respondeu que vinha de uma geração de mulheres completamente reprimidas em tudo. Sexualmente então, chegava a ser desumano. “Fui sentir um orgasmo muito depois, quando já tinha netos. Nós éramos reprimidas e você sendo feia ou gorda tinha que se esconder ainda mais. Hoje eu vejo aquelas mulheres na favela, dançando com a bunda para cima, se atirando nos homens sem vergonha alguma de suas celulites, estrias ou obesidade e fico morrendo de inveja da felicidade delas: são mulheres sexualmente muito bem resolvidas. E eu que me acabo na maquiagem, botei silicone, e não sou feliz? É como se aquelas mulheres nos dissessem: “O corpo é meu e eu faço dele o que eu quero, fico com quem eu quiser!”. Eu pensei, poxa, uma mulher com mais de 60 anos, branca e da classe média alta falando isso... Passei a ter outra postura. Ainda sou contra a criança ter contato porque quer queira, quer não, o *funk* libera a libido das pessoas, entendo assim. Hoje, as mulheres que gostam, dançam, são liberadas sexualmente e não sentem vergonha de mostrarem isso. Elas podem engravidar, ter vida difícil, mas pode ver que nenhum homem consegue dominar uma mulher dessas. A mim poderiam dominar fácil porque eu também sou travada e vou ser para o resto da vida. Fui criada assim, sem poder usar roupa curta e nem biquíni, me guardando para casar, enfim. Então você entende como a visão de alguém pode derrubar um preconceito seu. Você passa a ter uma nova postura, mesmo ainda havendo um conflito internamente. Hoje eu tenho amigos homossexuais e converso com eles, pergunto várias coisas e, em certos momentos, ainda me pergunto “mas é certo?”. É difícil quebrar as correntes, mas a gente pode conviver com estas duas coisas e muito bem.

Antes de fazer um perfil no Orkut, eu até tinha uma consciência de negritude, mas eu não tinha as informações. Entrei no Orkut achando que era coisa de adolescente (risos). Foi em 2008, quando comprei um computador, e meu sobrinho fez um perfil para mim. Ele disse: “Tia, já que você gosta de trabalhar consciência negra na escola, tem umas comunidades que a senhora pode adicionar”. Eu falava sobre a temática racial nas aulas de história e de geografia e odiava usar desenhos e figuras de negros em correntes, escravizados etc. Gostava de mostrar a eles sobre os negros que se deram bem, artistas, ou aqueles que tinham histórias de lutas,

como Malcolm X, Martin Luther King, Mandela (pelo qual sou apaixonada!) entre tantos. Queria que meus alunos negros se descobrissem e fossem vistos pelos demais, bonitos e inteligentes. Já tinha essa coisa intuitiva. Quando se falava de escravidão sempre havia um conceito de que os negros não lutaram contra ela e eles lutaram desde sempre! É que a nossa história é contada pelo lado dos vencedores e nós não tínhamos ninguém que nos inserisse como sujeitos dela também. Nós precisamos contar a nossa história, esse é o momento. Pela primeira vez na vida os brancos estão ouvindo os negros e a maioria não está gostando. Dá briga, mas a gente tem que insistir, alguém acaba ouvindo. Se falarmos para 100, 10 vão ouvir e vão jogar as armas no chão: são exatamente aqueles brancos mal informados e que uma vez informados, deixarão de impedir a ascensão dos negros, passarão a nos defender dos demais, dos racistas evidentemente, e vão sentar à nossa mesa para discutir, sem armas ou em defesa dos seus iguais. Então eu aceito um branco na conversa, mas quem comanda são os negros, pois agora, nós devemos ser o protagonista de nossa própria história. O Chico, por exemplo, me dá a visão de branco que eu não tenho. Eu dou a ele a visão de negra que ele não tem. Ele me ensinou muita coisa também. Parece até engraçado: um branco ensinar a uma negra como os brancos são racistas. Ele se diz especialista em brancos, daí estar engajado conosco para o que der e vier. Eu não sou radical a ponto de não querer discutir com brancos. A visão é do negro e não aceito a visão do branco sobre o assunto quando ele quer ser o agente transformador, pois é sobre nossas vidas e nós sempre nos deixamos conduzir, agora, não mais. Qualquer branco que quiser um lugar nesta luta será bem vindo, entretanto, deve entender que não estamos de brincadeira. Ambos herdamos as mazelas da escravidão, negros e brancos, os dois têm o dever de resolverem juntos. Já ouvi centenas de vezes “Ah, mas eu não vivi na época da escravidão, não devo nada!”. Claro que não, eu também não vivi naquela época, só que eu tenho o direito de lutar para que as coisas mudem, porque alguns brancos não podem entender que tem o dever de consertar o que seus ascendentes fizeram no passado? Negros não estão no Brasil a troco de nada. Eu, por exemplo, tenho o sobrenome Souza. Este sobrenome era de quem? Certamente do dono de meus avós, não? Estou aqui porque de alguma forma me trouxeram para cá. Um cidadão brasileiro que descendente de italiano, alemão, pode fazer a sua árvore genealógica e eu não posso, não sei de onde eu vim. Cadê minha história? Minha identidade? Eu não tenho um sobrenome, não tenho para onde voltar. E os brancos falam: “Eu não devo nada para os negros, não”. Como assim?

A primeira comunidade em que entrei foi a *Consciência Negra* e eu me choquei muito. No meu perfil coloquei “multiétnica” e logo de cara, uns vinte negros partiram pra cima: “Ela quer falar alguma coisa, mas aí está escrito multiétnica”. E eu disse: “Tenho orgulho de ser

multiétnica, sou filha de branco com negro!”. Eu pensava que se eu falasse que era negra, estaria negando ser filha da minha mãe. Entrei numas brigas violentas, fiquei angustiada. Há negros na minha família, mas nenhum falava sobre a questão racial. Eu era uma negra completamente alienada. Meu pai, negro, falava do que tinha sofrido e aquilo me doía, mas eu achava que tudo aquilo tinha acabado, era coisa do passado. Lia o que caía em minhas mãos sobre o assunto, mas não conseguia fazer a leitura para a minha vida. Muito das coisas que sofri, só fui perceber que era racismo agora, fazendo uma espécie de regressão. Eu sofri por racismo velado a vida inteira e nunca havia me dado conta disto.

No meu local de trabalho sofro bastante e me falta força para combater tudo. O negro abre a boca e tem vinte, trinta para retrucar, inclusive negros! O branco fala que ele não é racista, mas ele é cooperativista e corporativista. Se você estiver brigando com um branco racista, trinta “não-racistas” vão ficar contra você como uma espécie de elo protetor.

No Orkut você já deve ter me visto quebrando o pau com um negro, entrar um branco para me ajudar e eu simplesmente recusar a ajuda dele. Se estou discutindo com uma pessoa negra é uma luta entre iguais, a palavra dela pode ser ofensiva, mas é uma briga de iguais, de quem vive as mesmas coisas. O branco não deve se meter na briga de um negro com outro, eu não aceito. Aconteceu quando eu brigava com uma moça negra da comunidade e uma mulher branca entrou na conversa e a chamou de “Mamba Negra”. Eu nem sabia o que era, mas imaginei que fosse algo grave e a reprimi. Ela disse que tinha o direito de opinar e eu disse que ela não tinha, não. Ela retrucou que eu também estava xingando e eu expliquei que eu podia chamar a moça de “sua negra” por que eu também sou negra, mas ela não tinha esse direito. Ela era membro convidado e tinha que opinar apenas, jamais entrar em conflito com os negros tentando empurrar seu ponto de vista. A casa é de negros, está na descrição o nome da comunidade *NEGROS*!

Entreí na comunidade *NEGROS* em um dia que se comemora o Dia da Consciência Negra. O que me deixava angustiada era me combaterem pelo fato de eu ter orgulho de ser mestiça. Falaram-me: “Aqui a gente só fala com negros!”. Eu cheguei a sair da comunidade, não queria mais entrar no meio deles, embora quisesse fazer parte. Cheguei a falar mal da comunidade, mas eu sou teimosa e voltei lá para brigar, pensando: “não vou deixar essa negrada me humilhar de jeito algum!”. Só que comecei a ler mais que opinar, há tópicos com mil postagens e as pessoas geralmente escrevem respondendo as últimas postagens e eu li tudo desde o início para responder à altura. Comecei a ver muita gente que tinha chegado antes de mim e descobri que eu era completamente alienada, eu nunca tive ninguém que me orientasse como negra. Muitas coisas que os brancos falavam para mim era lei. Hoje eu estou

nessa briga, de falar e ser taxada de racista, de preconceituosa, de odiar brancos. Como poderia odiar os brancos, ser racista, se viro a esquina e sofro por racismo? E eu mudei, passei a entender que este negócio de multirracial, parda, não serve para mim: todas as vezes que sofri ou sofro racismo é como negra. Ninguém quer saber se eu tenho mãe branca, minha pele é escura, é assim que me veem. Talvez, um dia, quando eu vir a equiparação e igualdade de oportunidades entre brancos e negros. Tenho consciência que o racismo nunca acabará, então direi que sou mestiça, ou parda. Por ora, tem um lado que precisa de mim e eu devo entrar de cabeça. O primeiro passo para ser ouvida é dizer sem medo: Sou negra!

Sou sedenta pela troca de informações sobre o nosso povo. Como foi no passado, como é no presente, e assim, posso imaginar como será no futuro. Não quero saber, agora, de autores ou teorias, meu negócio são as pessoas, suas vivências, suas histórias de vida. No caminho de minha casa até aqui, vim olhando o rosto das pessoas e analisando como os negros, hoje, estão se comportando. Vi - e tenho percebido todos os dias - que há mais casais negros, hoje, estão se comportando. Vi - e tenho percebido todos os dias - que há mais casais negros, a cabeleira *black*, as tranças *nagô*. Passei por um casal, ele branco de *dreads* e ela negra. O que eu entendi? Que ele assumiu a negritude dela. O cara queria dizer “eu estou com a negrada”. Mesmo que seja modismo, isso favorece a gente. A pessoa se comportando esteticamente como negro, talvez dê uma abertura para você entrar no consciente dela, entre tantas coisas. Malcolm X disse: “Quem te ensinou a odiar a textura de seu cabelo? Quem te ensinou a odiar a cor da sua pele a tal ponto que você se alveja pra ficar como o branco? Quem te ensinou a odiar as formas de seu nariz e lábios? Quem te ensinou a se odiar da cabeça aos pés?”. Até eu já enxerguei feiura no negro e, hoje, consigo ver a beleza na boca carnuda, no nariz largo, nos cabelos crespos, duros e secos. Minha filha pode passar por branca pela cor da pele, mas ela vê beleza numa pessoa negra, diferente de mim quando eu era criança, adolescente e em parte de minha vida adulta. Por que eu pensava assim? Em minha infância, eu só tive duas bonecas e ambas eram brancas de cabelos amarelos, nunca vi ninguém com uma boneca negra, manequins de loja negros, galãs de novela, nada! Na TV, só o Saci-Pererê e a Tia Anastácia, que nunca foram exemplos de altivez pra nenhuma criança negra. Os garotos e garotas mais bonitos e queridos da rua e na escola eram todos brancos, aliás, eram um sucesso e eu queria ser como eles. Muitas vezes desejei ter nascido ‘linda’ como minha mãe.

Voltando ao Orkut: eu era atacada por ser mestiça e não entendia por que, até começar a abrir os links com as informações trazidas pelos membros negros, dando conta que negros brasileiros ganhavam menos que brancos, morriam na fila do SUS por falta de tratamentos relacionados a sua etnia como pressão alta, diabetes, anemia falciforme, por nojo que

profissionais da saúde têm em tocar em pacientes de pele escura, que havia uma minoria de médicos negros, que negros eram a maioria de desempregados, a maioria nas cadeias, nos orfanatos, nas favelas, na mendicância e uma infindável lista das quais eu nunca havia me dado conta! Então, um dia parei para pensar: “Por que estou orgulhosa dessa minha mestiçagem? Eu não vou que renegar a minha mãe se eu disser que sou negra. Posso continuar amando-a e a meus tios, avós, e primos brancos.”. Minha família é uma grande mistura. Tenho primas que se consideram brancas, mas são o que a gente pode chamar de negras disfarçadas ou as tais pardas, mestiças. Uma vive com o cabelo alisado e pinta de loiro, consegue disfarçar que é filha e neta de negros fácil. Ela se casou com um cara branco e bem de vida e, no casamento, não convidou uns tios nossos. Disse: “Como vou colocar essa negrada em minha festa?”. Ela acha que é branca e se ninguém do círculo de amizades dela tiver contato com a gente, é mais fácil pra ela lidar com a situação do racismo, se livrar dele, sabe? Esta é a destruição da nossa causa, pois há mais ‘brancos negros’ que fogem do racismo desta forma e perdemos centenas de vozes que poderiam estar junto com a gente, brigando, cobrando, mostrando, reivindicando, entende? É este tipo de mestiçagem que eu sou contra. Existem negros que defendem casamentos só entre negros. Eu casaria com um branco numa boa, mas entendo essa postura mais radical. O homem negro procura na mulher branca por um *status*, que ele jamais terá, o homem branco que procura uma negra não quer saber se ela é da favela. Ele gosta da mulher negra.

No Brasil o racismo se dá pela cor da pele. Os mestiços não querem se declarar negros, mas querem ter o direito às cotas. O mestiço não tem causa nenhuma, ele não é barrado. Agora, se ele é um mestiço de pele escura, tem que se declarar negro. Minha filha, por exemplo, não precisa de cotas. A sociedade não vai impedi-la de fazer nada. Se ela disputar uma vaga de trabalho com uma negra, ela ganha a vaga. Ela pode requerer cota um dia, mas eu não concordo. Isso deveria mudar.

Já fui contra as cotas e hoje sou a favor. Mudei por entender que o negro de pele escura sofre profundamente o racismo de uma sociedade perversa e, por infinitos motivos racistas, ele não consegue chegar lá e nem mudar a história de seus filhos e estes de seus filhos e assim tem sido por séculos. No Orkut, pude entender isso com mais clareza: o grau de racismo sórdido que o Brasil tem. Como se tentou acabar com o negro, influenciando a miscigenação. Eu quero cada vez mais que os mestiços e pardos se autodeclarem negros para somarmos nesta luta.

No Orkut entrei primeiro em comunidades negras e depois nas mistas. As mistas, em sua maioria, foram abertas por brancos e você tem que ser cautelosa nas colocações. Branco é

lento para compreender a questão racial. Tem comunidades em que o tópico sobre cotas rendeu mais de 20 mil postagens, saiu briga, expulsão, racistas com bandeira nazista, um horror. Em todas as comunidades em que a maioria dos membros são brancos, o tema cotas é um assunto polêmico. Tem gente que não consegue entender, outros não aceitam de jeito algum e uma parcela que não entendia ou era contra passa a ser a favor assim que você explica os reais motivos dela existir. Outros a entendem muito bem, mas não aceitam mesmo assim. Falam abertamente que os negros devem ficar é nos guetos mesmo. Estes são os racistas assumidos, sabem que a medida vai tirar o negro a marginalidade. Falam: “Olha o que a cota fez na África do Sul, tem negro rico por lá!”.

Numa discussão sobre cotas na comunidade do Chico Buarque, eu chamei o Chico Mendes³⁵ pra me ajudar. Ele sabe mais sobre cotas do que eu. Aprendi muita coisa com ele sobre isso. Lá na comunidade, nessa discussão sobre cotas, havia dias que se a gente parasse para ir ao banheiro, perdia a discussão. Entrei na CBH³⁶ porque gosto muito do Chico Buarque e aí vi o tópico de cotas, o pessoal se matando. Comecei a falar e algumas pessoas se identificaram comigo. Não vi muitos negros lá. Mas a gente conseguiu uma coisa muito legal, ganhei vários amigos brancos que entenderam e passaram a defender as cotas também.

A *NEGROS* é praticamente gerida pelos membros. O dono é ausente e os moderadores entram de vez em quando, só quando a gente pede para excluir algum racista, *spam*, uma coisa ou outra. A *Orgulho Negro* tem outra postura por causa da moderação e parece que o dono que é branco. Na *Consciência Negra* tinha um dono negro que colocava uns tópicos meio doidos, tinha umas participações esquisitas, até que resolveu ser crente, disse que ia desistir da luta e nos pediu para elegermos entre nós, um novo dono. Eu nem queria, mas conhecia alguns racistas que estavam doidos para liderá-la. Corria, também, o risco de a comunidade ir parar na mão de alguém que não ia agregar nada. Então me propus a ajudar na eleição, fiz os tópicos, coloquei as perguntas, o pessoal foi se candidatando. Entre os candidatos havia gente que não conhecíamos, gente que era membro da HDB (Homens de Bem, um grupo com centenas de brancos, declaradamente nazistas e filhos da classe média alta brasileira). Tinha o Luiz que é dono da *Brasil*, com mais de um milhão de membros. Ele queria a comunidade para ele e relacioná-las e eu não concordei porque na *Brasil* entra tudo quanto é tipo de gente e a nossa é sobre consciência negra, é outra história, não ia dar certo. Conversei com o então dono para fechar a comunidade para novos membros porque senão o cara ia trazer da outra comunidade um monte de gente para votar nele. Era justo que só os

---

³⁵Luzia refere-se a Francisco, nosso segundo entrevistado.

³⁶Abreviação do nome da comunidade “Chico Buarque de Hollanda”.

membros que já estavam ali votassem. Assim sendo, venceu por um voto a mais que o Luiz, a Adélia, que havia sido uma das moderadoras. Ela acabou me colocando como moderadora posteriormente, mas não tem muito tempo para comparecer.

A *Não Compre de Empresas Racistas*, que foi a quarta ou quinta em que entrei, também estava passando por alguns problemas e o dono, que é branco, me convidou para moderá-la, foi a primeira comunidade que comecei a moderar na verdade. Depois ele acabou passando-a para mim. Modero a comunidade *Contra Racismo e Intolerância*, também. A dona é branca e mora nos Estados Unidos. Ela não tem muito tempo e acabou passando a senha da comunidade para mim e o outro moderador, que também é negro. São todas comunidades diferentes. Ultimamente, modero várias comunidades no Orkut. Na maioria das vezes descubro que estou moderadora quando entro para participar, é até engraçado. Foi assim que acabei conhecendo os filhos da juíza Luislinda Valois e ela me convidou a ir até Salvador para nos conhecermos pessoalmente. Foi a própria quem pediu para que me colocassem na moderação da comunidade que leva seu nome.

Como moderadora, posso aceitar e expulsar membros, apagar tópicos e *postagens*. Não gosto de excluir membros, exceto os racistas assumidos. Quando vejo os ânimos alterados, entro para mediar a confusão, oriento, porém, sem interferir definitivamente.

Na *Contra Racismo e Intolerância* há mais brancos que negros. Na *Não Compre de Empresas Racistas* há mais negros que brancos e tem outra postura, mais a ver com denúncias de empresas racistas. A comunidade consegue se mobilizar para atuar contra empresas racistas como, por exemplo, o comercial da Sadia, veiculado na televisão na época da Copa do Mundo. O comercial retratava várias famílias e com as seguintes falas: “No Brasil tem gente que é descendente de italiano, descendente de japonês, descendente de alemão”. Aí mostrava as famílias, enormes, de cada grupo Na vez da família negra, apareciam apenas três pessoas: um homem, uma mulher e uma criança, e a seguinte fala: “E tem gente, que é tudo isto junto!”. E não eram uma família de negros em sua própria casa, e sim, na casa das outras famílias, arrumando a ceia da Copa. Pode? Que raiva, viu!

Foi uma negra quem abriu o tópico e repassamos para várias comunidades, combinamos de mandarmos e-mails para a empresa, cada qual com redação própria e com a mesma mensagem final: “A partir de hoje, eu e minha família, deixaremos de comprar os produtos da Sadia. Se não nos vemos... Não compramos!”. Recebemos uma resposta padrão, dizendo que respeitavam todas as etnias, que sempre colocaram os negros em suas propagandas etc. E pediram que nós verificássemos as propagandas em um site de vídeo para comprovarmos. Então, eu e Aline, tivemos o maior trabalho de procurar cada um deles em um

site de vídeos e constatamos que quase não havia atores negros e, quando havia, era uma mão, uma silhueta ou os entregadores eram negros. Reenviamos os e-mails com as provas da exclusão e dois dias depois, resumiram o comercial, depois o substituíram por outro. Não dava para processar porque de certa forma, colocaram negros lá. Quem sabia que era racismo era só a gente, então tínhamos que atacar a empresa. A gente é consumidor e é assim que nos tratam, como se fôssemos invisíveis? Nosso dinheiro é real, né? Por que o negro tem que ser colocado sempre como empregado do branco? Por que não colocaram, também, uma família de negros numerosa lá? Negros têm mais filhos que um monte de gente por aí. Não falam que negro só faz filho? Então. Por que colocar só três e ainda como empregados de uma família branca? Por que um é descendente de italiano, outro de japonês e o negro tem que ser “tudo isso junto?”. Aliás, o que é “tudo isso junto”? Não tomam vergonha na cara nem com a copa sendo na África! A propaganda dava conta que a maioria das famílias brasileiras é formada por brancos quando, na realidade, a maioria dos brasileiros é negra. Tiveram a audácia de responder que a propaganda foi veiculada assim porque eles não vendem seus produtos na África e então retrataram apenas os países da América, Europa e Ásia. Aí é que ficou pior que a encomenda!

O outro episódio foi o de uma publicitária que trabalha para a Dove. Ela colocou em seu site que procurava pessoas para um comercial com este e aquele perfil. No perfil exigido para modelos negras estava claramente descrito: “Não pode negra muito forte com a pele muito escura”. Uma modelo negra que mandou o *link* para mim, uma moça que não participa da comunidade, não escreve, mas é membro. Ela entrou no meu perfil e disse que tinha uma coisa para falar, eu dei o meu e-mail e ela me mandou por e-mail. A gente abriu um tópico sobre isso, mas não tivemos o cuidado de *printar (copiar)* antes, então, ela acabou tirando a mensagem do site. Na hora ela apagou e a gente perdeu a prova. Na nossa cabeça continua sendo racismo porque nós vimos e sabíamos que a “negra muito forte” que fosse lá, só iria perder tempo.

Já marcamos dois encontros entre os membros das comunidades. Da primeira vez foram 10 pessoas, mas eu considero que foi um sucesso porque a gente conseguiu sair da “telinha”, se conhecer pessoalmente. Difícil conciliar. Teve gente que chegou mais cedo, não quis esperar. Depois chegaram outros. Foi no Museu Afro-Brasil. No segundo encontro foi bastante gente, também teve desencontros, devido às distâncias. Começamos a perceber que era perigoso divulgar esses encontros no Orkut. Uma vez alguém me disse: “a gente sabe onde vocês vão se encontrar e que dia vai ser”. Ficavam ameaçando. Agora marcaremos os encontros em “off”.

Muita gente nem sabe que há debates nas comunidades, as adicionam como um “botton”. Mas mesmo o cara que adiciona como “botton” demonstra algum tipo de ligação com a causa. Na *NEGROS* há mais de 35 mil membros, estimo que uns 40% são brancos. Então o cara que adiciona, se identifica de alguma forma e isso já é um avanço. Ele tem inúmeras possibilidades de comunidades para fazer parte e escolhe aquela. É um avanço, sim. Muitos nem sabem que há debates, outros sabem, mas não querem debater, outros apenas leem o que se escreve ali (chamamos de voyeur de Orkut). Tem gente que entra humildemente e mal sabe se expressar. Tento evitar, como moderadora, que membros corrijam erros de português dos outros. O importante é passar a mensagem. Se o negro está ali falando é isso o que importa para nós e vamos dizendo devagarzinho, que os negros precisam estudar mais, ler mais livros, tentar passar em concurso e o negro não percebe que é com ele diretamente.

Os mais jovens geralmente entram perguntando e quando opinam é ainda sem muita consciência. Quando você é mais velho já enxerga tudo por outro ângulo. O que me ensinaram em História, no primeiro e no segundo graus, hoje, entendo com outro pensar, outro olhar. Tenho vivência suficiente para entender um pouco mais sobre política. Já os garotos são imaturos, mas de vez em quando você vê um pessoal jovem bem consciente. Não relaciono essa consciência à escolaridade, não tem nada a ver. Você encontra negros que estudam em escola pública e têm visão do que é ser negro. Fico pensando que deve ter um professor negro dando uma orientação a eles ou então os pais mesmo. No fundo, eles intuem que devem lutar por alguma coisa, mesmo que não tenham isso muito claro. Alguns mais velhos, sem estudos, devido à forma de escrever, também conseguem nos passar esta visão amadurecida pela experiência de vida mesmo, dos racismos que já sofreram.

As opiniões são formadas por vários *links*, pedaços de informações que as pessoas juntam e traçam um quadro. Vem um e diz que não existe racismo no Brasil. Aí, aparecem vários links que afundam a opinião formada do primeiro, com dados legais, fundamentados em pesquisas, entre outros. Eu comecei a perceber que não tinha de me preocupar com o racismo do fulano que me chama de “macaca”, pois esse não faz mal algum, e sim com os que colocam os negros lá embaixo na sociedade. Na verdade não é que esse racismo do cara que xinga não tenha importância. Tem também, mas esse tipo de racismo nunca vai acabar e sempre vai existir quem não goste de preto. O problema aqui é fazer valer as leis que garantem a igualdade e a mobilidade social dos negros. Você vê o caso dos estudantes de medicina que, saindo da balada, bateram com o tapete do carro, com o veículo em movimento, num negro que estava indo para o trabalho com sua bicicleta e o xingaram “Toma

negro!”³⁷. Foi resolvido como injúria racial, cada um pagou 500 reais de fiança e ficou por isso mesmo³⁸. E o crime de racismo não é inafiançável? O negro continua sendo moeda de troca porque esse dinheiro foi para o Estado e não para o negro humilhado. Como o racismo é crime inafiançável e os caras ficaram livres pagando 500 reais? Dizem os delegados que foi “só” injúria, mas para o negro injúria dói do mesmo jeito, quem separou injúria de racismo? Quem inventou isso? Falam tanto de *bullying* agora, está na moda falar disso. As crianças negras são ofendidas nas escolas não é de hoje. O negro vai para a escola com a sua “pretice” e vai ser agredido. O “quatro-olhos” faz cirurgia, o gordo emagrece. O negrinho não tem como virar branco. Dentre as instruções para vítimas de *bullying*, uma delas é o aluno maltratado pelos demais mudar de escola. Isto já é sórdido para qualquer agredido e quanto o aluno negro? Será que deixa a cor de sua pele grudada nas paredes da escola ou leva junto com ele para outra?

É muito bom quando percebo que consigo mudar a opinião de alguém pelas coisas que escrevi no Orkut. Nem todos se manifestam abertamente e dizem que mudaram ali, na hora, talvez para não desagradar seus amigos brancos. Mas quando alguém reconhece que mudou de opinião sobre o racismo, sobre as políticas afirmativas, eu fico muito feliz, principalmente se a pessoa for branca. Às vezes, meses depois, encontro aquele anticotas ferrenho defendendo as cotas em outra comunidade e me sinto vitoriosa. Eu me espanto um pouco porque até outro dia eu mesma era uma alienada e hoje consigo fazer com que as pessoas entendam. É orgástico! É como dar uma aula e perceber que o aluno compreendeu. Hoje é mais complicado para eu falar em causa negra na escola porque estou sofrendo boicote. Antes, quando não sabiam o que eu fazia dentro da sala, era ótimo. Uma vez eu dei uma aula, nunca vou esquecer, e um aluno muito problemático, lindo, mas problemático, brigava, discutia com os demais, provocava, enfim, ele era negro. Então eu comecei a falar da África, como foi o *Apartheid*, dos negros espalhados pelo mundo, falei sobre o negro nos Estados Unidos, comecei a falar sobre a nossa etnia, a nossa luta. Eles trouxeram revistas e analisamos juntos, quantos negros apareciam em cada uma e em quais situações. No encerramento da aula expositiva relacionada ao tema, este aluno, que sentava lá no fundo, puxou uma salva de

³⁷ Luzia refere-se ao caso que envolveu os estudantes Abrahão Afiune Junior, Emilio Pechulo Ederson e Felipe Grion Trevisan em Ribeirão Preto (interior de São Paulo). Em dezembro de 2009, os três utilizaram o tapete do carro em que estavam para agredir um trabalhador negro que trafegava na mesma avenida em sua bicicleta. Na sequência da agressão, os estudantes teriam gritado “Seu negro”. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/estudantes-sao-condenados-pagar-r-30-mil-por-agressao-com-tapete.html> >. Acesso em: 10 jan. 2012.

³⁸ A Justiça condenou os três estudantes a pagar dez mil reais cada um. A condenação se deu por lesão corporal **levíssima** e injúria racial grave (grifo nosso). Idem.

palmas, foram vários dias de explanação, pesquisas, confecção de trabalhos expositivos, poesias, leituras, filmes etc. Enfim, algo, ou tudo, deve ter tocado esse menino em algum momento. Ele nunca me disse nada, nunca mais o vi, mas senti naquele momento que eu tinha sido responsável por alguma mudança na vida dele. Ele odiava história, era considerado por vários professores um péssimo aluno, mesmo já estando no terceiro ano do Ensino Médio. Eu falei dele, quem ele era. Acho que se viu na história, como protagonista dela. Eu não tive uma experiência dessas, de um professor falar sobre mim e minha família. Falta capacitação, subsídio, entendimento, estudos e são poucos os que se preocupam em abranger seu conhecimento. A gente abre o livro didático e vê lá o negro no tronco e a chibata nas mãos do senhor. E, no contraponto, cientistas, imperadores, reis e princesas, entre tantos outros, ostentando luxos e seus feitos e isto vem desde a época em que eu era estudante, nada mudou. Uma amiga, professora na rede municipal de São Paulo, me deu dois livros que foram distribuídos ao EJA (Educação de Jovens e Adultos). Estes valeram a pena, pois foram elaborados por negros, dentre eles, o professor negro Kabengele Munanga. No Estado não há nenhum livro parecido. A maioria dos professores de história não faz a menor ideia da contribuição do negro, do papel do negro, da vida dos negros da atualidade, nadinha! Utilizo os livros didáticos como referência ou como apoio e quando tenho de falar da temática negra ou étnica, levo em consideração as minhas pesquisas pessoais, embora eu tenha muito cuidado, enquanto professora negra, com meus alunos brancos, afinal, uma palavra errada ou uma colocação mais acalorada pode parecer ao aluno branco que ele tem culpa de tudo e o que queremos é que ele também seja agente da transformação dos erros do passado. Os alunos brancos devem sentir que tem o dever de lutar, assim como os alunos negros devem sentir que têm este direito, estas diferenças devem ficar evidente para ambos, dependendo do que eu disser, vou ofender um ou o outro e eles não estão lá para serem ofendidos.

Alguns alunos negros, de pele clara, depois da minha aula acabam se declarando negros, param de se esconder. É muito comum a pergunta “Professora, eu sou negro?”. Eu digo que não sei e pergunto: “Como você se sente?”. Normalmente eles se dizem mestiços. Então, deixo no ar se minha opinião é mesmo importante e, na maioria das vezes, eles querem que eu opine sobre. Então digo que não precisam sentir vergonha de falar nem do lado branco e nem do negro, mas que pensando na nossa história, seria interessante se assumir, hoje, como negro e quando as coisas mudarem para melhor, assumirem a mestiçagem. Quando começar a ver brancos e negros em pé de igualdade, aí é hora de ter o orgulho da mestiçagem. Por enquanto não dá para termos orgulho se somos mancos, etnicamente falando.

Quando comecei a lecionar, em 1995, não tinha a menor ideia como interferir em situações de racismo em sala de aula. Assim sendo, já nas primeiras semanas, me deparei com um aluno negro muito chateado por ter sido apelidado de “Zumbi” pelos demais. Eu era estudante de história e não tinha a menor ideia de quem era Zumbi, nem na faculdade falavam sobre ele, embora eu soubesse que ele existiu. Não havia internet e não conseguia encontrar um só livro ou periódico que falasse sobre ele. De tanto procurar, achei alguma coisa em uma enciclopédia, bem básica, contando que ele havia fundado um Quilombo, na Serra da Barriga, onde escondeu muitos negros escravos. E eu precisava ajudar aquele garoto negro que, quanto mais se irritava com o apelido, mais os amigos o atormentavam. Um dia, ao ser chamado de Zumbi novamente, em minha aula, ele começou a xingar. Era hora de eu interferir. Escrevi na lousa, em letras enormes: ZUMBI e me postei de frente a sala, em silêncio. Nem sabia o que estava fazendo direito, não gosto de gritar, então só parei e fiquei olhando para eles até que se acalmassem. Enquanto aguardava, ia pensando o que eu deveria falar, estava apavorada internamente. Eu não sabia contar a história de Zumbi, então inventei uma. Disse que ele era um príncipe lindo na África, que andava cheio de joias, era muito rico e respeitado, mas seu reinado foi interrompido quando foi trazido para o Brasil, à força, para ser escravo. Falei que ele era muito estudado e falava várias línguas, que quando ele falava todo mundo ouvia, até mesmo os senhores de escravos. Ele aprendeu português para falar com os negros escravos, conscientizando-os de que não estava certa a escravidão e que eles tinham que lutar. Então, o Zumbi contava para os outros escravos como era bom lá na África: ninguém trabalhava forçado, comiam o que plantavam e festejavam muito. No livro que eu li só falava que ele fundou o quilombo, então o resto eu inventei. Falei que ele foi pra Serra da Barriga. Os alunos me perguntaram onde ficava essa tal serra e respondi que ficava no Nordeste. Eu não fazia ideia onde ficava (risos). Falei da fundação do quilombo, que lá tudo era bonito e que o Zumbi ensinou todos os negros a ler e a escrever, eles não apanhavam e cada um tinha sua terra para plantar e colher para seu próprio sustento. Zumbi se tornou rei novamente e isto enraiveceu os donos de escravos, que mandaram matá-lo. Dirigindo-me ao menino apelidado, disse que ele deveria ficar muito orgulhoso de ter este apelido, que os outros não estavam xingando-o como pensavam, e sim, estavam elogiando-o, pois era uma honra pra ele ser comparado a um homem tão bonito, bom, sábio, um verdadeiro rei! O garoto se levantou e, com os olhos brilhando, gritou pra sala: “Estão vendo aí, seus trouxas? Zumbi era um rei!! Eu sou rei!”. Eu tinha que fazer alguma coisa por aquele garoto e contei uma mentirinha. Mais tarde, quando pude ter contato com a história de Zumbi, vi que não havia mentido tanto assim.

A lei 10.639 não mudou nada, por enquanto, a maneira de lecionar. Você não vê professores qualificados para enfrentar o tema, a maioria só sabe que existe o Nelson Mandela, nada além. Há professores que não sabem pra quê, ou por que da lei. Deveriam fazer um intensivão, principalmente os professores brancos. E digo mais, os professores devem ser negros ou brancos ligados a temática racial. Há muita gente boa, com novas pesquisas, reescrevendo uma história que não foi contada, foi escondida, suprimida, recortada. Só quem pode falar do índio é o índio, então com o negro tem que ser assim também, uma perspectiva negra. Chega de colocar branco como mocinho, igual aos antigos filmes de faroeste. Os gibis, retratavam os índios norte-americanos como selvagens, matadores sanguinários e hoje sabemos que estavam lutando pela história de seus ancestrais, que não eram pessoas vazias, e sim, homens e mulheres sábios.

Hoje, eles estão vendo que a gente não aceita mais que a história do negro começa no navio negreiro e nem aceitamos o termo ‘traficantes de escravos’, pois pressupõe que negros eram mercadorias e nasceram na condição de escravos e não pessoas. Sendo assim, convêm chamá-los de ‘sequestradores de negros’. Os livros, como leitura sobre temas históricos são válidos, evidentemente, porém, sabemos que não é só isso. Conheço professores muito letrados, estudados, que não possuem a essência da história, não tocam ninguém com suas palavras. Citam vários autores, trechos e frases, apenas trazem a sabedoria que adquiriram em seu quarto. Sou fascinada pelos pregadores, aqueles crentes que pregam nos grandes centros. Alguns vestem as roupas surradas, uma bíblia gasta nas mãos, um português sofrível e conseguem tocar alguém na multidão. Um dia parei em uma roda na Praça da Sé, o senhor era idoso, com poucos dentes na boca, mal vestido e, da forma como lia os trechos da bíblia e se expressava, logo se notava que tinha pouca ou nenhuma instrução. Em dado momento, ele disse: “Você acha que ninguém te ama, que estás derrotado, sozinho, e tem vontade de morrer? Deus me enviou aqui, hoje, porque sabia que você ia estar aqui, só pra dizer a você que Ele se importa com você, você não está sozinho e ele te ama, e muito, por isto eu estou aqui, pra te trazer esta mensagem. Vá em paz porque Deus, o seu amigo, estará do teu lado em tudo!”. Percebi lágrimas nos olhos de muitos e fiquei pensando que aquele senhor também, deveria estar se sentindo só, desamparado, sofrido. Será que ele não estava dizendo a ele mesmo para se sentir forte? Creio que sim. A diferença é que ele queria dividir a força que dava a si mesmo com as outras pessoas. Acho que professores devem ser assim também, sobretudo os de história. Tive um professor que era um dicionário de sociologia ambulante, ele falava por quase duas horas, reconhecíamos que era muito inteligente e sabia muito, só que não nos tocava, a gente não entendia nada do que ele falava, dava sono, era enfadonho,

um chato, nem a juventude e beleza dele nos fazia sair daquele marasmo. Outro professor, de história medieval, fazia a gente viajar na Idade Média a partir de uma reprodução no slide. Anos depois, quando prestava o concurso para professor do estado, uma das questões trouxe uma das reproduções que este professor havia descrito e eu me lembrei no ato da aula inteirinha que ele deu. Acertei a questão, claro. Olha que maravilha, não é? Eu tento reproduzir a maneira deste professor lecionar, não quero meu aluno decorando datas e fatos, dormindo em minha aula. É preciso tocá-lo para depois ensiná-lo, não é? Aquele garoto, o Zumbi, mesmo com uma história um tanto fantasiosa, tenho certeza que o toquei. Eu precisava fazer alguma coisa pela autoestima dele, não importava se era verdade o que eu contava, eu também estava tentando elevar a minha, me salvar, igual ao pregador na Praça da Sé. Não duvido que depois ele tenha procurado a história de Zumbi, a verdadeira (risos), e tenha percebido as minhas falhas, mas com toda a certeza, nunca mais se sentirá humilhado por ser negro. Igual àqueles lacrimejantes ouvintes do pregador iletrado da Praça da Sé, que rumaram para seus destinos mais fortes para enfrentarem a vida.

Você, agora, tem contato com todos estes livros espalhados em sua mesa, todas essas teorias, mas vai aprender muito mais a partir dessas entrevistas que você está fazendo e, assim, compreender a sua própria história. O que estes autores falam é o que a gente também fala, do nosso jeito, por nossas experiências. Todo negro tem alguma história de racismo para contar. Você tem as suas, eu as minhas, e tenho certeza que vão ressurgir pequenos e grandes espantos quando se lembrar de algumas coisas por que passou, ou presenciou alguém viver. Vai saber que foi racismo. Um aviso: vai doer!

Entrei em uma comunidade da escola em que estudei desde a primeira série até o primeiro ano do Ensino Médio. Há vários tópicos por lá de ex-alunos procurando os amigos de sua época. No de minha época, reconheci alguns, outros não, e deixei meu nome, algumas coisas que recordava, enfim. Passados alguns dias, uma mulher pediu pra eu adicioná-la dizendo que se lembrava de mim. Passamos a trocar mensagens e fui me lembrando quem era ela. Quando estava na quarta série, a pedido da professora, eu escrevi uma peça para o Dia das Mães. Eu nunca havia ido a um teatro, não assistia televisão, pois, na minha casa não havia, mas intuí como deveria ser uma peça e a escrevi. Minha turma era a dos excluídos (risos): havia a mais alta e magricela, ótima em português; o inteligente de óculos, bom em matemática, a pobretona cheia de piolhos; a que tinha um problema nos olhos; a mais bonita e considerada ‘burra’, escrevia tudo errado (risos) e eu, a negra. Um garoto que também era excluído (ele era CDF e me ajudava em matemática) levou a peça para a mãe dele corrigir o português, ela era professora. A peça voltou assim: Autora Luzia de Souza; Adaptação Fulano

de Tal. Eu fiquei espantada em saber desta tal de adaptação (risos). Enfim, nessa tal adaptação eu, de mãe, ‘fui adaptada’ para a empregada. Lembro-me que era uma história sobre uma mãe adoecida, com filhos preocupados ao redor, algo assim. Tomei emprestado com a minha vizinha um lindo vestido branco, todo bordado com flores coloridas na cintura, presente da patroa para o batizado tardio dela. Na minha peça original não havia nenhuma empregada. Eu questionei e então responderam que, como na peça todo mundo era branco, não tinha como eu fazer o papel de mãe, eu não podia ser mãe de um branco. Eu não entendi, mas aceitei resignada. A professora não interferiu em nenhum momento. Peça ensaiada, chegou o dia da apresentação, colocaram um espanador em minha mão e eu fiquei lá na minha, esperando a minha deixa, agora eu sei que era a deixa (risos). Na minha deixa, subi ao palco, com um vestido branquinho de festa e um espanador na mão. Eu tinha uma pequena fala, que foi encoberta pelas gargalhadas de centenas de mães. Minha mãe não estava na plateia, ainda bem. Não avisei a ela que havia uma homenagem, nem sei por qual motivo. Fiquei com tanta vergonha daquelas gargalhadas. Eu era tão tímida que não via a hora daquilo acabar. Agradecemos as palmas de mãos dadas e cabeça baixa, as cortinas se fecharam e foi então que a professora, Dona Tereza, me pegou pela mão, pediu que as cortinas fossem abertas novamente e disse: “Mães, vocês gostaram da homenagem?”. E elas responderam alto: “SIIM! A professora então desatou: ”Vocês riram desta menina, mas foi ela quem escreveu a peça e eu nem sei por que foi parar de empregada. Ela era a mãe!”. Daí ela falou sobre preconceito, deu um sermão e exigiu que batessem palmas só para mim.

Eu achava que só eu me recordava desta fase de minha vida, nem ao menos sabia, na época, que havia sofrido um racismo dos grandes! A mentalidade que negras são empregadas domésticas existe até hoje, como foi o caso da juíza Luislinda Valois, que foi confundida com camareira pelo site de notícias R7³⁹, pois a maioria das empregadas brasileiras é negra mesmo, por causa do racismo que não permite que ascendam na sociedade. Então, voltando lá na comunidade do Orkut, da escola em que estudei, aquela moça que pediu para eu adicioná-la, dizendo que era de minha época e que havia estudado em minha sala, após trocarmos muitas mensagens, nos lembrando de fatos, pessoas, professores etc., ela me perguntou se eu havia participado de uma peça em que trajava um vestido branco e eu, já com lágrimas, respondi que sim. Ela é a filha de criação da diretora da época e guardam muitas fotos antigas

---

³⁹No site – pertencente ao Grupo Record de Televisão – a juíza foi identificada na legenda de uma fotografia em que aparecia com a atriz Natália do Vale como camareira. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/racismo-preconceito/racismo-no-brasil/5811-racismo-na-internet-juiza-luislinda-valois-confundida-com-camareira>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

da escola, entre elas, as desta peça que escrevi. Ela havia me reconhecido nas fotos por causa das duas tranças que eu usava e, por acaso, há fotos antigas minhas no meu álbum do Orkut.

Veja só, quanta coisa boa aprendi no Orkut, quanta gente maravilhosa que conheci, entre elas, está você! Quanto estou tendo a oportunidade de ensinar, de aprender, conhecer, enfim, há outro mundo dentro da internet! Há em meu perfil, africanos, índios, japoneses, judeus, brancos, negros de todas as idades e, claro, meus alunos, amigos pessoais, familiares. Com alguns nunca mais havia tido contato. Todos eles, em algum momento, leem as informações que me mandam ou que eu posto, pois nunca apago meus recados. Esta história, a da peça, estava em minha cabeça, e eu não podia comprová-la. Agora posso contar que vivi aquela situação, há alguém para confirmar minha história, alguém que conheci há mais de três décadas.

O Orkut é poderoso. As pessoas devem dar mais atenção a ele. Assim como aprendemos sobre nós, nossa história, nosso povo, há os nazistas em reunião fazendo o mesmo. Eis o perigo!

APÊNDICE B
ENTREVISTA COM FRANCISCO
DATA: NOVEMBRO DE 2010
LOCAL: JARDINS DO MUSEU DO IPIRANGA

A responsabilidade da nossa tragédia é do homem branco.

A primeira comunidade multiétnica em que adentrei foi a Consciência Negra, há uns três ou quatro anos. Isso em virtude de um conhecimento que eu tinha desde a época da faculdade de Direito do Mackenzie, que é conservadora. Lá uma única professora mais ligada nestes temas levantou a bola, mas nem digo que foi a partir dela. Já antes, na época do Anglo, o cursinho pré-vestibular, eu questionava. Entrei na Consciência Negra pelos debates que existiam ali. Meu teor radical continua o mesmo desde aquela época, não mudou nada. Sempre eu batia de frente com algum branco. Nunca bati de frente com um negro porque eu sabia que estava numa comunidade de negros e eu, como branco, não podia trazer um problema histórico, secular e repetir ali dentro o enfrentamento. Eu batia pesado nos brancos. Nunca enfrentei de forma pesada um companheiro negro por mais que ele tivesse uma ideia contrária, por mais que tivesse uma ideia favorável ao pensamento do branco. Dizia que eles eram cooptados, sempre usava essa palavra. Já fui até ameaçado de expulsão de outra comunidade, a Orgulho Negro, por falar assim. Cooptado, alienado. Então um colega, jovem negro estudante de Ciências Sociais na Bahia, entrou no meu perfil e me deixou um scrap. Disse: “Olha, Chico Mendes, eu estou vendo que você tem um pensamento muito radical, bem extremado, e tem uma comunidade que é mais ainda. Seria interessante você entrar lá porque lá você vai se dar melhor, vai levar esse posicionamento para lá. É a comunidade NEGROS”. Só que essa comunidade na época era moderada. Então esse colega disse que falaria com o dono, que era amigo dele, para me aceitarem. Aceitaram e eu já entrei de sola.

A principal discussão ali na NEGROS naquele momento era a questão das ações afirmativas. Eu dizia: “Olha, tudo o que acreditávamos nesse tempo se confirmou e eu fico feliz de estar aqui, debatendo cotas, defendendo. Afirmando que a nossa sociedade é racista e que nós temos um pensamento conservador racista e é isso que impede que a comunidade negra dê um passo adiante”. Sempre digo isso, que no país nunca houve uma revolução de

inclusão. É até interessante que no início eu debatia na comunidade NEGROS e o Railton, um companheiro nosso que é bem articulado com as palavras, falava assim: “Você é mais um branco que quer vir aqui com essa conversa mole, para liderar-nos e depois dar o bote”. Eu fiquei triste com isso. Disse: “Não é isso que estou querendo, mas não vou enfrentá-lo de jeito nenhum. Você está enganado”. Ele até falou que o que eu queria era ser candidato em 2006 a alguma coisa. Eu disse que não, que aquela era a minha posição. Estava defendendo algo em que eu acredito e ponto. E a gente foi. Briguei muito, brigo mais é com os brancos. Às vezes atravessa um negro e diz que eu devia me moderar mais, distribuir a responsabilidade. Nessa hora eu mantenho a minha posição e não distribuo responsabilidades. A responsabilidade da nossa tragédia é do homem branco. Nossa sociedade é racista. Tem um rapaz lá que é do Rio de Janeiro, não me lembro o nome dele, mas ele está entre meus amigos do Orkut. Ele falava: “Mas, Chico Mendes, se você diz que a sociedade branca é racista e você é branco, então você é racista?”. Eu digo: “Olha, se você me perguntar isso, eu nunca vou responder porque não vai ter nenhum efeito eu dizer se sou ou não. Só quem pode dizer se eu sou ou não são as pessoas que convivem comigo. De mim você não pode esperar uma resposta que eu na sou racista por que qual a validade de um branco dizer isso numa sociedade como esta? Não tem, na minha opinião, nenhuma validade”. Aí ele falou que a resposta estava bem encaminhada. Ficou satisfeito. E eu continuo com essa mesma posição.

Entrei depois na Orgulho Negro. À convite da Luzia fui entrando em outras. Nessas comunidades não há nenhuma política de não aceitar brancos. Tem uma chamada 4P – Poder Para o Povo Preto. Eles têm todo o direito de me recusar. Não vou ficar exigindo a entrada como alguns companheiros fazem. De tempos em tempos eu apago o pedido antigo e deixo outro. O dono de lá é uma pessoa mais fora desse mundo do Orkut. Às vezes ele entra num tópico e até conversa. Fiz uma pesquisa rápida e percebi isso. Não me excludo dela porque lá é uma boa. A questão da moderação da NEGROS é um mistério. Eu acho que ele (o dono) é branco, mora fora do país. Talvez tenha acontecido alguma coisa com esse homem, ninguém consegue ter contato com ele. Tem o T-30 e o JD que também são moderadores e fazem aquele papel mais de excluir uma coisa ali e aqui. Mas o dono mesmo é um mistério. Um dia alguém pegou a foto dele e montou um perfil. Entrou lá e se mostrou bem arredio: “Estou aqui para f*** com vocês, sacaneando vocês”. Aí a gente descobriu que não era ele. Era um *fake* que se aproveitou da ausência do dono. Hoje a comunidade está meio às moscas porque as pessoas têm uma vida fora do Orkut, uma vida até bastante atribulada. A gente não tem computador o tempo todo, então acaba se ajeitando. Tendo um tema sério, comentamos. Às vezes o moderador aparece, exclui um tópico que não tem nada a ver e a coisa flui. Mas teve

época, não sei se percebeu, que estava um lixo. As portas estavam abertas e quando as portas ficam abertas entra tudo quanto é figura. Se você abrir, vai entrar de tudo. Porque de 2002 para cá, quando o Movimento Negro deu esse grande passo, houve uma reação, não é? Às vezes vem alguém dizer: “Mas depois que o PT fez não sei o quê, vieram as cotas”. Aí eu digo: “Espera aí, o Partido dos Trabalhadores não tem nenhuma responsabilidade direta, a responsabilidade é do Movimento Negro que é uma coisa secular de pressão e as universidades têm autonomia para decidir aplicar o sistema de cotas. Então não é político que inventou”. Na NEGROS sempre que tem um tópico, uma discussão, alguém de fora vem dizer que é política, mas não é política. Eu reputo ao Movimento Negro.

Eu percebo que quando alguém vai lá se mostrar contrário às cotas, a pessoa se baseia no senso comum. É aquele que vai beber na fonte do editorial da Folha de São Paulo, do Estado de São Paulo, o Globo, Ali Kamel. Tenho esse livro em casa. Tem que comprar porque sinceramente ali tem coisas absurdas. Eles vão nessas fontes. Demétrio Magnoli, o pior de todos que comentam contra as cotas. Ele é só geógrafo, mas quer ser tudo. Quer falar de política, de futebol, mas ele não é nada quando comenta as cotas raciais.

Conseguimos mudar a opinião de algumas pessoas. Acontece algumas vezes. Uma tal de Jéssica entrou lá e falou assim: “Mas por que os meus argumentos são falhos e os seus são bons?”. Ela falou isso para mim. Simples, eu pego os meus argumentos e comparo com a realidade. Quando eu digo que as notas dos cotistas são iguais ou melhores que as dos não-cotistas, eu trago dados da Unicamp, da UnB. Está lá, não é um pensamento meu, é uma constatação. Enquanto os seus argumentos você não tem como provar. Ela não vai entender nunca, mas alguns mudam de opinião. É legal e interessante isso. Ali na NEGROS a gente até fez uma brincadeira. Brincadeira, não. Eu pergunto: “Quem aí de vocês passou a ser favorável às cotas, por favor, se apresente”. As pessoas vêm, dizem obrigado. A gente já ouviu muito isso. As pessoas realmente mudam de opinião e isso que é bonito. Aí eu pergunto também quem passou a ser contra as cotas. Não aparece ninguém. Apareceu uma vez um fake, mas fake não vale nada. A gente identifica o fake pelo senso comum, é a mesmice. A Luzia é perita nisso. Ela faz uma investigação, vai nas comunidades que o cara está. Vai buscar. Percebe que o cara tem um discurso igual, são primários, não têm nenhum conhecimento de causa. Bebem naquela fonte básica dos editoriais. Eu me sinto bem que meus argumentos tenham base, provas. Quando o cara vem radicalizar, dizer que a gente está sendo racista por defender as cotas, a gente bate.

Eu mesmo já mudei de opinião. Até 2004 eu era radicalmente a favor apenas de cotas para negros, independente se era pobre ou não. Porque não é uma questão social, é uma

questão de pele. Oracy Nogueira já dizia isso. Então para não causar eu digo o seguinte: “Eu não me meto nas cotas para brancos pobres, no percentual dos indígenas, e você não se mete a querer interferir no que é dedicado aos negros. Você fica na sua e eu na minha”. Aí eles veem que eu mudei. Eu não vou sair bradando pelas ruas contra as cotas para brancos. É dessa forma. Porque antes eu defendia cotas apenas para negros, mas ainda não estamos preparados para isso.

Como eu defino quem é negro? Pela autodeclaração, eu acredito nisso piamente. Ele tem que se autodeclarar. Não é só a cor da pele, são os traços, o nariz, alguma coisa. Mas as pessoas falam: “Mas e se fulano quiser enganar?”. Isso é um percentual mínimo. Ele se sentiria até constrangido porque se fosse uma coisa farta a gente viveria vendo na televisão situações do caso. Eu sempre lembro a situação dos gêmeos da UnB. Sempre lá na comunidade eu falo: “Daqui alguns anos fulano vai trazer aqui o caso dos irmãos gêmeos como se fosse um absurdo inédito”. Isso aconteceu e já foi retificado. A pessoa que ficou de fora já adentrou. Eu considero os dois como negros. Eu sou branco, a gente nasceu numa sociedade racista, se criou com aqueles vícios e tudo o mais. O branco sabe. Nós olhamos para a pessoa negra e nós sabemos ou pela pele ou por alguns traços. É uma coisa secular, facilmente identificável. Aquele sujeito que nunca fez sociologia vai saber quem é branco e quem é negro. Você, por exemplo, eu considero preta. Eu falo negro porque é aquela coisa... A minha noiva é preta, mas para a sociedade ela é negra. As pessoas olham e falam que ela é morena. Eu falo que ela é negra. Se eu disser que ela é preta, o pessoal vai para cima de mim. Em 2004, com dois anos de militância, eu tinha uma grande dificuldade em dizer que fulano era negro. Travava. Porque a gente cresceu com a ideia de “moreno”. Hoje, falar que a pessoa é negra já sai naturalmente. Mas eu queria ainda dar um passo à frente. Dizer que considero preto. Todo preto é negro, mas nem todo negro é preto. O preto não pode ser pardo. Se você é filha de negros, eu vou considerar você preta. O Marcelo Paixão, você conhece? Da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Você tem que conhecer o livro dele. Ele tem vários dados estatísticos: brancos, negros, pretos, amarelos, indígenas, tudo. Mulher branca, mulher preta, mulher amarela. São tabelas a perder de vista. Ele deu uma entrevista ao Paulo Henrique Amorim, sobre a questão da população negra ultrapassar os 50%. Aí ele perguntou como você se considera, o Paulo Henrique perguntou para ele. Ele é assim do seu fenótipo. O Marcelo respondeu que se considera preto. Aí o Paulo Henrique tomou aquele susto porque não está acostumado com a naturalidade da situação, de chamar de preto. Não é naturalizado. Um exemplo recente é o debate na televisão entre a Dilma e o Serra. A Dilma pediu que o Serra explicasse a situação do Paulo Preto. O Serra responde que nem sabia quem era o Paulo

Preto e que o termo era racista. Ele afirmou que chamar alguém de Paulo Preto tem um teor racista. É uma pessoa que não sabe absolutamente nada. O que ele tentava naquele momento era angariar votos da comunidade negra como um todo, pretos e pardos.

O termo afrodescendente eu repudio. Vou explicar. Numa palestra que assisti em 2006 em que USP, Unifesp e Unicamp debatiam o sistema de inclusão nas três universidades. A Unicamp falou primeiramente, que dá um bônus para quem se declara negro e dá bônus para brancos pobres. Só que quem é negro tem uma pontuação a mais, por isso eu digo que o critério lá é mais racial. Eu brinco que a elite paulistana não sabe que lá na Unicamp tem um fator racial que promove a inclusão e na hora em que souber, vai entrar na justiça. Aqui em São Paulo ninguém entra na justiça, é incrível. A Unifesp tem cotas, a Unicamp tem um critério mais racial, que privilegia negros em relação aos brancos pobres. Privilegia entre aspas. Não é privilégio, é direito. A USP só tem o Inclusp que não tem definição em nada. Eu detono esse Inclusp. Aí o colega da Unifesp falou que no primeiro edital ele colocou lá que quem se declarasse afrodescendente teria direito à oportunidade. No segundo edital ele mudou porque teve um gaiato lá que disse que era afrodescendente porque todos os habitantes da Terra são. Afrodescendência é comum a todos os habitantes da Terra. Então a partir do segundo edital a Unifesp passou a prever cotas para quem se declarasse negro. Eu aprendi com essa pequena palestra.

Os negros do meu convívio não fazem ressalva quanto ao modo de tratá-los. Tem uns que insistem que são multiétnicos ou que são pardos. Nessa hora, sem querer bater, eu digo: “Você é negro e ponto”. A gente vai e dá uma explicaçãozinha. Um dia a Regina, que está no meu grupo de amigos, disse sobre a minha noiva: “Que linda morena”. Eu disse que não era morena, era negra. E ela: “Não”. Como se quisesse me agradar. Ela percebeu e ficou meio constrangida. Outra vez foi uma tia minha. Ela falou: “Nossa, sua namorada é uma morena bonita”. Falei: “Não, ela não é morena, ela é negra”. Achei um absurdo insistirem, mas ela tem mais de 80 anos. Sempre tem isso.

Eu namoro desde o começo de 2008. Conheci-a no Orkut, parece que foi na comunidade NEGROS. Eu debatia lá. A gente debatia músicas afro, começou a trocar recados e dali para o MSN é um pulo. Três meses depois marcamos de nos encontrar, conversamos e veio o namoro. Sobre o círculo de amizades que se forma nessas comunidades, eu tenho amigos assim, realmente de ver, uns quatro. Não é muito frequente sair dali para o mundo real. Mas cultivo várias amizades virtuais oriundas dali, com brancos e negros. Tem gente com receio de vir para o mundo real. Teve um orkontro (encontro de usuários do Orkut) uma vez no Ibirapuera, mas eu não pude ir porque estudava e trabalhava. Sei que o Jorge foi. Um

que cometeu uma besteira uma vez. Estava lá a Luzia e uma branca racista discutindo. Ele entrou no meio das duas para chamar a atenção. A Luzia ficou indignada: “Como é? Um negro chamando a atenção de outro diante de uma branca racista?”. Ela bateu e eu fui atrás. Falei: “Olha, infelizmente você não deveria ter feito isso. Ela é negra. Você deveria ter ido no reservado e conversado com ela se fosse o caso e não expor para o mundo”. Ele fez uma besteira tão grande que a branca que estava lá ficou tão feliz que o agradeceu por ter intervindo.

No Orkut a gente convida e é convidado. Alguém diz que gostou do que a gente falou no tópico tal e pede para adicionar. Tem um lance interessante. Essa questão de cor. Tem um companheiro no Orkut, (...) ele é do Paraná. Se inscreveu na universidade como negro cotista e foi afastado pela justiça. Há muito tempo eu tinha aberto um tópico sobre esse caso na comunidade. Fui lá na contenda, no processo. Quase todo final de semana eu saio pelo Brasil, nos tribunais, para ver como está a situação. O desembargador, analisando o caso dele falou: “Olha, as provas são frágeis porque ele apresentou fotos em preto e branco, meio deslocadas. Ele tem que ser excluído da universidade”. No tópico eu fiz um comentário e o chamei de espertinho, fui bem duro com ele. Aí um dia ele foi lá nos meus amigos do Orkut e pediu para eu adicionar. Se identificou como a pessoa do processo e disse que estava ofendido. Aí eu adicionei e tudo o mais. Falei: “Olha, insisto que a nossa questão é fenotípica e de autodeclaração”. Ele estava atrás de um fake. Depois de uma semana ele colocou uma foto de verdade. Eu olhando para ele diria que ele é negro, mas ninguém sabe se ele se aceita como negro ou se na hora da entrevista ele queria se aproveitar. Pelo que ele falava, ele queria se aproximar da branquitude e ser negro só na entrevista. Ainda estou em dúvida. Ele pediu para eu apagar o tópico e eu apaguei, pois ele se sentiu ofendido. Mas mantive a minha posição. A consciência de que se é negro, isso ele não tinha. Na hora da entrevista isso faltou. Essa consciência de ser negro é ter certeza de que os olhos dos outros o olham como negro por algum motivo. O racista olha uma pessoa e pensa que ali tem alguma coisa errada. Se duvidar de alguma coisa, já era. A pessoa vai ser excluída. Ele tem que ter essa percepção de que é uma vítima do sistema, tem que abraçar essa causa.

Sobre a responsabilidade de retorno do aluno cotista, um amigo meu que é marxista radical diz que os que entrarem pelas cotas vão seguir o caminho deles pelo capitalismo. Eu digo que, em medicina, por exemplo, se de cem alunos cinco ou dez retornarem e forem de alguma maneira clinicar na periferia, para mim já é o suficiente. Às vezes mais que lutar pela causa é a imagem, a figura emblemática, que é uma expressão do ministro Joaquim Barbosa. O Obama é uma figura emblemática para crianças de oito, nove, dez anos (tem um texto no

meu perfil do Orkut sobre isso). Essas crianças não querem saber se ele está com as tropas do Iraque. Essa criança entende que tem um preto, um negro no poder e que isso é possível. Essa é a figura emblemática do qual o ministro fala. Então esses 100 jovens negros que vão se formar pelas cotas, de alguma forma serão olhados por alguém. A figura emblemática é um ponto importantíssimo. Se todos lutarão pela causa isso eu não posso dizer, nunca direi.

Encarar as comunidades negras do Orkut como racismo às avessas como dizem alguns, nem me passa pela cabeça. Não existe racismo de negro para branco. No mundo ocidental não existe racismo de negro para branco. Eu não entendo que esses nomes (Orgulho Negro, Consciência Negra e NEGROS) sejam racismo ao contrário. É uma reação de um povo que foi, que está ainda sendo massacrado, psicologicamente, subliminarmente, o que é pior que a agressão física. Doença na alma também deixa cicatrizes. A ministra Matilde Ribeiro, uma pessoa que defendo até a morte, falou que não é racismo quando um negro se insurge contra um branco: “Quem foi chicoteado a vida inteira não tem obrigação de gostar de branco.”. No outro dia eu cheguei ao trabalho e um colega meu chegou perto: “Está vendo o que a sua ministra aí falou?”. Eu falei: “É isso mesmo, ela falou e está certa”. A ministra foi massacrada pela mídia. Foi afastada depois pelo caso dos cartões corporativos, mas a mídia começou a falar mal dela já antes disso, naquele momento.

Eu sou funcionário público, trabalho no tribunal. O nosso padrão salarial deu uma crescida. Quando o salário do servidor federal era menor, muitos negros adentraram porque como os brancos não procuravam, as populações da base iam atrás. Hoje em dia eu percebi que nos últimos anos os que entram são 95%, 99% brancos. Negros são minoria. Se são militantes? Acredito que não. Às vezes a gente joga uma palavrinha para ver o que acontece e ele olha para lá. Penso que esse é mais alguém que chegou ali e não quer problemas. Os servidores antigos negros e pretos estão se aposentando. Um dia no sindicato da categoria eu peguei o microfone e disse que enquanto estiver só debatendo a questão da mulher e não falar da mulher negra, do trabalhador negro em geral, não vai adiantar. É preciso perceber que a nossa categoria está ficando branca. Os negros se aposentam e não existem mais negros tomando posse. Fiz até uma ironia e disse que daqui a pouco só eu seria negro ali dentro. O pessoal ficou chateado porque ninguém toca nessa questão. É isso que acontece no meu tribunal. Muitos brancos e os poucos negros que tem lá não querem discutir a questão. Só um ou outro, como uma menina que trabalha comigo e sempre pergunta, conversa. Entendo essa postura de não querer discutir. Nunca vou colocá-los como responsáveis pela nossa desgraça. O culpado é o branco. Se eles que trabalham ali há 20, 25 anos não vêm debater, não comparecem às greves, não escrevem artigos é porque o tribunal pratica o que a gente chama

de racismo institucional. A omissão é o pior. Eu falei isso no sindicato, que ele (o sindicato) se omite e colabora com a exclusão racial. A diretora do sindicato foi irônica, pediu a palavra e disse: “Pronto, somos todos machistas, somos todos racistas”. Fiquei calado porque eu adorei ela dizer isso. Adorei o que ela falou, mas a intenção era que eu dissesse: “Peraí, não é bem assim”. O tribunal é bem elitizado. As pessoas querem ascender lá dentro, nos quadros, então não querem tocar nessa ferida. Vivem numa sociedade racista e trabalham numa instituição que se omite do problema. O sindicato nunca tomou como séria a questão racial. Querem caminhar na vida deles, sem sobressaltos. Entrar nessa questão é brigar, é ter dor de cabeça. Você vai sofrer. Vai ter que explicar pro seu filho o funcionamento da sociedade nesse sentido. Então por isso eu acho que eles não querem discutir.

No Mackenzie, numa sala de 60 alunos tinham dois negros. Tinha uma terceira, mas mexia no cabelo, forçava a maquiagem e nem parecia, mas ela era negra. Então eram três em 60. Criei uma expressão que é o teste do pescoço. Você estica o pescoço para ver uma sala de aula da USP, por exemplo, e vê a quantidade de negros. Vai lá o prédio da medicina, numa aula, e conta quantos negros tem. Isso já me chamava a atenção desde a época do Anglo, ali na Liberdade. Um cursinho particular de brancos. Só dava branco, coreano. Eu estudava à noite naqueles preços populares e mesmo assim percebia. Não parava para pensar no problema, mas percebia. Tinha um colega no Anglo, japonês, que pregava o movimento dos sem-vestibular, alguma coisa assim. E a questão racial estava inserida ali. Então eu comecei a analisar. Tive professores, na área de Sociais, que davam brechas, davam ganchos. Então você vai e pega o gancho. Comecei a pesquisar e a verificar. A gente começa a acordar. Então entrei na universidade e lembro que na primeira ou segunda semana de aula, uma professora de Teoria do Estado trouxe o assunto das cotas. Um colega meu, petista inclusive, falou: “Mas professora, a qualidade da universidade não vai diminuir se você colocar um cotista lá dentro?”. A professora disse: “Quem somos nós para duvidar da capacidade do ser humano? Você duvida que um cotista consiga acompanhar?”. Ele não respondeu. Já pensava assim, mas aquilo vindo de uma professora foi bom. Aquela frase me deu o impulso de pesquisar. Saí procurando tudo na internet. Coloca cotas para negros num buscador e você cai diante de uns textos. Tem muita coisa. Isso fez com que eu tomasse posições. Os dados estatísticos, os textos dos intelectuais. Os textos dos intelectuais anticotas são mais complexos, não vou negar. Porque tudo é tão óbvio que é fácil ser a favor! Tem lá o Peter Fry, a Yvonne Maggie. Tem também a nossa “galerinha”. Quando a nossa “galerinha” vai debater o tema eles não têm dificuldade porque o que eles falam é uma coisa tão lógica. Se dizem que o salário do

negro é menor que o salário do branco eles não precisam tecer grandes explicações. Está tudo lá. Agora pega um texto do Peter Fry, um da Yvonne Maggie. Onde estão os dados reais?

O princípio da igualdade, no sentido literal, diz que tanto um negro pobre quanto um branco pobre podem se hospedar, sem distinção, num hotel cinco estrelas. Basta ter dinheiro. Ele não te proíbe. Não proíbe um branco nem um negro de dormir na praça. O princípio de igualdade diz apenas isso. Mas toda a questão que está por trás disso, que envolve essas duas pessoas, disso ele se omite.

Nas comunidades, além da questão das cotas, eu gosto de comentar o simbolismo, a publicidade, os desenhos em geral. Tudo em função do olhar da criança. Às vezes eu começo uma discussão ali e digo: “Olha, isso aqui é racismo”. Dificilmente você vai ver um tópico iniciado por mim dizendo: “Pessoal, o que vocês acham disso?”. Eu não pergunto, eu já entro e falo que é racismo. O pessoal diz: “Você está vendo pelo em ovo”. Um exemplo disso é o livro do Gilberto Freyre em quadrinhos. Acho que é a primeira vez que falo desse livro sem logo adjetivar. Porque toda vez que vou falar desse livro, falo “esse livro racista Casa Grande e Senzala em quadrinhos”. Nunca tiro a palavra racista, para chocar mesmo quem está me ouvindo ou lendo. Nós, adultos, podemos ler com uma concepção. Mas e a criança? Com elas a história é diferente. As mensagens subliminares no texto, as ilustrações. Tudo isso eu combato. A criança negra não se vê nos livros didáticos, na TV, nas revistas. Às vezes estou numa banca de jornais da Paulista e eu pergunto: “Cadê a revista Raça? Tem que colocar ali na frente, deixar estampado”. Porque é a questão da figura emblemática. Não quero saber se a pessoa tem vícios, problemas. A cor dela está ali. Lógico que tem Pelé, tem o cantor negro em algumas capas. Isso é importante, mas não tão importante. Para mim é importante o negro ocupando espaços no mundo da razão. Tem uma frase do Sédar Senghor, ele é citado no livro do Kabengele. Uma frase que o Kabengele combate e eu também combato: “ao branco a razão, ao negro a emoção”. A emoção é música, futebol, é tudo que lembra calor. O branco é a razão, os gregos. A gente tem que combater isso.

Vejo as comunidades do Orkut como espaços de militância. Militar é fazer acordar um número que você não sabe quantos e nem quem. Considero militância pelo grau de convencimento. O mundo da internet é interessante porque a gente pode rapidamente trazer provas daquilo que a gente fala. A gente traz um argumento e logo perguntam qual é a fonte. O famoso “qual é a fonte?”. A gente mostra. Ele vai e não volta mais porque se convenceu. Então eu considero sim um espaço de militância. Não dá para achar que o mundo virtual é só entretenimento. O Orkut deu uma subida no Brasil. O Facebook começa a crescer na classe média alta, a molecada branca, porque lá não há a mesma interação. No Orkut todos podem

promover um debate, partir dali e pesquisar alguma coisa. Sabemos que muitos entram nas comunidades de temática racial só por modismo ou para entretenimento do tipo os jogos “fica ou não fica?”, “beija ou não?”. Tem esse lado, sim. Mas os tópicos desse tipo nas comunidades negras o pessoal vai pra cima, busca a seriedade.

Alguns membros tem uma postura bem radical nas comunidades de temática racial. Tem uma garota negra lá, é a mais radical que tem. Ela bate forte, tem horas em que fica um pouco fora de si. Dá a opinião dela com muita ênfase nunca admite que está errada (ultimamente mudou). Ela até criou uma comunidade, Sou contra cotas para brancos. Ela tem horas em que bate forte nos negros mestiços. Ela fala “filhos do estupro” e alguns negros ficam ofendidos, tipo “meu pai é negro e minha mãe é branca, mas meu pai não estuprou minha mãe”. Ela coloca de forma que magoa, batendo forte na questão da mestiçagem. Mas ela mostra a cara, enfia a cara mesmo no Orkut para dizer estou aqui e penso assim. Mas tem as conversas de bastidores. Ela namora um cara que não é preto como ela, é mais claro. Isso destoa do radicalismo dela. Mas é conversa de bastidor porque a conversa não se dá só ali.

Tem a questão da privacidade. Eu tenho mais de 100 amigos no Orkut. Se eu deixo os recados abertos e recebo uma informação ali, qualquer um pode olhar. Já aconteceu isso, não comigo. Tem uma menina chamada Iná e ela foi moderadora da comunidade NEGROS. Ela é mestiça e o namorado é branco. Ela é tranquila e responsável. Aí aconteceu de alguém pedir para adicionar, alguém da comunidade NEGROS. Ela aceitou e essa pessoa no perfil dela, roubou as fotos e criou um perfil dela falso. Pegou fotos do namorado branco dela e foi dar uma de “olha aí, meu troféu”. Ela ficou abalada e pediu para sair da moderação. Hoje ela aparece pouco porque pegaram mesmo pesado com ela. Um fake fez isso na intenção de dizer que alguém que era mestiça e tinha um namorado branco não podia estar querendo moderar pretos.

Muitos brancos entram ali achando que é a gente que está querendo ver racismo em tudo. Também pegam bastante na questão das ações afirmativas. Depois que foram implementadas as cotas raciais eles passaram a se incomodar. Era um mundo branco, agora está mudando. Eles não sabem como lidar com isso. A frequência dos ataques depende da moderação. Como eu disse, quando as portas ficam abertas, entram. Quase sempre através de fakes, difícil ser um perfil verdadeiro. Geralmente se valem de textos longos para demonstrar para algum desatento que aquilo não faz sentido. Por isso nesses a gente tem que bater forte. Senão alguém vai achar que porque o cara escreveu muito e com alguma lógica, eles estão certos.

Sobre a mobilização efetiva das comunidades, há alguns exemplos. Teve um desfile de moda na televisão. Estavam ausentes negros e a curadora, nem sei se é essa a expressão que se usa, mas a responsável foi infeliz numa colocação e disse que não precisava de negros ali porque eles já estavam trabalhando nos bastidores. Abriram um tópico ali e colocaram o e-mail dela. Foram mandados e-mails e tivemos resposta: “Olha, vocês estão equivocados porque nós nos pautamos pelo princípio da diversidade”, aquelas respostas de quem não quer dar o braço a torcer. Eles nunca admitem, a sociedade nunca admite. É sempre na base do “não é bem assim”. Teve um dia, em 2005, o Banco do Brasil fez um outdoor com várias profissões, médico, juiz, dentista, secretária. E tinha duas pessoas dessas nove. Uma era um vigia e ficou lá atrás, a outra secretária e ficou mais a frente. Aí eu reclamei. Mandeí um ofício para a procuradoria federal, abriu-se uma sindicância. Tudo bem, a procuradoria mandou arquivar, mas antes disso mandou ofício para o Banco do Brasil e fez o maior estardalhaço. A Secretaria de Políticas Públicas do Governo Federal também entrou na jogada e o Banco do Brasil respondeu, falou “não é bem assim” e “nos pautamos na diversidade”. Então se alguém da NEGROS vê uma publicidade da qual discorda, a gente abre um espaço, se organiza, manda e-mails. Eles mudam para evitar confusão. Isso é resultado de militância virtual.

Os companheiros negros das comunidades muitas vezes estão ali com um discurso guerreiro, mas talvez falte uma leitura mais apurada por conta da ausência de uma Revolução Cultural de inclusão. Eles vêm para a guerra porque é uma união da irmandade e isso é muito bonito, mas falta embasamento. Teve um dia em que eu pedi autorização para o Kabengele através da mulher dele. Ela está no meu Orkut. Pedi autorização para digitar o livro dele e colocar todos os dias um trequinho lá na comunidade. Aí eu fiz isso. Minha intenção era fazer assim porque se eu colocasse tudo de uma vez o tópico ia descer. Minha namorada ajudou, outros militantes da internet também. E foi assim que colocamos, um pedacinho de cada vez. O nome do tópico é o mesmo do livro, Negritude: usos e sentidos. O pessoal ficou encantando. Para alguns até passei a íntegra por e-mail.

Eu acredito muito nessa geração de novos pensadores para fazer a revolução que ainda não teve. O pessoal que está entrando agora no universo acadêmico pelas cotas sabe que fazem parte de uma revolução. Eles podem não ter uma consciência plena, mas eles sabem que não chegaram ali à toa. Passando cinco anos numa universidade eu sou otimista que uma hora essa pessoa desperta. Se nas comunidades virtuais tem gente que desperta por conta de uma frase, de um texto pequeno que a gente colocou ali, eu acredito que durante a universidade ele vai ter mais facilidade em ter contato com a situação, o que não aconteceria

se ele estivesse na labuta de sol a sol. E também não podemos pensar a cota como o aluno chegar lá, se matricular e ponto. Dentro das universidades deve haver núcleos de discussão. Não basta ensinar a disciplina e tchau. Isso seria uma derrota. Os movimentos internos da faculdade devem colaborar para que esse aluno abra seus olhos. Não digo que esse cara, depois de formado, tenha uma obrigatoriedade de partir para a luta. Não tem que haver essa cobrança. Mas existe uma coisa. Minha namorada sempre ia ao Hospital das Clínicas. A estudentada branca toda da USP trabalhando ali. Se houvesse cotas na USP, negros também estariam como residentes. Quem fica ali para ser atendido nas filas? São pessoas pobres, humildes e muitos negros. O contato vai ser obrigatório. É o que falo da figura emblemática. O residente negro pode nem militar, mas a cor dele está ali. A criança, o jovem que passar pelo HC vai ver o negro médico ali, mesmo que esse médico não atue na luta. Outro exemplo: uma colega minha estagiava lá no tribunal. Uma preta de classe média alta. Eu comecei a abrir o assunto com ela e ela sempre em silêncio. Aí um dia ela contou que estava estagiando na defensoria, atendendo o povo, aí uma mãe com uma criança pretinha no colo, a mãe olhou para a criança e disse: “Olha, filha, uma negra atendendo”. Quer dizer, a mãe nunca tinha visto uma negra naquela posição. Era sempre a estudentada branca da USP. Então mesmo que a minha colega se torne uma neoliberal, a cor dela estará ali. E a cor dela fala por si. Então se um dia a gente conseguir chutar a porta daquela USP e implementar as cotas. Digo chutar porque se depender da autonomia daquela universidade, não vai acontecer nunca. Se a gente conseguir que 20% dos médicos negros façam residência ali no HC, você vai ver como micro-revoluções vão acontecer. Enquanto isso eu continuo indo lá com a minha namorada e vendo médicos brancos. Um dia levei minha cachorra doente para ser tratada lá na Escola veterinária da USP e 100% dos veterinários que vi eram não-negros. Não-negros porque tinha japonês. Os negros estavam ali. Limpando o chão.

Voltando ao caso do livro racista Casa Grande e Senzala. A polêmica do Monteiro Lobato, se houver um acompanhamento psico-sócio-pedagógico, ainda é possível trabalhar. Mas no caso do Casa Grande e Senzala não tem acompanhamento que dê jeito. Qual é a professora que vai poder explicar a imagem de uma negra sendo estuprada? Porque tem lá essa figura, uma negra deitada, com os seios à mostra e um branco em cima. Vai dizer que isso é um ato de amor? Se disser isso, vai estar mentindo. Tem outra lá que é um negro de quatro e um branco em cima. Tem índia tomando banho e uns brancos vendo, com aquele olhar de lascívia. Tem negra sendo puxada para dentro da rede. Eu excluiria tanto As caçadas de Pedrinho como o Casa Grande e Senzala em quadrinhos. Tem gente que argumenta que se censurar Monteiro Lobato tem que censurar a Bíblia também. Tem esse debate na

comunidade também. Ninguém vê jovens em grande número se debruçando em cima da Bíblia e comentando tal parte, com a mesma facilidade que se vê nas obras de Monteiro Lobato. Lobato é sinônimo de crianças, sítio do pica-pau amarelo. Concordo que há alguns professores capacitados para trabalhar a obra fazendo a devida contextualização, mas são exceções. Se não sabemos como os professores irão trabalhar o tema, melhor não arriscar. E além do mais a polêmica sobre o Lobato é bem diferente do que a grande mídia noticiou. A ideia central não era a censura, mas o acompanhamento.

Por fim, para os que querem começar a compreender a questão racial no Brasil, indicaria o livro do Kabengele, o *Negritude: usos e sentidos*. Esse livro é uma base, atravessa as fronteiras Estados Unidos, Brasil, África. Desvenda o pensamento colonial. Indicaria também o do Albert Memmi, *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. É um livro pequeno. Diria que esses são dois livros básicos, para começar. Indicaria também alguns filmes, tem *O grande debate*, com o Denzel Washington. E falando de internet tem o *Afropress*, do Dojival. O site dele é bem democrático, ele deixa que as pessoas publiquem. Por mais que ele coloque artigos de gente de direita, tem lá o editorial, que é a fala dele, de esquerda. Indico também os *Cadernos Negros*, que são perfeitos para quem quer fugir do academicismo. Não divulgam muito a existência deles porque sabem da gravidade do que tem ali, que provocaria questionamentos.

Nas comunidades frequentemente alguém argumenta: “Mas Chico, o judeu também sofre, o gordo também sofre”. Só que o judeu pode negar que ele é judeu. O negro nunca poderá fazê-lo.

No universo do Orkut ainda tem os neonazistas. Se temos do lado de cá os nossos militantes, eles também se organizam do outro lado. É perverso.

Considero o Brasil o país mais racista. Os moderados podem discordar, mas eu penso assim. É o mais racista entre as nações multirraciais, pior que os Estados Unidos e pior que a África do Sul. Perguntam por que eu falo isso. É pelos dados estatísticos. Costumo comparar violência física com violência psicológica. Nos Estados Unidos houve enfrentamentos e a partir deles se colheram mudanças. No Brasil ocorreram conciliações apenas. Quando você concilia você evita o enfrentamento e na hora em que o enfrentamento físico é evitado vem a violência psicológica, que não deixa marca visível. Então quando você não vê a violência na pele do negro, você vê que a pessoa silencia. Ela guarda aquilo e vai passando de pai para filho. Essa violência psíquica é a pior. Por isso eu considero o Brasil o país mais perverso racialmente. Nenhum argumento me convence do contrário.

APÊNDICE C
ENTREVISTA COM DOJIVAL
DATA: DEZEMBRO DE 2010
LOCAL: RESIDÊNCIA DELE

Preconceito, discriminação, estereótipo, racismo, são conceitos fundamentais de se trabalhar. Porque as pessoas fazem uma confusão muitas vezes até proposital.

Há alguma coisa que precisa ser melhor verificada em relação aos números do Orkut. Porque se você tem comunidades com 30 mil negros, outras com 40 mil, com temas de ativismo negro, onde está de fato esse pessoal? A gente abre o Orkut e tem várias comunidades: NEGROS, Martin Luther King, Malcolm X e outras, de várias lideranças, de vários ícones da luta pela igualdade no mundo, com 10, 20, 30, 40 mil membros. Se tivéssemos de fato esse número de ativistas, eu tenho a impressão de que o quadro, o nosso quadro, seria diferente. Não tenho elementos para afirmar para você, tenho uma dúvida e a estou tornando pública. Gostaria de conhecer melhor o sistema de monitoramento dessas comunidades. Não conheço os mecanismos de monitoramento e de acompanhamento dessas comunidades e nem mesmo sei se eles existem.

O Brasil tem 81 milhões de internautas e é o país que mais tem adeptos do Orkut no mundo, entretanto, a população negra, exatamente por ser majoritária entre os pobres, tem menos inserção no mundo virtual. Ou seja, a inclusão digital não é a mesma para todo mundo aqui. Tem as *lan houses* nas periferias, a molecada da periferia acessando o Orkut, mas eu não posso afirmar qual o grau de inserção digital da população negra, partindo da observação de que é uma comunidade com poder aquisitivo menor. Daria uma boa pesquisa isso, pois não temos esses dados. Em São Paulo já se tem uma classe média negra, mas ela é pouquíssimo estudada. Falar de São Paulo, a economia mais desenvolvida do país, é falar de Brasil. Essa classe média negra de São Paulo tem demandas específicas. Aliás, a grande sacada, o grande filão que está aberto é, por exemplo, o mercado que se abre para esse segmento da classe média. Isso ainda é muito incipiente.

Em 2004 a quantidade de comunidades era incrível. Todas as aberrações que você possa imaginar. Exatamente pela característica do semianonimato, da dificuldade, isso encoraja o uso do computador, da internet, quem se pretende imune do outro lado para a

prática de crimes, de apologia do racismo. Aham que não serão identificados e de fato só depois disto é que o Ministério Público Federal, inclusive aqui com o Sergio Suyama, começou a tomar algumas medidas, acho que ainda muito tímidas.

O militante virtual. O que é o militante virtual? Porque quando você coloca de um lado o militante virtual e do outro lado o cara que milita também virtualmente, mas pregando o ódio, você os isenta com essa palavrinha “virtual” de responsabilidades. Não, o cara que entra numa comunidade do Orkut está (embora não exista uma legislação específica para a internet) cometendo crimes perfeitamente tipificados no Código Penal Brasileiro. É só uma questão de identificá-los.

Essa militância virtual de certa forma se acomoda ao mundo virtual. Quase sempre é impressionista ao extremo. O caso da Dove. Inclusive esse debate acabou porque eu entrei um dia, estava pegando fogo, aí eu entrei no site que eles diziam e vi. Falei: “Olha, isso aqui não é crime”. Tem uma grande confusão nessas coisas. Você trabalhar com moda ou trabalhar com um produto e você dizer que quer determinado perfil para ser modelo, desde que você não exclua outros, não é crime nenhum. Se você, por exemplo, quer contratar bombeiros, concurso público para bombeiros, uma pessoa que tenha deficiência física pode entrar? Não. Então estão discriminando deficiente físico? Não. É porque esta atividade não está adequada, ele não atende ao perfil desta atividade. Claro que isso tem que ser verificado caso a caso porque nisso a cultura discriminatória e racista se infiltra. Mas as pessoas, os militantes virtuais, precisam ter cuidado para não se tornarem folclóricos. Disse: “Espera aí pessoal, que situação é?”. Essa, essa e essa. “O que diz a lei?”. Isso, isso e isso. “Contraria a lei?”. Não. O problema é que esse inconsciente coletivo está contagiado. Estamos num país que viveu sob a escravidão por quatrocentos anos. 122 anos desse racismo pós-abolição. Aqui, essa coisa está tão contaminada, que aqui é o único país do mundo onde você encontra elevadores de serviço. A arquitetura se amoldou a um antigo hábito da separação que existia entre casa grande e senzala. Como também é uma continuação da senzala o quatinho de empregada que toda família de classe média tem. A gente não se dá conta dessas coisas. Isso está no inconsciente coletivo. Cada coisa é uma coisa. Muitas vezes, não quero generalizar também porque toda generalização é burra, mas quase sempre essa militância virtual fica nas ações impressionistas, ela não vai para a realidade concreta porque ela é virtual. Então, por exemplo, se eu acho no meu achismo que determinada atitude de determinada pessoa ou empresa é racista, eu boto pra fora os meus bofes, a minha fúria, a minha indignação. Essas pessoas não transformam essa reação. E sobre isso que eu os desafiei inclusive. Quando a Luzia me colocou a par dessas comunidades eu entrei numa delas e disse: “Bom, é o seguinte,

vamos adiante. A Dove está fazendo isso? Vamos à Dove”. Coloquei para eles o caminho inclusive. Tem um menino lá que eu conheci, Cogito não sei o quê. “Primeiro é o seguinte. Pega o material”. Aí já percebi que o material não era da Dove, era da produtora da Dove. Aí eu falei para eles: “Primeiro vamos tirar a limpo isso aqui. Você não pode sair por aí e dizer fulano de tal é racista. Espera aí, calma. Vamos ver se essa atitude se enquadra, se tem amparo legal e vamos tomar as atitudes”. Eu sou assim. Se a Dove está fazendo, praticando isso, é simples. “Vamos reunir um grupo e vamos nos reunir com o setor de recursos humanos da Dove”. Falei isso para eles antes. Vamos lá, vamos propor a eles um acordo no sentido de que eles comecem, por exemplo, a receber lá oficinas, orientar o setor de recursos humanos que está errado, que estão reproduzindo o preconceito. Aí, chega nessa hora e você não tem mais ninguém. Então isso eu acho que é um dado a ser observado. A militância virtual quase sempre fica na virtualidade e no impressionismo. No Brasil nós não precisamos inventar racismo, não precisamos inventar situações racistas porque elas estão no cotidiano, dessa forma sutil, sofisticada, dissimulada e não assumida. O que nós precisamos é treinar o nosso olhar e a nossa sensibilidade para identificar quando ele ocorre, enfrentá-lo e derrotá-lo. Em novembro você teve os dados dos indicadores sócio-econômicos de todos os institutos. Está lá o racismo. Negros ganhando menos que não-negros. Está tudo ali e não há dúvida nenhuma sobre isso. É necessário que a gente não invente, não perca tempo inventando coisas. É só identificar e agir. Quer ver um exemplo concreto? As pessoas fazem uma enorme confusão por ignorância, ignorância mesmo de não saber, entre o que é racismo, o que é preconceito, o que é estereótipo, o que é injúria racial e o que é discriminação. Nas oficinas que eu dou eu faço questão de explicar cada conceito porque senão você cria uma confusão, uma salada russa. Tem outro aspecto aí que é o seguinte: Tanto nas comunidades do Orkut quanto nas listas da internet há muito (eu sou crítico em relação a isso) uma tendência desse debate ficar entre nós. É como um gueto virtual. Quando a gente criou a *Afropress* a ideia foi “nós queremos falar para o Brasil, não queremos falar só pras listas de discriminação racial”. Acho importante, mas as listas não cumprem o papel de falar para todos e o nosso papel é falar para todos e não falar só para nós. Então, à medida que você identifica e afirma essa identidade, essa identidade só se realiza em conexão com o todo. Porque há a tentação sempre presente de você achar que isso basta. Sou negro e isso basta. Não. Então há outra crítica, mais de natureza política que é o seguinte: os gaúchos tem essa mania de dizer eu sou gaúcho e me basta. Não. Não se pode falar do Movimento Negro, mas de movimentos negros, no plural, de se associar a essa postura, sou negro e me basta. Basta coisa nenhuma porque ser negro não é

padrão de virtude. O que nós reivindicamos é recuperar nossa humanidade, que o racismo nos retira.

Concordo que é uma pista interessante analisar as comunidades negras do Orkut a partir da questão de identificar territórios de identidade e sua utilidade como instrumento de informação e conscientização. São pistas interessantes. Eu apenas acho o seguinte: Esse debate é entrecortado, enviesado por uma série de variáveis que me interessa discutir. Por exemplo, é complicado quando você, nesse debate, coloca a questão da raça como um elemento divisor de terrenos, definidor de posições. Sou uma pessoa refratária a esse tipo de abordagem. Fulano de tal negro. Elegemos não sei quantos negros. Isso é um dado delicado. “Dojival, mas você não é um ativista pela igualdade no Brasil?”. Sou. “Você não é negro?”. Sou. Por que você não acha que seja importante demarcar negros e não negros? Não acho que essa seja a questão, a contradição fundamental para derrotar o racismo no Brasil e nem em lugar nenhum. Tanto do ponto de vista histórico quanto do ponto de vista sociológico ou antropológico. A condição de negro não me coloca numa posição que me dê atributos para dizer que eu estou certo porque há uma questão anterior aí. A questão da humanidade. Quando o colonizador europeu chega à África para capturar negros. Por que África? Havia razões econômicas e havia razões de ordem cultural. Porque negros estavam associados a Cam. Havia razões econômicas, uma agricultura razoavelmente avançada que permitia a utilização da mão de obra nas Américas e havia razões ideológicas, a ideia da inferioridade, da supremacia branca, a ideia de que aqueles povos carregavam a maldição de Cam e, portanto eram inferiores. Então ocorre, por exemplo, que na África negros não são distinguidos por serem negros. Para um homem africano, referir-se ao outro como negro não tem o menor sentido. O que o racismo nos retira é a nossa dimensão humana, à medida que nos estereotipa, à medida que nos trata como inferiores. Então a nossa volta, o nosso resgate, é nos assumirmos como seres humanos, detentores de direitos e de deveres. Pode parecer, para alguns, despolitizado o que estou falando. Não, isso tem uma força política enorme. O que nós queremos no Brasil não é afirmar simplesmente a nossa identidade. Nós queremos no Brasil afirmar a nossa condição de cidadão brasileiro, com os mesmos direitos, as mesmas oportunidades. Coisas que nós não temos. Eu diria mais. Só quem pode democratizar o Brasil somos nós. O Brasil só será um país efetivamente democrático e efetivamente uma república na medida em que essa massa, que corresponde hoje a 51,3% da população entrar nessa história, entrar como protagonista. O que até agora não aconteceu Todos os processos de transformação social no Brasil foram dirigidos pela pequena burguesia urbana branca, inclusive esse último agora. Eu sou fundador do PT. Militei 16 anos no PT. De 78 até 91. O

que se observa? A pequena burguesia branca que domina esses processos no meio do caminho resolve fazer a sua revolução pessoal e vira as costas para o resto. Eu ousou afirmar que a democracia no Brasil só será possível com a entrada em cena desses milhões de brasileiros negros e pobres que estão excluídos do processo, que estão completamente excluídos do processo. Enquanto isso não acontecer, falar em democracia é difícil. E o conhecimento é essencial nesse processo.

A minha história, por exemplo, da redescoberta da condição de negro não é antiga. É de dez anos para cá. A minha formação no PT ignorava essa questão. Como todos os partidos de esquerda. Todos os partidos no Brasil praticam o racismo institucional, de A a Z. Porque mesmo os de esquerda tem base marxista e a questão fundamental é a questão de classe. Se afirma que resolvendo a questão fundamental que é a questão de classes, automaticamente a questão racial estaria resolvida. Mentira. Eu ousou dizer que no Brasil você tem sim preconceito social quanto à pobreza, especialmente nos últimos anos. Há um preconceito quanto à pobreza. Aquele tempo em que a pobreza era sinônimo de dignidade. Eu que sou mais velho, a gente ouvia, havia um tempo em que as pessoas se orgulhavam de serem pobres. Se dizia “sou pobre, mas sou honesto”. Nesse mundo globalizado, nesse *Big Brother* que virou o mundo, a pobreza passou a ser uma coisa depreciativa, vergonhosa. Porque já não existe mais, o capitalismo criou uma situação dos que não tem espaço mais. Na época do capitalismo industrial, do capitalismo da produção, não do financeiro, ainda havia o conceito de exército de reserva. Hoje existem setores dos trabalhadores que não têm mais espaço. Eu fico espantado ouvindo gente falar da população de rua. Como população de rua? Como alguém pode achar que é natural alguém viver na rua? Isso se naturalizou. Essas coisas foram se naturalizando. Então existe realmente um preconceito social contra a pobreza. Agora, se esta pobreza tem cor, a cor da pobreza no Brasil qual é? O preconceito é potencializado ao extremo a ponto de o negro tornar-se suspeito-padrão. Não importa o crime. Se é negro, algum crime cometeu. E de onde vem isto? Isto vem do fato de que durante quase 400 anos esse país viveu sob a escravidão. Eu estava lendo agora a pouco esse livro do Hédio, Hédio Silva, meu amigo. Um livro interessante. Tem uma coisa aqui interessantíssima que o Hédio levanta. Eu já sabia, mas ele levanta de uma forma didática que acho interessante. O escravo não era objeto de perseguição penal, exceto quando acusado. Quando o escravo era acusado de um crime, aí ele era responsável, ele passava a ser gente. Isso do ponto de vista penal. Do ponto de vista civil, do direito civil, como ele era tratado como coisa, como peça, o máximo que poderia acontecer era ele ser visto como um semovente, como um animal. Se, por exemplo, alguém sequestrava um escravo, se alguém roubava um escravo do dono era como

se roubasse uma rês, um boi, um cavalo. Se alguém ferisse um escravo isso repercutia sobre o dono, ou seja, era prejuízo do dono. Agora se o escravo matasse o dono, aí ele virava gente, aí ele respondia, deixava de ser coisa para ser gente. Só quando acusado, compreendeu? Só quando acusado de algum crime. Quando vítima, não. Se ele fosse morto ou ferido era um dano ao dono dele, civil. Se ele fosse acusado, ele passava a ser gente e respondia. Inclusive com pena de morte. Ele era inimputável quando acusado. Ele não era objeto de direitos, não era portador de direito algum. Quando acusado ele passava a ser acusado, imputável. Pasmem! Isso vigeu no Brasil de 1824, com a primeira Constituição, até 1888. Então é por isso que eu digo que todos nós estamos contaminados. A sociedade brasileira, toda ela, nós letrados inclusive

Fazer uma educação antirracista é o meio de combater isso. Nós aqui no Brasil precisamos ter no âmbito de governo, estado, município, federal, campanhas. Eu vi uma campanha dizendo que o portador da AIDS é uma pessoa como você, é uma pessoa igual, que ama, que sorri. Viu essa campanha? Está no ar, entrou acho que ontem. No Brasil, nós precisávamos fazer, ajustar contas com essa herança maldita, reeducando as pessoas. Reeducando para que conheçam a história, respeitem as diferenças da história, para que cada um de nós possa assumir a nossa identidade. É uma coisa que eu descobri. Você fala de identidade e eu me identifiquei muito com isso. Eu, até 2000, não tinha a menor sensibilidade com essa questão. Se você pegar a minha reservista, vai estar lá moreno claro. Era como eu me identificava. Por que eu me identificava como moreno claro? Era inconsciente. Me identificava como moreno claro porque no Brasil, dependendo da quantidade de melanina que você carrega, você está mais próximo ao acesso do universo de direitos. Então moreno claro é um esforço semântico para estar mais perto dos incluídos. Não sou negro, sou moreno claro. Como moreno claro dá com esses traços que eu tenho? Sabe qual é o dano terrível que eu sofri a vida inteira? Sentir-se feio, como toda criança negra. Não há coisa mais horrível do que você se sentir feio. Sabe qual foi o mecanismo que eu desenvolvi? Superar intelectualmente a minha feiura sendo o melhor da classe. Era a minha forma de ser aceito. Como sou feio fisicamente, eu sendo um bom aluno, sendo o melhor da classe, vou ser aceito. Foi uma estratégia inconsciente. As estratégias de sobrevivência que a gente não fica maquinando. Eu só vim ter consciência disso depois que desmoronou esse edifício, essa estratégia que eu construí. Estratégia precária porque eu continuava me sentindo feio. Só para você ter uma ideia eu fui namorar com 18 anos, casei com a minha primeira namorada. Me sentia feio. É horrível se sentir feio. Por que eu me sentia feio? Por que as crianças negras se sentem feias? Por que as meninas negras usam chapinha? Porque o modelo de beleza é

eurocêntrico. Cabelo liso, nariz afilado, olhos azuis. Isso é o modelo de beleza. Eu fiz esse caminho de volta que foi pra mim uma libertação. É muito doloroso quando você se sente feio. O período de adolescência é sempre complicado. A sua autoestima não tem a ver apenas com você, tem a ver com o suporte que você tem. Se você nasce e é querido na sua casa, se você tem uma família estruturada. Não que isso resolva tudo, mas são elementos aliáveis. Agora se você na escola é visto como o tição da classe, carvão, os apelidos, Pelé. Há todo um conjunto de variáveis que te leva a ter uma baixa estima. Entendo que um menino gordo ser chamado de porquinha rosa na escola não é fácil, mas é uma coisa de outra natureza. Não é querer comparar, mas são coisas de naturezas distintas. Da mesma forma que se sofre preconceito por ser gordo, ainda se está sintonizado com os valores predominantes na sociedade. Se vendo no livro didático, por exemplo. Essa coisa de se sentir feio é terrível. Porque quando você se sente feio você se sente derrotado. Você já entra perdendo porque a sua autoestima é zero.

O que a minha mãe dizia, se esforçar na escola, ser brilhante na escola, era na verdade recorrer à estratégia intelectual para se superar. Foi o que eu fiz, até que isso desabou. Estou fazendo confissões pessoais aqui. Isso desabou como? Quando eu percebi que isso não bastava, que eu continuava me sentindo feio. E por que eu me sentia feio? Aí eu fiz a viagem de volta, fiz um mergulho na história. Espera aí, estou no Brasil, eu sou negro. Eu sou fundador do PT e nunca ninguém me disse isso. Nunca ninguém me falou dessa história. Eu comecei a estudar e a pesquisar. Fui me reencontrar. A minha identidade diluída. Ao me reencontrar com a minha identidade eu imediatamente encontrei o meu padrão de beleza. Eu não preciso de padrão de beleza nenhum para me sentir bonito. Eu tenho meu padrão. Sou um homem de descendência africana, tenho um perfil, um biótipo. E dentro desse biótipo é com ele que eu vou me comparar, não é com um Gianecchini, um Brad Pitt⁴⁰ ou qualquer um desses bonitões que a televisão apresenta. Num país com essa variedade de biótipos. Você tem aqui japonês, indígena, judeu. Você tem uma variedade imensa de tipos humanos. Quem é que disse que a beleza está reduzida a apenas um tipo, o europeu? Por isso que eu acho. Não sei se você vai dar aula. Eu acho que nós estamos fazendo pouquíssimo. Lamentavelmente. Você me desculpe, mas os educadores que nós temos, negros inclusive, fazem pouco demais. Por que se você conhecer a nossa história e você tiver uma classe para liderar, você pode mudar isso. Se alguém tivesse me dito isso aos 15 anos, seguramente eu seria um ser humano melhor.

---

⁴⁰ Atores brancos reconhecidos como referenciais de beleza.

Você então coloca que só o fato da pessoa entrar numa comunidade de temática racial do Orkut é uma maneira de assumir sua negritude. É levantar uma pista interessante. Eu só te daria uma sugestão: tentar quantificar isso. Se você chegar para mim e disser que na cidade de São Paulo existem tantas comunidades que são lidas por tantas pessoas e onde são discutidos tais e tais temas, eu acho que a sua pesquisa está cumprindo brilhantemente um papel. Para gente exatamente sair do virtual. Isso não é virtual, isso é real. Acho que a dificuldade sua vai ser precisamente quantificar isso. Seria um belíssimo serviço que você estaria prestando se a gente conseguir tirar esse debate dessa virtualidade porque para muita gente isso não é sério. Orkut vira sinônimo de coisa não séria. Se você disser existem tantas comunidades, frequentadas por tantas pessoas e dessas pessoas tantos leem regularmente, você estará demonstrando que esta mídia cumpre um papel social relevante no sentido de afirmação da identidade e conscientização para mudanças de paradigmas. Eu acho que é uma pista legal que você pode levantar. Essa coisa da identidade, de redescobrir a identidade numa viagem de volta, se você puder conduzir as crianças a fazer isso será ótimo. Você vai influenciar o rendimento dessas crianças. Você vai reduzir a evasão dessas crianças. Isso é uma tese. De como a superação da cultura discriminatória e racista existente na sociedade resulta na redução da evasão e melhoria no rendimento escolar. Trabalhei muito tempo no Ministério da Educação. Conheço bem esses dados. Como resulta na redução da evasão escolar, no aumento do aproveitamento escolar. Porque é óbvio que essas crianças negras são maltratadas. São três ou quatro, lá no fundo e frequentemente pelo menos um deles estigmatizado como Pelé, Zumbi, etc. Fazer essa viagem de volta é fundamental inclusive para que a gente dê um passo adiante. Por que eu falo isso? Se eu não tivesse feito essa viagem de volta eu não teria assumido as tarefas que eu assumo hoje. Ser um ativista que propõe coisas. Por exemplo, modéstia a parte, eu acho que nós representamos um movimento social que está muito além desse movimento social elitista e separado. Quando eu falo de movimento negro no Brasil são na verdade movimentos negros. Eu faço na verdade outra distinção. Nós ainda não temos um movimento negro, a não ser um movimento negro partidário. Nós precisamos de um movimento social negro, protagonizado por negros com ampla adesão dos setores não racistas da sociedade, capaz de colocar essa questão da igualdade no centro da agenda política do país. Isso é que precisamos. Enquanto não se fizer isso, um movimento social protagonizado pela maioria negra, com apoio, com a participação efetiva de todos os segmentos da sociedade, não negros, porém, anti-racistas. O racismo não é um problema nosso só. São equívocos em que normalmente as pessoas incorrem. Primeiro achar que o problema é só dos negros. Não, o problema é do Brasil. Seria um absurdo pretender que esse problema, além do mais, fôssemos

nós os encarregados de resolver! É um problema que não se resolve só em nós. Depois, é o seguinte, o que nós queremos não é simplesmente afirmar a nossa identidade. Eu sou negro e me basta. O primeiro passo é esse, mas está longe de acabar aí.

Eu sou casado com uma mulher branca. Você imagina o quanto eu apanho por conta disso? Que mundo horrível é esse em que querem que eu abandone as minhas preferências pessoais por conta de ter a marca da maldição de Cam? Aliás, você deve ter lido. Eu tinha lido há muito tempo e voltei a ler. Paulo Freire, a pedagogia do oprimido. Quando o oprimido carrega o opressor, até quando o oprimido vai carregando o opressor. Esses que querem que você tenha determinados gostos porque isso está politicamente afinado com o que eles pensam, são fascistas. Eu não quero que ninguém me diga o que é melhor para mim. Quem devo namorar, com quem devo casar e ter filhos. Esse é um problema meu, um terreno que você não invade. Há um setor aí que precisa ser varrido da história porque não tem mais o que dizer para as novas gerações. A história os superou. Nós sofremos no Brasil a influência das políticas de branqueamento da pós-abolição. As primeiras décadas do século XX foram períodos da vinda pra cá de milhões de imigrantes alemães, italianos. A elite racista brasileira estava empenhada num projeto de branquear o país. Isso não é opinião, isso é fato. Está na Constituição de 34, promulgada dia 16 de julho. Todas as constituições, inclusive a de 24, diziam que todos somos iguais perante a lei. Detalhe: Os negros escravizados eram maioria da população, só que não éramos considerados cidadãos. Constituição de 34: Todos são iguais perante a lei, não haverá privilégios nem distinções por motivo de nascimento, sexo, raça, profissão, próprias ou dos pais, classe social, crença religiosa ou ideias políticas. Essa é a constituição de 34. Artigo 121: A entrada de imigrantes (ainda era imigrantes com dois eses), no território nacional sofrerá (com dois efes) as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade psíquica e civil do imigrante. Artigo 138: Incumbe à união, aos estados e aos municípios, nos termos das leis respectivas, estimular a educação eugênica. O que é eugenia? Eugenia é a teoria ou ideologia criada por Francis Galton, em 1883, que advogava a higiene racial, a não mistura das raças, a raça pura. A eugenia resultou no nazismo, a raça ariana. O detalhe é o seguinte: Com base nesse artigo, artigo 138, que advogava a educação eugênica, o artigo 121 da Constituição de 34 foi promulgado, foi baixado este decreto aqui, 7.967 de 45, baseado lá naquela restrição aos imigrantes. Olha o que diz: Artigo segundo, atender-se-á na admissão de imigrantes a necessidade de preservar e desenvolver a composição étnica da população as características mais convenientes de sua ascendência europeia. Na realidade isso aqui não é um achismo nosso. Às vezes, nas palestras, a gente fala umas coisas e as pessoas acham tão absurdas que é importante que a gente comprove. A elite

brasileira no pós-abolição, 1888, tomou três atitudes objetivas e concretas. Em 1891 o ministro manda fazer a queima dos arquivos da escravidão. Se ele não tivesse feito isso, pessoas como eu e como você teríamos o registro dos nossos antepassados escravizados e poderíamos chegar no cartório dessas regiões, pegar esses registros e mover ações de indenizações contra o Estado. Nós não estaríamos discutindo cotas, não estaríamos discutindo ações afirmativas. Estaríamos com a prova de que nós hoje sofremos desvantagens porque nossos antepassados teriam sido escravizados. Como os judeus foram indenizados em milhões de euros por conta de sete anos de sofrimentos no nazismo. Sete anos. Isso é coisa recente. Nós ficamos aqui durante quase 400 anos. Então é o seguinte: Queima dos arquivos. A segunda medida o incentivo massivo, com o apoio do Estado brasileiro, à imigração. Durante 30 anos, de 1890 a 1920, chegaram aqui quatro e meio milhões de europeus. Passagens pagas, terra e trabalho. Não por acaso o Rio Grande do Sul é majoritariamente branco. O Estado teve uma política para isso. E a outra medida do Estado, com Casa Grande e Senzala do Gilberto Freyre, o Estado Brasileiro incorpora como ideologia desse estado o mito da democracia racial. A ideia de que o problema do racismo aqui não era sério. Na verdade aqui a escravidão não foi um processo privado, foi um negócio do Estado. Tudo era regulado por leis, Lei do Ventre Livre, Lei dos Sexagenários, Lei Áurea. Só na constituição de 46 é que esse esforço branqueador desaparece. Todo o esforço na primeira metade do século XX foi no sentido de branquear o país porque se entendia que o país só se desenvolveria se se desenvolvesse à sombra dos valores europeus. Não era uma ideologia só, era uma ideologia que se materializou em leis, em decretos, na Constituição. O benefício econômico era o seguinte: Eles não estão entrando simplesmente como mão de obra. As grandes fazendas de café em São Paulo tinham os imigrantes que trabalhavam como assalariados, mas muitas dessas fazendas foram entregues. A garantia da terra e do trabalho. Veja como isso tem um crivo que não dá para ignorar. Durante quase 400 anos esse pessoal que agora estava na rua, nos morros, esse pessoal se especializou em trabalhar em qualquer coisa. Não foi por falta de mão de obra. Quem mais estava preparado para trabalhar em qualquer coisa do que quem há 400 anos trabalhou na extração de cana de açúcar, na extração de ouro, na plantação de café? O problema é que quando acontece a mudança do regime de trabalho do escravo para o assalariado o proprietário se via mais a vontade para lidar com o imigrante da sua mesma cor, vindo da Europa, do que com o negro que até ontem era escravo dele. Nós estamos falando de capitalismo. O capitalismo no Brasil, você só pode considerar de maneira muito incipiente com o processo de industrialização da revolução de 30. Antes disso, mesmo aqui em São Paulo, por exemplo, os líderes operários todos de sobrenome italiano, todos eles eram

imigrantes. As fábricas têxteis e tudo mais são um capitalismo extremamente incipiente e a disputa pela força de trabalho acontece com o surgimento oficial do movimento operário. Você sai da monarquia e entra na república, sai do regime do trabalho escravo e entra no regime do trabalho assalariado e há por parte da elite dirigente do estado, escolhas. Essas escolhas sempre passaram por jogar na lata do lixo essa gente que até então servia como escravo. Foi uma escolha. João Batista de Lacerda, em 1911, no congresso em Londres, era o delegado brasileiro num congresso de antropologia. Ele dizia o quê? Ele dizia que em 100 anos o Brasil estaria livre da mancha negra. Estabelecemos um prazo para o fim dos negros no Brasil! Isso circulava na imprensa. O Lobato, essa questão polêmica que apareceu, é por conta disso aqui, a educação eugênica. Para quem tem a visão de uma educação eugênica que era a educação estimulada pela constituição de 34, Monteiro Lobato é perfeito. Os caras não fazem a projeção do que servia, o que a constituição de 34 dizia, não cabe hoje. O emprego do imigrante. Se fosse por opção econômica, eram os negros que estariam empregados. Os imigrantes vinham com as ideias já do socialismo, do comunismo. Chegavam aqui embasados. O Estado podia dar incentivos para a melhoria da situação do negro no mercado de trabalho, mas não se pode esquecer que o estado reproduz uma orientação racista. Estou lendo o livro do Joaquim Barbosa, o ministro, Direito Comparado, em que ele aborda a questão da *Executive Order* do *Johnson* nos Estados Unidos, as ações afirmativas nos Estados Unidos. O que ele fez? Baixou um decreto que dizia “a partir de hoje em todas as obras contratadas pelo Estado, as empresas precisam ter tal percentual de negros”. Simples, não é? Percebe por que as coisas avançaram lá? Eu estive agora em Atlanta, em Washington, e é diferente. É diferente e serve. Não dá para copiar como alguns tentam fazer aqui. Porque de fato o modelo de segregação dos Estados Unidos criou uma situação completamente distinta, de separação mesmo. Iguais, mas separados. Mas criou, por outro lado, uma autoestima extraordinária. Um sentido de amparar-se na comunidade em que não há a autofagia em que nós vivemos aqui. Nos EUA, quando um negro ascende todos se juntam para elevá-lo. Aqui todos se juntam para puxá-lo para baixo. Essa é uma das questões ideológicas pelas quais nós estamos como estamos. Somos uma maioria e continuamos nos comportando como uma minoria. Essas questões passam por um profundo conhecimento da nossa realidade histórica. Como derrubar alguns mitos que não se sustentam? Quer ver um mito que não se sustenta? A ideia de que nós temos um povo negro no Brasil é falsa. Em alguns documentos, alguns setores, você vai ver “povo negro”. Que povo negro, cara-pálida? De que povo negro você está falando? Os 10 milhões, alguns autores falam em 15 milhões de negros que vieram para cá, escravizados, vieram de diferentes partes da África, de diferentes regiões, diferentes

culturas, inclusive antagônicas. Nós não temos um povo negro, temos povos de origem africana no Brasil. Você falar de povo negro é padronizar num padrão inexistente, ignorando as diferenças linguísticas, as diferenças culturais, as diferenças religiosas. E mais: além dessas diferenças de lá, o colonizador, os negreiros, não vinham com povos das mesmas regiões. Quando eles fizeram isso, deu confusão, deu revolta, a revolta dos malês, 1835 em Salvador. Juntam todos os muçulmanos e o que acontece? Se rebelam. A fuga para os quilombos quase sempre era por essa afinidade que havia, tinha a ver com língua, religião. É preciso acabar com alguns mitos que nos prendem, as ideias equivocadas. E apontar numa direção afirmativa para o Brasil.

O que nós queremos é transformação de fato, transformações reais. Não para inglês ver. Fomos vítimas a vida inteira. Isso requer um movimento social diferente do que este que está. Não um movimento social que fica achando que a academia vai resolver tudo. Sabe o que está acontecendo? Não é o seu caso. A perspectiva que muita gente tem é a seguinte, inclusive de cotas. A perspectiva é entrar numa universidade, de preferência pública, fazer mestrado e virar doutor. Aí você vai aos seminários e vê doutor não sei quem. E daí? Entendo que a titulação seja um mecanismo de abertura de portas, mas tem muita gente (ouso dizer que a maioria) vai atrás do título para ser aceito como negro. Aceitou? Ele acha que não tem mais problema. Ele não tem essa responsabilidade que você está colocando aqui “olha, eu ou fazer mestrado na USP para poder fazer o processo acontecer”. Se todos fizessem isso nós teríamos uma situação diferente. Eu até posso às vezes cometer impropriedade de generalizar e a generalização frequentemente é burra, mas o que a gente tem visto é que se você se basear nos últimos 5 anos, que entrou mais gente nas universidades por cotas do que nos últimos quinhentos anos, isso é uma conquista extraordinária. Desde que os beneficiados por uma luta social que pertence ao Brasil não achem que basta. Alguém que se forma por cotas tem que ter responsabilidade social de apresentar uma contrapartida. Em qualquer universidade pública é necessário, mas mais ainda para nós. Sabe por quê? Porque hoje existem 90 universidades com cotas e nós sabemos o enfrentamento que teve que ser feito para que esta política fosse aceita nessas universidades. Então quem entra por cotas não é culpado disso, ele não tem responsabilidade sozinho sobre isso. Mas nós que pensamos o Brasil, pensamos um movimento social autônomo de partidos, independente de partidos, capaz de transformar e democratizar o Brasil, nós temos que dizer pra esses meninos: “Olha, como é que vocês entram pelo PROUNI? Entram por cota. Tem uma história atrás de vocês! Vocês têm um compromisso com a gente, vocês não podem achar que virar doutor na USP, na UNIFESP, que isso já resolveu o problema de vocês. Porque pode ter resolvido sim o problema de vocês,

mas vocês são herdeiros de uma luta que não começa e não termina com vocês”. É disso que estou falando. O que eu noto efetivamente. Por isso que estou falando de um movimento social com um novo paradigma, é porque a gente vê negro achando “Ah, vou entrar na USP, fazer meu mestrado, depois viro doutor e isso me dá cacife para bons empregos, isso melhora o meu currículo, isso faz eu me aproximar do Estado e acabou”, e vira as costas para os milhões que estão aí.

Para a família daquele negro que se formou, certamente ele servirá como exemplo. Qualquer pessoa que se forme, acesse uma universidade será exemplo no seu núcleo. No meu caso, sou o primeiro da minha família. O que eu quero dizer é o seguinte: para além da conquista pessoal, nós temos um compromisso social. Para além do simbólico, nós temos um compromisso social. Nós precisamos trabalhar nas duas perspectivas. Eu não sei se você está percebendo a minha abordagem dessa questão, que é uma abordagem que, sem deixar de ser própria de um ativista do movimento pela igualdade, aponta para uma perspectiva política de transformações. Eu não acredito nesse sistema que está aí, acredito que o capitalismo tem uma natureza contraditória por natureza, mas não acho que essa questão deva ser elemento central da nossa pauta. O elemento central da nossa pauta para a população negra brasileira é a inclusão, sem o quê nós não podemos falar de democracia, nem de Estado de direito e nem de República. Isso é fato. Mesmo a inclusão propiciada pelos sistemas de cotas e pelo PROUNI é relativa. Os negros continuam indo para as licenciaturas e para os cursos de menor prestígio. Ainda há a questão da permanência.

O que eu sinto é que nós precisamos ampliar esse debate para além dessas fronteiras demarcadas de um movimento negro retrógrado, conservador, reacionário, que diz que você tem que casar com um negro tão negro como você. Isso não é político, é reacionário. Porque quer limitar a opção das pessoas a um mundo bicolor. O mundo para mim tem todas as cores. O que me define como negro não é a melanina. É a postura política que eu assumo. Negro não é padrão de caráter. Como ser gay não é padrão de caráter. Como ser de esquerda não é padrão de caráter. E tem muita gente que coloca essas categorias como padrão de caráter. A postura política é que te define frente à realidade, não é a cor da sua pele. Preconceito, discriminação, estereótipo, racismo, são conceitos fundamentais de se trabalhar. Porque as pessoas fazem uma confusão muitas vezes até proposital. Ter preconceito é um atributo humano. Todos nós temos. O preconceito é como você humano lida com o estranho. É a primeira impressão. Por exemplo, quando você bateu nessa porta, tocou essa campainha e eu apareci, você criou uma imagem. Isso é naturalíssimo. Ninguém deve achar que isso é alguma coisa errada senão você vai se sentir culpado de qualquer coisa. Preconceito é pré-juízo, pré-

concepção, é aquilo que nos permite lidar com a diferença. Porque você cria uma reserva: como é que eu vou lidar com esse cara aqui que eu não conheço? Eu nunca vi esse cara, não sei como ele é. Aí você cria uma ponte tênue de contato. O problema começa quando o pré vira conceito. E também é tênue demais esse caminho. Porque de determinadas atitudes, de determinadas posturas, você pode depressa passar a ter o conceito de que eu sou isso ou sou aquilo. Esse cara usa brinco. Esse cara usa boné. Esse cara é gay, um pervertido sexual. Olha o risco das coisas. O estereótipo é o carimbo. Fulano de tal é judeu, fulano é sovina. Fulano de tal é negro, é preguiçoso, sujo. E aí se criam os mitos. O negro é um objeto sexual mal resolvido na cabeça das pessoas brancas de um modo geral porque ele é associado como tendo o pênis avantajado. Em contraposição o japonês é o contrário. Então eventualmente pode ter um japonês que não tenha essa característica e nem um negro, mas o estereótipo é isso. Gruda um carimbo que desumaniza porque você não é mais a Melissa, você é membro de um grupo que tem determinadas características e você passa a ser tratada a partir dessas características. Racismo decorre da hierarquização das diferenças. Pode ser cultura, pode ser o fenótipo, pode ser origem regional, religião. Pressupõe poder, você precisa ter poder para excluir, poder para discriminar, poder para retirar. Por isso, frequentemente, a gente esquece que o menino negro e o menino branco jogam juntos no campinho aqui da rua. Não tem problema. O menino não tem nenhum problema ali. O problema começa quando esses dois vão procurar emprego, vão para a escola. Aí ele começa a ser classificado, começa a ser alvo da discriminação e da exclusão em determinados espaços de quem tem poder. A discriminação nesse caso é racismo. Por isso eu sou muito cauteloso com afirmações “Ah, isso é racismo”. Calma pessoal. Racismo é conduta, enquanto preconceito é atitude interna, subjetiva. Enquanto a atitude dela não se exterioriza numa conduta, é um direito dela. Se alguém tem um estabelecimento comercial e te proíbe de entrar, aí é racismo. Já se a pessoa está na casa dela e não te deixa entrar por ser negra e por ela “não gostar de negros”, é direito. Domicílio é inviolável no Brasil.

O racismo é o ato de impedir, discriminar, não permitir que você usufrua. O fato de você ser atacado na rua e ouvir “seu negro, filho de não sei o quê”. Isso não é racismo, isso é injúria racial. Parágrafo terceiro, artigo 140 do código penal. Tem pena de detenção. O Estatuto da Igualdade tem uma série de coisas interessantes. O que eu tenho dito: o Estatuto é tudo e é nada. É tudo porque se não houver demanda, pressão do movimento social, ele fica como está. Ele é importante porque ele é um marco legal. Então é preciso dar nome às coisas, o nome que elas têm. Eu fico louco, entro na internet e vejo “genocídio da juventude negra”. Cuidado com as palavras, elas tem um poder extraordinário! E também o poder de iludir.

Defina as coisas como elas são. Genocídio é o extermínio de um grupo étnico. Para começar nós não somos um grupo étnico. Começa por aí. Depois, genocídio é o extermínio, você não pode chamar a matança sistemática de jovens negros por conta dessa situação que nós vivemos de genocídio porque quando você faz isso você diminui a dimensão e não age. Fica na propaganda, que é o que frequentemente a gente assiste aqui. No dia em que eu tiver elementos para denunciar o Estado Brasileiro por genocídio, primeiro isso não se aplicará a negros porque não somos um grupo étnico. Se aplicará a uma nação indígena. Eu vou para os tribunais internacionais.

Fechamos o mês de dezembro com 25 mil leitores na *Afropress*. 25 mil em 30 países do mundo. Estatística. Eu tenho movimento diário. Sobre a *Afropress* nós temos duas teses já. Uma da Universidade Federal de Sergipe e outra da Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. E agora tem uma tese da UnB, respondi entrevista antes de ontem. A gente faz muita coisa, só não ganha dinheiro. Posso dizer para você que a *Afropress* é uma vitória, uma conquista extraordinária. Eu e minha mulher somos jornalistas e a ONG *ABC sem racismo* precisava de um projeto nosso de comunicação, ter visibilidade. Para levar informação com independência. Não somos chapa branca, não estamos atrelados a partidos, não estamos atrelados a grupos. É informação. O que você vai fazer da informação é um problema seu. Como você vai formar a sua cabeça a partir daquilo que lê é problema seu. Saber é poder. Informação é conhecimento. Conhecimento é poder. Quem sabe, pode. Quando pode, como pode, onde pode. O que nós temos feito é um trabalho de empoderar, levando informação. Por isso a informação tem que ser o mais isenta possível. Não existe informação isenta. Todo texto carrega uma carga ideológica de quem o produz, é a visão de mundo. Não existe neutralidade. Eu não sou neutro coisa nenhuma. Nunca fui e jamais serei. Agora o que existe é informação objetiva em relação ao que se passa. Você pode ver o que se passa de diferentes ângulos. Eu passo do meu ângulo, mas é o que se passa. Aquilo se passou. A gente fala, por exemplo, do caso da mãe de santo da Bahia. Foi aquilo que aconteceu. Agora no editorial é a minha opinião, no editorial é a opinião da *Afropress* e eu sou o editor. Você não imagina o quanto eu apanho.